

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

Ester Vitória Basilio Anchieta

**INCORPORAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DO CORPO: O ESPAÇO SUB-
ROGADO NO DISCURSO NARRATIVO DE UMA TRADUÇÃO
DE LITERATURA INFANTIL DO PORTUGUÊS PARA A
LIBRAS**

Florianópolis
2017

Ester Vitória Basilio Anchieta

INCORPORAÇÃO E PARTIÇÃO DO CORPO: O ESPAÇO SUB-
ROGADO NO DISCURSO NARRATIVO DE UMA TRADUÇÃO DE
LITERATURA INFANTIL DO PORTUGUÊS PARA A LIBRAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução da
Universidade Federal de Santa Catarina
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre em Estudos da Tradução:
Estudos da Interpretação.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio de Arantes
Leite

Coorientadora: Neiva de Aquino Albres

Florianópolis

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Anchieta, Ester Vitória Basilio
INCORPORAÇÃO E PARTIÇÃO DO CORPO: O ESPAÇO SUB
ROGADO NO DISCURSO NARRATIVO DE UMA TRADUÇÃO DE
LITERATURA INFANTIL DO PORTUGUÊS PARA A LIBRAS /
Ester Vitória Basilio Anchieta ; orientador, Tarcísio
de Arantes Leite, coorientador, Neiva de Aquino
Albres, 2017.
190 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Libras. 3. Tradução de
literatura infantil. 4. Espaço Sub-rogado. 5. Espaços
mentais integrados. I. Leite, Tarcísio de Arantes .
II. Albres, Neiva de Aquino . III. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Tradução. IV. Título.

Ester Vitória Basilio Anchieta

**INCORPORAÇÃO E PARTIÇÃO DO CORPO: O ESPAÇO
SUBROGADO NO DISCURSO NARRATIVO DE UMA
TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTIL DO PORTUGUÊS
PARA A LIBRAS**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em estudos da tradução: Estudos da interpretação e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Florianópolis, 15 de setembro de 2017.

Prof^a. Dirce Waltrick do Amarante, Dr^a.

Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução

Banca Examinadora:

Prof. Werner Ludger Heidermann, Dr.

UFSC/PGET

Prof. André Ribeiro Reichert, Dr.

UFSC/LETRAS-LIBRAS

Prof^a. Rachel Louise Sutton Spence, Dr^a.

UFSC/PGET

A Deus que me sustenta com destreza.

AGRADECIMENTOS

Não só agradeço, mas louvo a Deus por sua bondade e sustento imensuráveis pela minha vida. Lembro-me quantas vezes bati à porta do Pai para pedir socorro, saúde, tempo, condições e força de vontade. Ele me fez vencedora. A Ele todo mérito por este trabalho.

Agradeço imensamente ao meu orientador Tarcísio de Arantes Leite por me fazer crescer dez anos em dois. Com uma paciência irrevogável, conduziu-me nesta pesquisa me fazendo abrir os olhos, me fazendo ouvir com os olhos. Meu mais sincero agradecimento e admiração.

À minha coorientadora Neiva de Aquino Albres, por me ensinar toda organização de uma pesquisadora e, sobretudo, por me fazer amar ainda mais a literatura infantil. Muito obrigada!

Agradeço ao meu esposo Nathan, que sempre me apoiou com amor. Obrigada por ser meu grande amigo, companheiro e motivador de novas conquistas. Meu coração está a ti confiado.

Agradeço de todo o meu coração aos meus pais, Jorge e Cleide, que me apoiaram desde que respirei sozinha pela primeira vez, e, assim, passaram a viver em prol do meu crescimento. Nenhum amor no mundo faz o que vocês já fizeram por mim. Fizeram da vida de vocês meu lar, do abraço de vocês o meu conforto, da boa palavra dada, minha essência. Sem vocês com certeza eu não estaria aqui. Obrigada por sonharem comigo e se esforçarem tanto para ver minha felicidade e realização profissional.

Ao Samuel por me incentivar a não parar, por me aconselhar sobre a carreira docente que compartilhamos. Agradeço a você, meu irmão, à Du e à Ana por todo apoio.

Aos meus amigos e colegas de trabalho que contribuíram nas gravações desta pesquisa: Marcos Alexandre Marquioto, Bruno Ramos, Patrícia Gazale e Lygia Neves, as quais dispensaram tempo para o estudo da tradução bem como para gravação. Agradeço por todo carinho.

Agradeço aos professores que participaram da minha banca na qualificação do mestrado: Prof^o Markus Weininger e Prof^a Janine Oliveira por contribuírem tanto com o andamento da pesquisa.

Aos funcionários da PGET, aos professores que participam do programa, à equipe de tradutores e interpretes da UFSC, que me acolheram. Agradeço aos amigos que fiz nesta jornada. Agradeço aos que redescobri. Muito obrigada.

Agradeço à Universidade Católica de Petrópolis, por me inserir em seu corpo docente para que juntos trilhássemos a acessibilidade.

Agradeço nominalmente aos meus queridos Odair e Dorinha, por me revelarem o mundo da língua de sinais.

À Vanessa e ao Davi por uma amizade tão sólida.

Aos meus sogros Anchieta e Lindalva por terem se feito pais e me acolherem com tanto amor e ao meu cunhado David por ter me feito irmã.

À todos os queridos irmãos da Igreja Cristã Maranata que oraram por mim.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a algumas pessoas que “passaram” pela minha vida neste período, mas que conquistaram um espaço especial em meu coração; Franz Kafta, Gisele Iandra, Bianca Senna, Bianca Silveira, Paulo Henru e Delir. Talvez não saibam a importância que tiveram, mas fizeram muita diferença nos meus dias em Florianópolis.

Esta vitória, que oculta muitas abdições, hoje transparece toda gratidão que é aqui, compartilhada com todos vocês.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livro Vira-Lata	25
Figura 2- Capa do Livro Rapunzel surda.	41
Figura 3 - Capa do livro Cinderela Surda.....	41
Figura 4 - Capa do Livro Patinho Feio.	41
Figura 5 - Capa do Livro O canto de Bento	42
Figura 6 - Capa do Livro A família sol, lá, si.....	42
Figura 7- Capa do livro O feijãozinho surdo.....	43
Figura 8 - Capa do livro Mãos tagarelas bocas sorridentes.....	43
Figura 9 - Capa do livro Um mistério a resolver: O mundo das bocas mexedeiras.....	43
Figura 10 - Capa do livro Óculos de ouvido	43
Figura 11 - Capa do livro A casa amarela.	43
Figura 12- Capa do livro Mingau e o pinheiro torto	44
Figura 13 - Capa do livro O silêncio de Júlia.....	45
Figura 14 - Capa do livro Clara, a ovelhinha que falava por sinais.	46
Figura 15 - Capa e contracapa dos livros: O homem que amava caixas e Guilherme Augusto Araújo Fernandes.....	49
Figura 16. - Capa do livro A cigarra surda e as formigas.....	50
Figura 17 - Capa do livro Contos de Andersen - O patinho Feio.	54
Figura 18 - Páginas 4 e 5 do livro Vira-Lata.	61
Figura 19 - Construção cognitiva da narrativa (1).....	62
Figura 20 - Ilustração da teoria dos espaços integrados de Liddell.	64
Figura 21- Sinal 1 usado para Vira-Lata (andando).	70
Figura 22 - Sinal 2 usado para Vira-Lata (andando).	70
Figura 23 - Exemplo usado por McCleary e Viotti (2014) - Filme da Pêra.....	72
Figura 24 - Páginas 4 e 5 do livro Vira-Lata.	75
Figura 25 - Experiência de tradução pela pesquisadora- Tradutora e imagem.....	78
Figura 26 - Cachorro para o lado direito da tela e intérprete para o esquerdo.	79
Figura 27 - mulher-adoptiva chamando o cachorro pelo lado direito e intérprete pelo esquerdo	79
Figura 28 - Tradutora sinalizando cachorro (1).	80

Figura 29 - Tradutora sinalizando cachorro (2).....	80
Figura 30- Recorte ELAN - Trilha Espaço Sub-rogado.....	83
Figura 31 - Tela do ELAN com a narrativa analisada.....	86
Figura 32 - Trilhas do ELAN.....	87
Figura 33 - Trilhas no ELAN (2).....	87
Figura 34 - Partição do corpo do tradutor.....	89
Figura 35 - Tradutor sinalizando DE-NOVO para a câmera (seu interlocutor).....	96
Figura 36 - Página 5 do livro Vira-Lata.....	97
Figura 37 – SOZINHO.....	97
Figura 38 –CUIDAR.....	97
Figura 39- NADA.....	97
Figura 40 - mulher-adotiva sinalizando VOCÊ.....	98
Figura 41 - mulher-adotiva sinalizando FICAR.....	98
Figura 42 - mulher-adotiva sinalizando VAI-EMBORA.....	98
Figura 43 - Token de cidade	99
Figura 44- 3 Tokens de prédio	100
Figura 45- Token de avião	100
Figura 46- Uso integrado de token e sub-rogado por meio da partição do corpo.....	101
Figura 47 - ANIMAL-ANDAR.....	102
Figura 48 - Dois padrões básicos dos espaços sub-rogados.....	103
Figura 49- Esquema espacial do espaço sub-rogado em 10(c).....	104
Figura 50 - Partição do corpo entre narrador e personagem.....	106
Figura 51 - Sinal de FOME por CAPOVILLA (2000).....	107
Figura 52 - Partição do corpo para expressar pensamento ou sensação do personagem.....	107
Figura 53- Gesto icônico do cachorro “comendo”, trazendo as patas até a boca.....	108
Figura 54 – Personagens que envolveram incorporação total na narrativa.....	110
Figura 55 - ANIMAL-ANDAR.....	111
Figura 56 – ANIMAL-REPOUSAR.....	111
Figura 57 - ANIMAL-CORRER.....	111
Figura 58 – Introdução de token do cachorro na narrativa.....	112

Figura 59- Página 14 do livro Vira-Lata	116
Figura 60 - pessoa-com-frio segurando um agasalho	117
Figura 61 - pessoa-com-frio acaricia o cachorro	117
Figura 62 - pessoa-com-frio segurando um agasalho	117
Figura 63 - Introdução do personagem cadeirante	118
Figura 64 - Cadeirante acaricia o cachorro 	118
Figura 65. Introdução do cadeirante na história.....	118
Figura 66- mulher-adotiva com a panela a frente.....	119
Figura 67 - mulher-adotiva colocando a panela ao lado	119
Figura 68 - Ambiguidade na interpretação da incorporação na mulher- adotiva 	121
Figura 69 - mulher-adotiva conversando com o cachorro	122
Figura 70 - mulher-adotiva com o cachorro no colo	122
Figura 71 - mulher-adotiva pegando uma caixa para o cachorro dormir	122
Figura 72- Mapeamento da incorporação parcial (em construção)	122
Figura 73 – Incorporação parcial com token que introduz três personagens simultaneamente.	123
Figura 74 - Livro Vira-Lata p. 23.....	124
Figura 75 - Introdução dos personagens homem2 , menina e menino 	124
Figura 76 - Apontamento para homem2 	125
Figura 77 - Sinal de identificação pessoal de homem2	125
Figura 78 – Incorporação total de homem2 	125
Figura 79- Retomada de menina na cena.....	126
Figura 80- Sinal de identificação pessoal de menina	126
Figura 81- Incorporação total de menina	126
Figura 82 - Introdução do menino 	127
Figura 83 - Sinal de identificação pessoal dado ao menino	127
Figura 84 - O menino observa e narrador sinaliza VER.....	127
Figura 85 - Incorporação total do menino que sinaliza PODER.....	127
Figura 86 – Mapeamento da incorporação parcial (em construção) ...	129
Figura 87 - Página 9 do livro.....	130
Figura 88- Introdução do homem-bravo	130
Figura 89 - Narrador sinalizando HOMEM	130

Figura 90 - homem-bravo sinaliza EXPULSAR	130
Figura 91 – Desenho do Cachorro encontrando o abrigo.....	131
Figura 92 - Cachorro olhando para a entrada do abrigo 	132
Figura 93 - cachorro vê homem-do-abrigo entrando	132
Figura 94 - cachorro vê a porta do abrigo se abrir	132
Figura 95 - cachorro entrando no abrigo (Incorporação).....	132
Figura 96 - cachorro dentro do abrigo 	132
Figura 97 - Incorporação total do cachorro 	133
Figura 98 - Partição do corpo entre cachorro e narrador introduz o último personagem.....	133
Figura 99 – Mapeamento de padrões de sub-rogados na narrativa Vira- Lata	134

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Obras que citam identidade Surda – Editora ULBRA.	40
Tabela 2- Livros com personagens animais surdos - Editora Ciranda Cultural.....	42
Tabela 3- Livros onde o protagonista é surdo(a).....	43
Tabela 4 - Diferentes sinais usados para Vira-Lata (andando).....	69
Tabela 5- Tradução da página 4 e 5 na primeira versão da tradução de Vira-Lata.	90
Tabela 6 - Personagens da narrativa.....	92
Tabela 7 - Espaço real evidenciado no olhar do narrador	97
Tabela 8 – Espaço real integrado ao token e sub-rogado.	98
Tabela 9 - Ocorrências de token na narrativa.....	99
Tabela 10- Exemplos dos dois padrões de sub-rogados na narrativa..	104
Tabela 11 - Incorporações totais do cachorro	111
Tabela 12- Introdução sutil do cachorro por meio da orientação do rosto e olhar.....	113
Tabela 13-Tipos de sub-rogado do personagem cachorro 	115
Tabela 14 - Incorporação de pessoa-com-frio 	117
Tabela 15 - Introdução da personagem mulher-adotiva 	119
Tabela 16 - Incorporações totais da mulher-adotiva	122
Tabela 17 - Sinalização do cachorro encontrando o abrigo 	132
Tabela 18- Tabela descritiva páginas 4 e 5	166
Tabela 19- Tabela descritiva páginas 6 e 7	167
Tabela 20- Tabela descritiva páginas 8 e 9	169
Tabela 21- Tabela descritiva páginas 10 e 11	171
Tabela 22 - Tabela descritiva páginas 12 e 13	172
Tabela 23- Tabela descritiva páginas 14 e 15	173
Tabela 24- Tabela descritiva páginas 16 e 17	175
Tabela 25- Tabela descritiva páginas 18 e 19	177
Tabela 26- Tabela descritiva páginas 20 e 21	180
Tabela 27- Tabela descritiva páginas 22 e 23	183
Tabela 28- Tabela descritiva páginas 24 e 25	185
Tabela 29- Tabela descritiva páginas 26 e 27	188
Tabela 30- Tabela descritiva páginas 28 e 29	189

Tabela 31- Tabela descritiva páginas 30 e 31	190
Tabela 32- Tabela descritiva página 32	192

LISTA DE SIGLAS

LP - Língua Portuguesa

Libras - Língua brasileira de sinais

ELAN - Eudico Language *Annotator*

ASL - American SignLanguage

L1 – Primeira língua

L2 – Segunda Língua

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma análise sobre o uso do espaço sub-rogado no discurso narrativo em uma tradução de literatura infantil para língua brasileira de sinais (Libras). Este trabalho parte da ideia de que é preciso investigar como o tradutor articula seus membros a cada vez que corporifica um personagem. As discussões são inclinadas a descrever os eventos de partição do corpo do tradutor e a incorporação. Para estudar produções especificamente em discursos sinalizados, temos como base Dudis (2004, 2007, 2011), que analisa discursos em língua de sinais americana (ASL) e estuda especificamente a partição do corpo em língua de sinais, dando continuidade aos estudos de Liddell; McCleary & Viotti (2010, 2011, 2014), que analisaram narrativas em libras. Através do software ELAN - Eudico Linguistic Annotator foi possível transcrever dados coletados de um sujeito surdo. O objetivo desta pesquisa é dar início à descrição de padrões de uso do corpo nos espaços sub-rogados, parte da teoria de espaços mentais (Fauconnier, 1994 [1985]; Fauconnier & Turner, 1998). Busquei identificar semelhanças entre o uso do corpo do tradutor ao corporificar cada personagem da história. Com os estudos empíricos realizados e a construção e uma transcrição da narrativa, foi possível (i) Analisar ocorrências de partição do corpo e de incorporação total com os personagens da narrativa, (ii) Analisar como o rosto, o olhar, o tronco e as mãos são usadas durante a tradução e assim, refletir sobre o espaço de sinalização, para construir, representar e caracterizar os personagens da história.

Palavras-chave: espaços mentais; espaço sub-rogado; partição do corpo; incorporação; tradução de literatura infantil, Libras, Língua de sinais.

ABSTRACT

This dissertation presents an analysis of the use of Surrogate Space in narrative discourse in a translation of children's literature into Brazilian sign language (Libras). This work is based on the idea that it is necessary to investigate how the translator articulates its members each time it embodies a character. The discussions are inclined to describe the partitioning events of the body of the translator and an embodiment. With the aim to study specifically productions about signed discussions we rely on Dudis (2004, 2007 and 2011) which analysis speeches on American sign language (ASL) and studies specifically a partition of the body in sign language, giving continuity to the studies of Liddell; McCleary & Viotti (2010, 2011 and 2014), who analyzed narratives in Libras. Through the software ELAN - Eudico Linguistic Annotator it was possible to transcribe data collected from a deaf individual. (Fauconnier, 1994, Fauconnier & Turner, 1998). The purpose of this research is to begin the description of patterns of use of the centers in the Surrogate Spaces, part of the theory of mental spaces. We searched for identifies marks at the body of the translator to the corporate each character at the story. With empirical studies and the construction of a transcription of the narrative, it was possible to: (I) analyze the occurrence of body partitioning and total incorporation with the characters of the narrative; (II) analyze how the face, the look, the trunk and the hands and the transactions of the narrative, the look, the trunk and the hands are used during a translation and therefore reflect on the signaling space to construct, represent and characterize the characters of the story.

Keywords: Mental spaces; Surrogate Space; Partition of the body; incorporation; Translation of children's literature, Libras, language sign.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	25
2. EDUCAÇÃO DE SURDOS E LITERATURA INFANTIL	31
2.1. INTRODUÇÃO	31
2.2. EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS	35
2.2.1. Materiais pedagógicos Português/Libras	38
2.3. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM LIBRAS E LIVROS TRADUZIDOS PARA A LIBRAS	46
2.4. ESTUDOS DA TRADUÇÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO DE SURDOS.....	51
2.5. CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	57
3. LÍNGUAS DE SINAIS E OS ESTUDOS SOBRE ESPAÇOS MENTAIS	59
3.1. INTRODUÇÃO	59
3.2. ESPAÇOS MENTAIS.....	60
3.3. A PROPOSTA DE LIDDELL.....	65
3.3.1. Espaço real	65
3.3.2. Espaço token	67
3.3.3. Espaço sub-rogado	68
3.4. PARTIÇÃO DO CORPO	71
3.5. CONCLUSÃO DOS CAPÍTULOS	73
4. PERCURSO DAS PESQUISAS	74
4.1. INTRODUÇÃO	74
4.1.1 Etapas da pesquisa	75
4.3. A EXPERIMENTAÇÃO DA TRADUÇÃO PELA PESQUISADORA	78
4.5. SUJEITO(S) DA PESQUISA E A COLETA DE DADOS.....	83
4.6. SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO.....	86
4.7. ANÁLISES DAS TRADUÇÕES	89
5. ANÁLISE	92
5.1 – INTRODUÇÃO	92

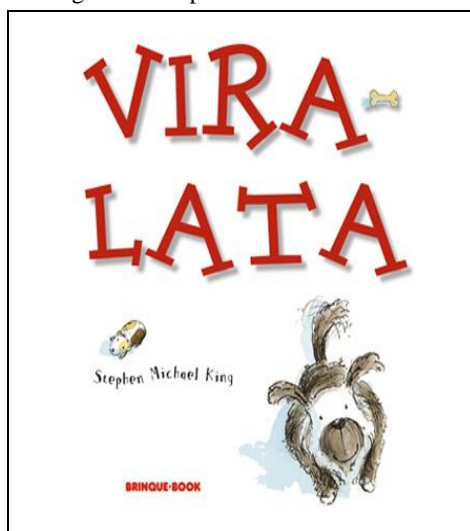
5.2. ANÁLISE DESCRITIVA.....	95
5.2.1. A categorização dos espaços mentais na narrativa em Libras	95
5.2.2. Introdução aos dois padrões básicos de sub-rogado identificados.....	102
5.3. CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	135
6. CONCLUSÃO	138
7. APÊNDICE (TCLE)	163
8. ANEXOS	166
8.1 – TABELAS DESCRITIVAS	166

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo descrever características do uso do espaço sub-rogado em um discurso narrativo em Libras. Aqui, a narrativa em questão foi produzida a partir de uma tradução de uma obra de literatura infantil, da Língua Portuguesa (LP) escrita para a Língua brasileira de sinais (Libras) videogravada, tradução essa realizada por um tradutor surdo proficiente e experiente.

A obra “Vira-Lata”, de Stephen Michael King, foi escolhida como a base para a criação da narrativa em Libras neste estudo. O autor da obra original também é surdo e ele foi o ilustrador do próprio material.

Figura 1 – Capa do livro Vira-Lata



Uma das teorias mais importantes para a compreensão do discurso narrativa em línguas de sinais é a dos chamados “Espaços Mentais” (FAUCONNIER, 1994; FAUCONNIER & TURNER, 1998), que nos permitiram compreender as diferentes maneiras pelas quais o espaço à frente do sinalizador é explorado para a construção de sentidos no discurso em línguas de sinais. Liddell (2003), o pesquisador que articulou a teoria dos espaços mentais com as pesquisas que tomam por base as línguas de sinais, argumenta que o discurso sinalizado é

estruturado a partir de três diferentes (porém relacionados) usos do espaço: o espaço real, o espaço token e o espaço sub-rogado.¹ Além disso, ele define a integração de espaços mentais como uma operação cognitiva geral que combina ou mistura espaços mentais diferentes, para produzir diferentes nuances de significado. Assim, compreendemos que explorar a obra de Liddell nas pesquisas com a Libras é um passo fundamental para iniciarmos uma compreensão mais aprofundada sobre as narrativas em Libras.

Em uma perspectiva educacional e do desenvolvimento cognitivo, emocional e moral, é sabido que as narrativas constituem uma prática corriqueira dentro das salas de aula e no seio de muitas famílias. A narração e a conversação, portanto, transcendem um momento de deleite e produzem conhecimento, crescimento e percepção.

A contação de histórias enquanto prática educacional pode ser feita de forma (corp)oral (McCleary, 2003), ou pode também ser feita com o suporte de livros, especialmente no contexto de sociedades letradas em que textos escritos tem grande valor social.

Considerando que a contação de histórias é uma prática real e importante na formação de um indivíduo e na propagação de conhecimentos e valores, esse trabalho contribui e compactua com a ideia de que a literatura infantil é indispensável na vida das pessoas. Sendo essa indispensável e sabendo que em sua maioria essas produções são escritas com base em línguas orais, como o Português, de que maneira acontece a acessibilidade de tal produto para um leitor surdo²? É aonde chegamos ao domínio da tradução.³

O ato de narrar é uma ação humana primordial e as pinturas nas cavernas foram os primeiros registros de narrações do que se acontecia

¹ Além destes estudos, entendemos neste trabalho que outros teóricos exercem sobre o mesmo prisma, pontos de vista similares. Sobretudo, no que de relaciona ao tipo de tradução. Como exemplo, Claus Clüver (2006).

² Enxergamos uma pessoa surda em uma perspectiva sócio-história-cultural, onde a Libras é a primeira língua (L1) deste indivíduo e a Língua Portuguesa ou qualquer outra língua de modalidade oral é a segunda língua (L2) deste sujeito.

³ A tradução de obras de línguas orais ou escritas para as línguas de sinais certamente contribui para um enriquecimento do universo narrativo entre as pessoas surdas. Contudo, é importante lembrar também que as comunidades surdas possuem a sua própria literatura, suas narrativas, seus poemas e outros vários tipos de performances literárias, que são originárias do próprio universo surdo e não de processos de tradução de outras línguas.

naquela época. A narração e a conversação são gêneros necessários para qualquer sociedade humana. Não há sociedade em que as pessoas não usem a língua para conversar e para contar histórias: seja nas interações mais comuns ou naquelas mais complexas. Nós estamos sempre conversando uns com os outros e, durante as conversas, muitas vezes, contamos histórias. Essas histórias, por sua vez, envolvem também outras narrações feitas por personagens e conversas entre as personagens da história. A narração e a conversação são, por isso, gêneros que se correlacionam. Na maioria das vezes, as conversas envolvem narração e as narrações envolvem conversações (McCleary, 2011). O que Liddell chama de espaço sub-rogado, o presente objeto de nossa investigação, diz respeito exatamente a essa interface entre conversação e narração: o espaço sub-rogado ocorre quando, em meio a uma narrativa, o narrador “dá vida” ao personagem, demonstrando de que maneira ele interagiu ou “conversava” com entidades ou com o ambiente ao seu redor.

Apesar de a conversa e a narrativa serem gêneros orais tão fundamentais, o interesse acadêmico pelo estudo da língua baseados em registros da oralidade (áudios ou vídeos) ainda é recente (Leite, 2013), comparativamente aos estudos baseados em registros escritos. Esse contexto também afetou o estudo de produções sinalizadas, que só começaram a ser investigadas efetivamente a partir da década de 80. Particularmente em relação à perspectiva inovadora que Liddell introduziu para a compreensão do discurso sinalizado, os estudos narrativos ainda são poucos, embora de grande importância para a descrição da Libras (Barbosa, 2013; Silva, 2014; Moreira, 2007).

Há inúmeras publicações sobre os estudos de narrativas escritas, onde há uma forte inclinação a tratar o texto como um elemento apartado da situação enunciativa em que foi produzido, compreendendo o texto, como produto acabado, como o material de análise. Como consequência disso, no caso dos estudos das línguas de sinais (LSs), o fato de existir um indivíduo de carne e osso⁴ por trás da produção daquela narrativa pode ficar obscurecido, como se o que realmente importa mesmo fosse o mundo da narração e da narrativa (McCleary&Viotti, 2014). Isso pode acontecer, por exemplo, quando um estudo de narrativa utiliza como base de análise exclusivamente uma sequência de glosas, ao invés de se apoiar na visualização detalhada e quadro-a-quadro da narrativa gravada em vídeo. No caso de traduções

⁴ Quadros e Souza (2008) falam da ideia de um tradutor-autor, onde o tradutor produz um discurso independente, mesmo que respaldado em alguma produção.

da LP escrita para a Libras videogravada, o “autor de carne-e-osso” do texto traduzido, o tradutor, não deve ser ignorado: a sua presença física tem um papel importante na construção da significação desses discursos pois ele vai utilizar o seu corpo em meio ao espaço físico imediato para construir todo o universo narrativo.

De acordo com Silva (2014), há trabalhos, sobretudo naqueles relacionados aos “estudos do gesto”, área de estudos relativamente recente, que alguns autores enfocam narrativas orais produzidas em interação face a face e têm se preocupado em relatar a importância do corpo do enunciador na maneira como a narrativa é expressa e compreendida. No caso das narrativas em línguas de sinais – a base de estudo desta dissertação –, essa questão da presença do corpo é ainda mais relevante, pois, como observam McCleary & Viotti (2014), o espaço de enunciação e a ação dos corpos que sinalizam não são elementos incidentais no processo narrativo: a produção depende da organização da narrativa no espaço de enunciação e a construção da narrativa envolve a atuação de corpos nesse espaço conceitualmente organizado.

Esta pesquisa busca entender a atuação deste corpo do tradutor durante uma produção em Libras em um prisma dos espaços mentais integrados, com foco sobre o uso do espaço sub-rogado. Para isso, tomamos como referencial alguns trabalhos que, estudando língua em uso em uma perspectiva multimodal, reconhecem a parceria entre língua e gesto na construção da significação em traduções (Barbosa, 2013; Silva, 2014; Moreira, 2007; Clark, 1996; Liddell, 2003; Dudis, 2007, 2011; Hutchins, 2010; McCleary & Viotti, 2010, 2011, 2014; dentre outros).

Assim, como objetivo geral, pretendemos descrever e comparar as características das ocorrências de espaço sub-rogado em uma narrativa em Libras, produzida a partir da tradução de uma obra de literatura infantil publicada em Português Escrito, intitulada “Vira-Lata”, tradução que foi realizada por um tradutor surdo proficiente e experiente. Entre os objetivos específicos, estão: (i) Sensibilizar a pesquisadora a respeito da narrativa “Vira-Lata” e de seu processo tradutório, por meio da produção de uma tradução da própria pesquisadora sobre a obra; (ii) Produzir traduções da obra Vira-Lata com tradutores surdos de modo a construir a base de dados da pesquisa; (iii) Analisar as características do espaço sub-rogado nos contextos em que eles emergem, com atenção especial para os articuladores utilizados

e as diferentes formas de partição do corpo; e (iv) refletir, de forma breve, sobre o possível impacto do processo de tradução sobre a narrativa estudada no que se relaciona ao uso do espaço sub-rogado.

Para este estudo, acolhemos uma perspectiva que leva em consideração a possibilidade de construção de mais do que apenas um personagem no “corpo tradutor”⁵, ou seja, pode acontecer uma partição do corpo do sinalizador durante uma narrativa (DUDIS, 2007). McCleary&Viotti (2014), que exploram esse fenômeno na Libras, mostra que através da partição do corpo e pelas múltiplas integrações conceituais, nas línguas sinalizadas, vozes e perspectivas narrativas são produzidas simultaneamente.

O capítulo 2 da dissertação oferece uma contextualização e uma justificativa social para a presente pesquisa, trazendo um breve relato histórico da educação de surdos no Brasil e o trabalho que vem sendo desenvolvido no campo de publicações literárias acessíveis em Libras. Considerando que a literatura infantil é uma realidade da infância e uma necessidade para o desenvolvimento de uma criança em sociedades de cultura letrada, neste capítulo é discutida a importância de literaturas infantis em Libras, ou que abordem temas relacionados à surdez. Neste sentido, um levantamento de obras bilíngues e temáticas foi feito e será discutido. Em seguida, falamos sobre a necessidade e importância da tradução na formulação da acessibilidade literária, motivo esse que me impulsiona a pesquisar a tradução de literaturas infantis. Por ser uma contextualização e justificativa social da pesquisa, esse capítulo não terá uma relevância direta para a nossa análise, cujo foco é a análise linguística de espaços subrogados.

Já o capítulo 3 faz uma contextualização ou fundamentação de cunho teórico deste trabalho, apresentando a teoria de Fauconnier e Turner sobre *espaços mentais* no contexto das pesquisas no campo da linguística cognitiva. Essa teoria dos *espaços mentais* é que, mais tarde, será adotada por Liddell no que se refere às línguas sinalizadas, sendo a explicação sobre a elaboração teórica de Liddell o cerne do capítulo 3, abordando os três diferentes usos do espaço na narrativa sinalizada (real, token e sub-rogado), bem como as possibilidades de integração entre espaços.

⁵ Ao falarmos “corpo tradutor” não estamos descartando o processo cognitivo, mas, enfatizando as manifestações sinalizadas expostas do corpo do indivíduo que está traduzindo. Portanto este termo pode ser entendido como o suporte da tradução, o corpo sendo onde a tradução se encontra e é explícita.

O capítulo 4 passa então a explicitar o aspecto metodológico do trabalho. Nele discutimos as quatro etapas que constituíram esta pesquisa, que consistem em: (i) produção de uma tradução pela pesquisadora; (ii) geração de dados envolvendo traduções da obra *Vira-Lata* por tradutores surdos em Libras videogravada e definição da narrativa que será analisada; (iii) transcrição da narrativa e (iv) análise descritiva e comparativa dos espaços sub-rogados anotados na transcrição. Desse modo, o capítulo 4 responderá aos dois primeiros objetivos específicos, (i) e (ii).

O capítulo 5 traz a análise desta pesquisa, buscando responder ao objetivo geral, bem como aos dois últimos objetivos específicos (iii) e (iv). O capítulo 5 vai explicitar de que modo identificamos as ocorrências de sub-rogados, descrever algumas características observadas quando o tradutor explora o sub-rogado, e apresentar quantificações iniciais que indiquem possíveis padrões no uso de sub-rogados na narrativa em Libras. Por último, fecharemos com uma reflexão sobre como o processo tradutório e/ou a obra original pode ter influenciado as características da narrativa sinalizada produzida pelo tradutor surdo.

O capítulo 6 traz a conclusão da pesquisa, onde reintroduzimos a discussão sobre a importância da literatura infantil e dos processos de tradução de textos escritos para a Libras videogravada. Aqui, trazemos algumas implicações desta pesquisa, que nos ajuda a compreender com mais detalhes o discurso narrativo sinalizado e suas possíveis diferenças e similaridades em relação ao discurso narrativo em línguas orais. Além disso, assinalamos algumas observações sobre o sub-rogado que foram levantadas ao longo da pesquisa, mas que não puderam ser exploradas da maneira devida por limitação de tempo.

Por último, no Anexo 1, incluímos tabelas descritivas produzidas ao longo das etapas de transcrição e análise, que serviram como apoio à compreensão global da narrativa para a investigação dos dados. Essas tabelas contém o registro da narrativa sinalizada de forma simplificada, onde a preferência dos registros foi recortar as ocorrências de sub-rogado por meio de fotos, com um quadro por sinal produzido, acompanhado de glosas ou descrições sobre a gestualidade do tradutor. Devido o desdobramento dos sinais dentro de um único plano, ou seja, vários sinais simultâneos, estas tabelas são uma proposta de compreensão da narrativa sinalizada, e não especificamente de mapeamento dos sinais.

2. EDUCAÇÃO DE SURDOS E LITERATURA INFANTIL

2.1. INTRODUÇÃO

“Eu não quero explicar o passado nem adivinhar o futuro. Eu só quero entender o presente.” Jorge Luiz Borges.

A educação sempre foi alvo de críticas e de investimento de ideias e opiniões. Na última década muito tem se falado sobre a educação de pessoas com deficiência e, principalmente, sobre a educação de pessoas surdas em formato bilíngue e em formato inclusivo.

É preciso, antes de iniciarmos uma discussão, nos localizarmos no cenário educacional da pessoa com surdez. De forma rasa, a educação das pessoas com deficiência foi feita até a década de 90 através de escolas especiais. Ou seja, escolas que eram criadas para escolarizar especificamente um grupo de pessoas com necessidades em comum. Alguns movimentos do governo fizeram com que a inclusão fosse a inserção da pessoa com deficiência em ambiente escolar regular.

De acordo com a Unesco, a inclusão na escola é definida da seguinte forma:

O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprendem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem receber e satisfazer as necessidades diversas de seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos(UNESCO, 1994, p. 11).

Para as pessoas surdas, as escolas especiais são chamadas de escolas bilíngue, sobre a qual discutiremos um pouco neste trabalho.

De acordo com Quadros e Schmiedt (2006) a Educação bilíngue envolve no mínimo duas línguas. O que torna a escola bilíngue, entretanto, é o conjunto de decisões político-pedagógicas. Ao optar em oferecer uma educação bilíngue, a escola está assumindo uma política linguística em que duas línguas passarão a concomitar no espaço escolar, além disso, também será definido qual será a primeira língua (L1) e qual será a segunda língua (L2), bem como as funções que cada língua irá representar no ambiente escolar.

A educação escolar bilíngue não está à espera de grandes esclarecimentos e não foi criada há tanto tempo. Como construção epistemológica, ela é elaborada e produzida por uma forma de pensar, em conexão com mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas. Neste sentido, produz outras formas de pensar a educação de surdos.

A educação bilíngue, em âmbito escolar, considerando os seus transpassamentos discursivos é considerada como um cenário significativo para o ensino aos surdos, sobretudo nas considerações relacionadas a domínios linguísticos e educacionais, hoje, é instituída como ideal nas comunidades surdas. Entretanto, ainda que tenhamos alçado avanços na constituição de propostas de educação escolar bilíngue, outros desafios se colocam, sobretudo no terreno das instituições escolares. Além disso, a implantação de uma educação bilíngue para surdos está vinculada à macro e micropolíticas, resultantes de lutas das comunidades e dos movimentos surdos em sua história marcada por militância.

Destacam-se conquistas na educação de surdos, as quais estão ligadas à aprovação da Lei nº 10.436/2002 – que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e do Decreto nº 5.626, que trata da regulamentação de Libras como uma língua da comunidade surda no Brasil.

O documento para a elaboração da Política Nacional de Educação Bilíngue (Documento este elaborado pelo MEC em 5 de junho de 2007, pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007 de Surdos e Formação Bilíngue de Professores de Libras também avança nas discussões,

propondo o deslocamento da educação de surdos do campo da Educação Especial para um espaço que trate de políticas linguísticas e multiculturais brasileiras; a educação inclusiva.

Por compreender que uma educação bilíngue pode iniciar antes do ingresso escolar e seguir após a conclusão de um nível de ensino em uma instituição, e convém que assim seja, não delimitaremos o campo de estudo deste trabalho em um prisma específico, mas sim, a todo espaço que recebe um indivíduo surdo que transita entre o português e a Libras, ou seja, um espaço – seja denominado inclusivo ou restritamente especial - que receba um indivíduo em construção bilíngue, que vem se processando na escola.

Em um cenário de lutas e negociações culturais, e não como oposições binárias, a cultura surda, como um modo de vida, resiste como estratégia política à dominação ouvinte e favorece a contestação, bem como a constituição de identidades e de comunidades que determinam a vida dos sujeitos e dos povos surdos. Dessa forma, é possível entender a surdez “como um território de lutas, um espaço de conflitos de identidades, onde os elementos culturais circulam pelas fissuras e rachaduras dessa comunidade, conformando um labirinto de significados” (KLEIN; LUNARDI, 2006, p. 15).

Ser surdo e pertencer à cultura surda, dá-se no interior de relações de poder e de resistência inclusive na vivência com outros surdos, ou seja, um deslocamento permanente de hipóteses sobre si e sobre as relações que os próprios surdos vivenciam, um movimento de abertura feito dentro da própria ideia de ser surdo, que rompe com fronteiras discursivas, espaciais e temporais (LOPES, 2011). Assim, mesmo diante de um processo de afirmação cultural, a cultura surda não se constitui como homogeneizada, estática, pois cada sujeito surdo constrói sua identidade e representa a si mesmo a partir de suas próprias experiências.

O “ser surdo” é compreendido aqui como “um sujeito possuidor de uma língua, de uma cultura e de identidades múltiplas, um sujeito social e politicamente construído, diferente” (MORAIS; LUNARDI-LAZZARIN, 2009, p. 25). Discursar sobre surdo é também pensá-lo

como sujeito multifacetado, cuja experiência de ser, de estar no mundo, que é coletiva, é sentida de formas singulares.

De forma geral, “os surdos, entendidos como povo ou grupo que se nomeia como tal, estão inscritos na ordem do acontecimento cultural, ou seja, na ordem da luta permanente do tornar-se, do vir a ser, frente a outro(s) grupo(s)” (LOPES; VEIGA-NETO, 2010, p. 127-128). Nessa trilha de pensamento, como uma proposta em constante (re)construção, que se (re)inventa histórica e temporalmente, a educação escolar para surdos é descrita de modo múltiplo, ou seja, há diferentes experiências em instituições escolares, que se movimentam sobretudo a partir de lutas das comunidades surdas.

O bilinguismo pode ser entendido como a aptidão de usar duas línguas, em diferentes graus de competência, podendo o sujeito ter mais ou menos fluência em uma delas, com desempenhos diferentes nas línguas em função do contexto de uso e do propósito comunicativo. Nessa concepção, a educação bilíngue, de acordo com Karnopp (2012), inclui, no mínimo, duas grandes áreas: Educação e Linguística. Ainda conforme a autora, a expressão “estar sendo bilíngue” se adequa melhor, já que aproxima o bilinguismo à condição de uso ou de contextos de uso de duas ou mais línguas em contato e não determina uma condição intrínseca do sujeito.

Para Zimmer, Finger e Scherer (2008), o bilinguismo apresenta multi configurações e diferentes classificações dependendo das dimensões linguísticas, cognitivas, sociais e de desenvolvimento que são consideradas como foco de atenção. Diante de grupos que utilizam mais que duas línguas e em diferentes contextos sociais, pode-se descrever práticas multilíngues. Parafraseando Skliar (1999); “não há como descrever o bilinguismo como uma situação de harmonia e de intercâmbios culturais, mas, sim, como uma realidade conflitiva, principalmente no contexto escolar”.

Estudos e movimentos políticos têm apontado a educação escolar bilíngue como a proposta mais adequada na escolarização de surdos. Em uma proposta de educação bilíngue de surdos, é pertinente também considerar as particularidades e a materialidade da língua de sinais, além dos aspectos culturais a ela associados, fato que demanda metodologia

de ensino pensada a partir da Libras (LODI, 2013). Assim, o currículo, organizado em uma perspectiva viso-espacial, pode garantir o acesso a todos os conteúdos escolares na língua de sinais, que “traduz todas as relações e intenções do processo que se concretiza através das interações sociais” (QUADROS, 2012, p. 35).

Uma proposta de educação bilíngue implica, portanto, perceber a existência de modos diferentes de ser surdo, tendo em vista características culturais próprias e experiências singulares de uso da Libras e da língua portuguesa. Portanto, tal proposta educacional não se caracteriza como novidade, mas como uma proposta consistente, principalmente para uma melhor possibilidade de acesso à educação. Importa ter em vista a possibilidade de intercâmbio e comprometimento com as características culturais das comunidades de surdos e ouvintes, de modo a garantir seu desenvolvimento pessoal e sua participação em sociedade. Há que se superar a invisibilidade e o silenciamento que a minoria surda arcou ao longo da nossa história; e, com isso, é necessário investir na garantia do acesso aos surdos.

Em suma, a educação de surdos vem se (re)construindo no Brasil, de forma a avançar na consolidação de propostas educacionais bilíngues, onde o currículo adaptado, o corpo docente acessível e os materiais didáticos desimpedidos, compõem o acesso à informação e a educação igualitária.

2.2. EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS

A educação de surdos é um assunto inquietante, principalmente pelas dificuldades que impõe e por suas limitações. As propostas educacionais direcionadas para o sujeito surdo têm como objetivo proporcionar o desenvolvimento pleno de suas capacidades; contudo, não é isso que se observa no dia a dia. Diferentes práticas pedagógicas envolvendo os sujeitos surdos apresentam uma série de limitações, e esses sujeitos, ao final da escolarização básica, muitas vezes não são capazes de ler e escrever satisfatoriamente ou ter um domínio adequado dos conteúdos acadêmicos. Esses problemas têm sido abordados por uma série de autores que, preocupados com a realidade escolar do surdo no Brasil, procuram identificar tais problemas (FERNANDES, 1989;

TRENCHÉ, 1995 e MÉLO, 1995) e apontar caminhos possíveis para a prática pedagógica (Góes 1996 e Lacerda 1996). Nesse sentido, parece oportuno refletir sobre alguns aspectos históricos da educação de surdos, procurando compreender seus desdobramentos e influências sobre a educação na atualidade.

O objetivo não é relatar todo processo educacional no decorrer da história, mas sim, ressaltar a luta e as especificações de uma educação defendida por tantos especialistas: A educação bilíngue para surdos.

Na década de 80 o bilinguismo surgiu como proposta da educação de surdos, defendendo que o aprendizado da Língua sinalizada deve antepor-se o da Língua oral, utilizada na comunidade a qual o surdo pertence. Nesta proposta entende-se a Língua sinalizada como materna para os sujeitos surdos, devido as suas particularidades, por principalidade visual, que se igualam eficazmente a comunicação oral. A Língua sinalizada é reconhecida, como dito anteriormente, como L1, ou primeira Língua. Por serem as principais características das línguas oficiais, que são utilizadas pela grande maioria nas comunidades, orais e auditivas, são entendidas nesta proposta como segunda língua para o sujeito surdo, ou L2.

A educação do surdo em uma proposta bilíngue apresenta como primazia o acesso da criança surda, à sua língua materna, sendo de preferência a vivência e aprendizagem desta estimulada pelo contato com comunidade surda, na qual estará inserida quando maior. Seu desenvolvimento na Língua materna é considerado essencial para o aprendizado da segunda Língua em sua forma escrita a ser aprendida com metodologia adequada na escola.

A educação bilíngue de surdos no Brasil está amparada pela Lei e é recomendada pelo Ministério Nacional da Educação (MEC), como sendo uma proposta válida e eficaz para o ensino das duas Línguas reconhecidas pelo país, Língua Portuguesa e Libras necessárias para a inclusão social efetiva destes sujeitos.

O Decreto nº 5.626 de 22/12/2005, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, em seu capítulo VI, artigo 22 determina que se organize, para a inclusão escolar:

"I – escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II – escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes de diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como a presença de tradutores e intérpretes de Libras – Língua Portuguesa

Ainda no artigo 22, parágrafo 1º, este Decreto descreve como escola ou classe de ensino bilíngüe “aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam língua de instrução utilizada no desenvolvimento de todo o processo educativo”. O reconhecimento pela Lei brasileira nº 10.436/2002, da LIBRAS como Língua oficial, abriu o caminho para a educação bilíngüe para os surdos.

A proposta bilíngüe entende o sujeito surdo como participante de duas realidades, onde vive a realidade da língua materna, na qual tem sua visão de mundo construída e a realidade de uma segunda língua, a utilizada no cotidiano da comunidade a que pertence. Nesta proposta, o ideal para o sujeito surdo não seria a sua adequação à realidade ouvinte, usuária da língua oral, mas sim apropriar-se da sua condição de surdez como parte de suas características e identidade. Além do caminho que a legislação brasileira abriu para a educação bilíngüe para surdos, também são bases para a proposta, documentos internacionais e teorias adotadas e divulgadas pelo MEC do Brasil.

A proposta de educação bilíngüe, "busca respeitar o direito do sujeito surdo, no que se refere ao acesso aos conhecimentos sociais e culturais em uma língua que tenha domínio"(SKLIAR, 1998 apud VICTOR, et al, 2010).

De acordo com o MEC, o ensino de surdos no Brasil precisa ser:

(...) efetivada em língua de sinais, independente dos espaços em que o processo se desenvolva. Assim, paralelamente às disciplinas curriculares, faz-se necessário o ensino de língua portuguesa como segunda língua, com a utilização de materiais e métodos específicos no atendimento às necessidades educacionais. (SALLES, et al; 2004, p. 47)

Ainda nesta direção está a orientação da UNESCO quanto a jurisprudência de toda criança a aprender, na educação básica, em sua língua materna. Para que a formação bilíngue ocorra, é aconselhável que haja um professor surdo bilíngue responsável por ensinar a cultura surda junto do ensino de Libras, trabalhando em conjunto com o professor ouvinte bilíngue.

Capovilla (2000) em *filosofias educacionais para surdos: oralismo, comunicação total e bilinguismo*, enfatiza a importância da linguagem para o desenvolvimento social, emocional e intelectual da criança, reforçando que a escola é um dos principais espaços onde essas instâncias são fomentadas.

Considerando que toda criança é um sujeito de direitos e deveres, e, acreditando que a escola é um espaço de troca que influi diretamente na formação deste indivíduo, podemos nos posicionar a favor de espaço bilíngue, onde a Língua é vista como essencial ao acesso ao conhecimento e assim concluir que o ensino bilíngue é o método que mais se aproxima do respeito ao sujeito surdo em sua identidade e cultura. Assim como a preocupação, que é pertinente a esta proposta, de trazer ao sujeito surdo a condição de se incluir na sociedade de forma efetiva, reconhecendo suas diferenças e capacidades. Além disso, dentre as propostas para o ensino de surdos, esta é a que mais aparece, hoje, nos documentos oficiais brasileiros, sendo recomendada como modelo para as escolas inclusivas.

Sendo assim, a educação bilíngue é considerada ideal para a comunidade surda. E, como dito, “ser bilíngue” transcende um título institucional, mas se formula através de docentes, espaços e materiais acessíveis, como veremos a seguir.

2.2.1. Materiais pedagógicos Português/Libras

Para iniciarmos, é necessário ressaltarmos a estreita relação entre a literatura infantil e o campo pedagógico, e, ainda mais, as concepções de infância e os livros a ela endereçados, relação esta que se formou historicamente de diversas maneiras. Versões diferentes de clássicos contos de fadas espelham essa relação.

Apenas para exemplificar, Shavit (2003) já mostra uma correspondência entre minuciosos detalhes da história de Chapeuzinho

vermelho quer na versão de Perrault, quer na versão dos Irmãos Grimm, e diferentes concepções de criança.

Na versão de Perrault é mostrado ao leitor o trágico final da morte da Chapeuzinho e da vovó como castigo pela imprudência da protagonista perante o lobo. Já na versão dos irmãos Grimm, a figura da criança representada pela Chapeuzinho Vermelho é mostrada como um sujeito a ser ensinado e formado por meio do castigo, mas tendo uma segunda chance. Vale ressaltar que os desfechos violentos dos contos de fadas têm sido abrandados nas publicações das últimas décadas visando se adaptar ao público alvo da literatura atualmente. A literatura clássica dos contos de fadas se tornou ao público infantil criando um forte laço entre crianças e personagens.

Considerando essa aproximação, certos de que a literatura para crianças é um veículo de ensinamentos, a partir da década de 1970 a crítica literária em função da crescente busca pela literatura infanto-juvenil passou a discutir o estreito vínculo entre a pedagogia e esse segmento literário, apontando o risco que tal compromisso traz ao valor estético das obras.

Considerando que a literatura infantil é marcada pela produção assimétrica adulto-criança, parece-nos que não há uma neutralidade completa ou uma anulação da relação entre a história e uma determinada imagem de infância.

A abordagem em obras dirigidas para crianças, de assuntos e temas que integram o currículo escolar, é de fato uma das formas mais claras pela qual se concretiza a aliança entre a literatura para crianças e a pedagogia.

Nesse entrecruzamento entre literatura infantil, escola e surdez, é que intensificaremos neste trabalho as discussões sobre algo fundamental: A tradução de literatura infantil para Libras.

Neste sentido, deve-se registrar que especialmente na última década, com o ganho legal da comunidade surda, as temáticas da tradução têm adentrado o âmbito educacional, o que reflete o panorama social de grupos que buscam mudanças políticas e articulam as necessidades da comunidade a estas mudanças e ao enriquecimento acadêmico. Temos também a propulsão do discurso e das políticas de inclusão, o que também provocam significativos impactos na produção de obras infantis que tocam em temáticas da diferença e no respeito à diversidade, tendo estas que ser acessíveis à pessoa com surdez.

É curioso ressaltarmos que há uma pequena gama de livros de literatura infantil que usam personagens surdos, buscando dar às crianças surdas uma referência e às crianças ouvintes, a ampliação da diversidade e da aceitação alheia.

No final de 1990, Silveira relata sua busca por livros que tivessem protagonistas surdos e concluiu que há uma escassez desta abordagem temática. Em algumas obras havia uma preocupação com o ensinamento claro do que seria “ser surdo”, dentro de uma visão clínica-terapêutica, como no livro *Nem sempre posso ouvir vocês*, de JoyZelonky (São Paulo: Ática, 1988).

Em uma busca de literaturas infantis que abordam temas relacionados à surdez, podemos destacar algumas obras, como: *Rapunzel Surda*, *Cinderela Surda*, *Patinho Surdo*, *O canto de Bento*, *Mingau e o pinheiro torto* e *Família Sol-lá-si*

A escolha destas obras para serem citadas, foi feita através da experiência enquanto docente em uma escola bilíngüe⁶, onde estas obras foram partes de projetos que envolveram toda escola. É claro que há muitas outras obras que abordam tal temática, porém, foi preciso selecionar algumas para exemplificarmos.

Em obras que remetem a versões clássicas, como *Rapunzel Surda*, *Cinderela Surda* e *Patinho Surdo*, as histórias são recontadas por autores surdos que transformam um ou mais personagens em protagonistas surdos, fazendo adaptações culturais pertinentes. Em *Cinderela Surda*, por exemplo, a protagonista perde uma luva -e não um sapato- fazendo alusão à importância das mãos na cultura surda. A língua de sinais também aparece nestas obras contemplando a principal caracterização da identidade surda.

Tabela 1- Obras que citam identidade Surda – Editora ULBRA.

⁶ Escola municipal de Educação de Surdos (EMES)– Angra dos Reis/RJ

Figura 2- Capa do Livro Rapunzel surda.

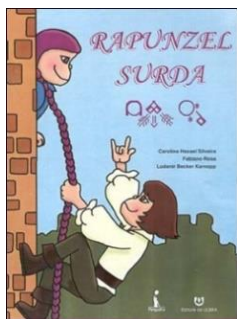


Figura 3 - Capa do livro Cinderela Surda.

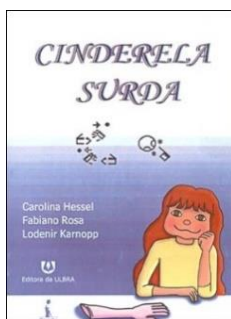
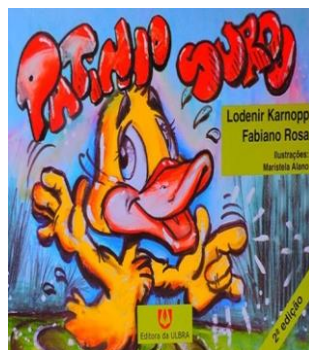


Figura 4 - Capa do Livro Patinho Feio.



Fonte: <http://www.editoraulbra.com.br/>

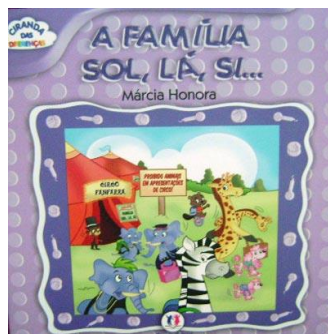
Em estudo realizado, Silveira e Moura (2009) analisaram *O canto de Bento* e *Família Sol-lá-si*, cuja primeira edição é de 2008, obras estas componentes de uma coleção de livros da editora Ciranda Cultural, conhecida por abordar diversas diferenças e, nos casos citados, encarando-as como deficiências. Os livros desta coleção trazem animais infantis como protagonistas, que por sua vez personificam “deficiências”, tais como cegueira, síndrome de Down, deficiência motora, déficit de atenção, entre outras.

Tabela 2- Livros com personagens animais surdos - Editora Ciranda Cultural

Figura 5 - Capa do Livro O canto de Bento



Figura 6 - Capa do Livro A família sol, lá, si...



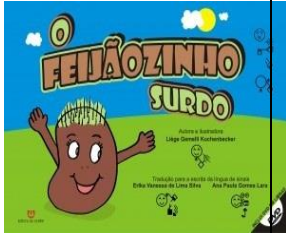
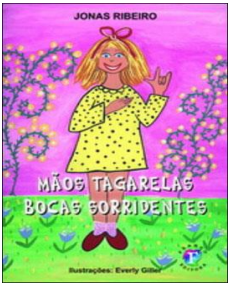


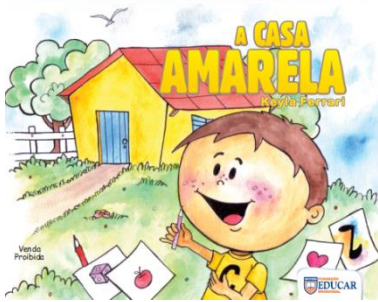
Fonte: <https://www.cirandacultural.com.br/>

As duas obras supracitadas trazem especificamente animais infantis surdos como personagens, nos quais as famílias, ao tomarem ciência da diferença, buscam uma solução para o “problema”. As histórias se contrastam, no entanto, por seus finais distintos. Enquanto em *Família Sol-lá-si* o elefantinho é encaminhado a uma fonoaudióloga após adquirir uma prótese auditiva, evidenciando uma visão clínica da surdez, *O Canto do Bento* traz ao conhecimento da coruja protagonista a possibilidade de aprender uma “língua diferente da língua falada”, utilizando como instrumento/meio as “asas falantes”. Ao analisar as obras, os autores do estudo afirmam que há um paratexto que explica existir o canto dos sinais para “pássaros que não conseguem cantar”, em se tratando da obra *O canto de Bento*. Os protagonistas surdos são apresentados pela falta, pela carência, por “não conseguirem”, mesmo no caso em que se aborda a língua de sinais.

O artigo “literatura infantil do século XXI: Surdez e personagens surdos”. (SILVEIRA, R; SILVEIRA, C.; BONIN, 2011) se dedica a analisar outras cinco obras de literatura infantil que trazem como personagens principais uma criança surda. As obras são *O feijãozinho surdo*; *Mãos tagarelas, bocas sorridentes*; *Um mistério a*

resolver: o mundo das bocas mexedeiras; Óculos de ouvido e A casa amarela.

Tabela 3- Livros onde o protagonista é surdo(a).

<p>Figura 7- Capa do livro O feijãozinho surdo.</p> 	<p>Figura 8 - Capa do livro Mãos tagarelas bocas sorridentes.</p> 	<p>Figura 9 - Capa do livro Um mistério a resolver: O mundo das bocas mexedeiras.</p> 
<p>Fonte: http://www.editoralulbra.com.br/</p>	<p>Fonte: http://www.editoralulbra.com.br/</p>	<p>Fonte: http://www.editoralulbra.com.br/</p>
<p>Figura 10 - Capa do livro Óculos de ouvido</p> 	<p>Figura 11 - Capa do livro A casa amarela.</p> 	
<p>Fonte: http://editorarhj.com.br</p>	<p>Fonte: https://books.google.com.br</p>	

As autoras do artigo observam que em todas as cinco obras apresentadas há menção à Libras de um ponto de vista positivo, ressaltando a importância e a centralidade numa concepção de cultura surda. A abordagem positiva evidencia-se, por exemplo, a escolha da denominação “surdo”, que é escolhida pela própria comunidade surda como o termo mais adequado, ao contrário de termos que sugerem uma pretensa deficiência, tais como surdo-mudo ou surdinho.

Merecem destaque também outras três obras até agora não citadas, mas que serão brevemente abordadas a seguir.

Na obra *Mingau e o pinheiro torto*, de Telma Guimarães de Castro Andrade, vemos uma história narrada em 1ª pessoa, na qual André, o protagonista, é um menino que nasceu surdo. O livro discorre sobre as vivências do menino e a amizade/afinidade com um gato de três patas. A obra valoriza a língua de sinais, apesar de se referir à mesma como “linguagem de sinais” em alguns trechos e da comunicação do menino por meio de frases sinalizadas, palavra por palavra, não usando os sinais característicos da língua de sinais, transparecendo uma não fluência da língua.

Figura 12- Capa do livro *Mingau e o pinheiro torto*

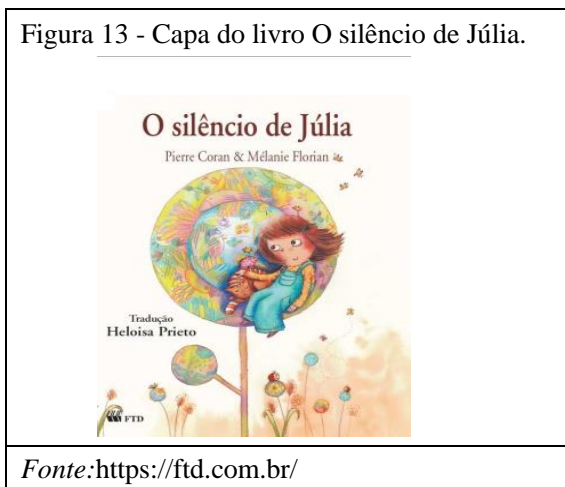


Fonte: <https://books.google.com.br>

Em *O silêncio de Júlia*, lançado em 2011, há uma ênfase no uso dos instrumentos musicais, que serviriam como um canal para a amizade entre a menina surda, citada no título da obra, e André, o menino ouvinte. O autor refere-se ao meio de comunicação entre os personagens

citados como “língua de sinais”, sendo mais adequado o uso de língua de sinais.

Figura 13 - Capa do livro O silêncio de Júlia.



Fonte: <https://ftd.com.br/>

Por fim, em *Clara, a ovelhinha que falava por sinais*, obra também de 2011, apresenta-se novamente uma figura animal infantil surda, que utiliza um aparelho no ouvido, evidenciando uma visão clínica da surdez, apesar de o título valorizar a língua de sinais. A obra conta com passagens de viés pedagógico em alguns trechos, e em outros fica clara uma visão sentimental em relação aos “deficientes”. Como características físicas, trata-se de um livro de grandes dimensões, de papel resistente e cores chamativas, o que em tese garantiria ampla penetração nas escolas, ressaltando-se o seu caráter formativo e pedagógico.

Figura 14 - Capa do livro Clara, a ovelhinha que falava por sinais.



Fonte: <http://www.blueditora.com.br/>

É fato que o assunto “Libras” ou “surdez” foi amplamente difundido nos últimos anos. Literaturas que abordam o tema contribuem para conscientização da diferença em crianças ouvintes e para identificação sócio-histórica de algumas crianças surdas. Porém, obras que interpelam o tema não são a realidade do mundo literário. Sendo assim, a tradução vem como azo à acessibilidade e possibilidade de alcance a qualquer obra.

2.3. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM LIBRAS E LIVROS TRADUZIDOS PARA A LIBRAS

Durante a formação de pedagogos é comum ouvirmos que a leitura de histórias é fundamental para o início do letramento das crianças, fazendo parte dos objetivos para toda a educação infantil. As rodas de contação de histórias firmam um momento importante e de grande auxílio no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Com o cenário inclusivo da atualidade, docentes têm buscado a acessibilidade comunicacional para tornar os estímulos atingíveis a todos os alunos, bem como pais de surdos têm buscado se “acessibilizarem” para oferecerem aos filhos momentos importantes e propícios à infância.

Nas palavras de Silveira e Bonin:

[...] a literatura infantil é necessária para qualquer trabalho que a tome como material empírico. Atualmente, é consensual

o entendimento de que tal literatura surgiu articulada com a emergência de uma concepção de infância como um período da vida em que os sujeitos necessitam de atenção, formação e educação dirigida pelos adultos (SILVEIRA, R; SILVEIRA,C; BONIN, 2011, p.191).

Nesta conjunção entre literatura e crianças existem intenções pedagógicas. Estas podem ser observadas na introdução formal das crianças às experiências de leitura e, mais recentemente, pelo papel da escola, responsabilizada, provocando o gosto pela leitura.

Uma das principais formas de aprender – e apreender – uma língua é, para além da ajuda e do estímulo dado pelos pais e pela escola na relação com os outros e o meio ambiente, a interação com histórias e personagens por meio da leitura.

Os livros infantis ajudam a construir o entendimento do mundo e enfrentar os primeiros desafios racionais: os ‘porquês’, a imaginação que se desenvolve a cada personagem, o contato com realidades distantes no tempo e no espaço.

É inevitável a reflexão sobre a formação de professores no Brasil, que, apesar de ter em cursos de graduação a disciplina de Libras, deixa a desejar questões linguísticas, teóricas e sobretudo, questões de aplicação e metodologias em turmas mistas.⁷ Ressaltando a falta de fluência de professores na educação infantil bem como a falta de sensibilidade para adaptações curriculares é preciso (re)pensar as atividades, como rodas de contação de histórias, em uma classe que tenha tal perfil.

Contrastando a ideia de que a contação de histórias é importante para o desenvolvimento infantil e que, em turmas mistas, esta atividade pode excluir alunos com surdez dos demais, perguntamos: Como tornar o momento da “roda de contação” acessível? Não há estudos específicos sobre tal atividade, mas que, nos faz remeter a importância da tradução para acessibilidade e para ensino.

Quantos de nós não tivemos uma infância marcada pelas histórias da Walt Disney (EUA), Roald Dahl (de ascendência escocesa e norueguesa), por “O Príncipezinho”, mais tarde difundido como “O pequeno príncipe” ou pelas bandas desenhadas do Asterix (ambos

⁷Entende-se por “mistas” turmas de inclusão que são compostas por surdos e ouvintes.

franceses), “Os Moomins” (Finlandês) ou Tintim (franco-belga)? E quantas destas obras que lemos e absorvemos na nossa personalidade em construção e no conhecimento do mundo à nossa volta terão sido escritas na nossa língua materna?

Estas obras nem sempre atravessam fronteiras físicas e linguísticas e chegam às livrarias do nosso país, o que pode prejudicar o acesso à literatura infantil de segunda língua.

A tradução, portanto, seja em uma língua estrangeira ou em uma segunda língua do próprio país (como é o caso da Libras no Brasil) assume por isso um papel muito relevante na literatura infantil e infanto-juvenil e nas oportunidades que esta oferece às crianças no contato com diferentes culturas e origens, independentemente do formato da obra literária. Os tradutores de livros infantis têm uma tarefa de dupla dificuldade e responsabilidade, na adaptação da linguagem à realidade da língua alvo e na forma como as histórias que traduzem vão ser recordadas pelas crianças.

Os livros de literatura infantil são artefatos culturais para um público em formação, portanto têm o objetivo de não somente informar, mas também formar esses sujeitos. Uma criança surda, ao ler um livro no qual se encontram elementos da cultura surda, como a língua de sinais, estabelece uma relação de identificação e isso favorece a sua constituição como sujeito surdo. Nesse sentido, pode a literatura infantil tornar-se um instrumento formador de modos de ser e de viver.

Karnopp e Machado evidenciam esta identificação nas histórias infantis quando afirmam que:

As histórias e as representações da cultura surda, caracterizada pela experiência visual, são corporificadas em livros para crianças de um modo singular, em que o enredo, a trama, a linguagem utilizada, os desenhos e a escrita dos sinais (SW) evidenciam o caminho do autor representação dos surdos na luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, legitimando sua língua, suas formas de narrar as histórias, suas formas de existência, suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos

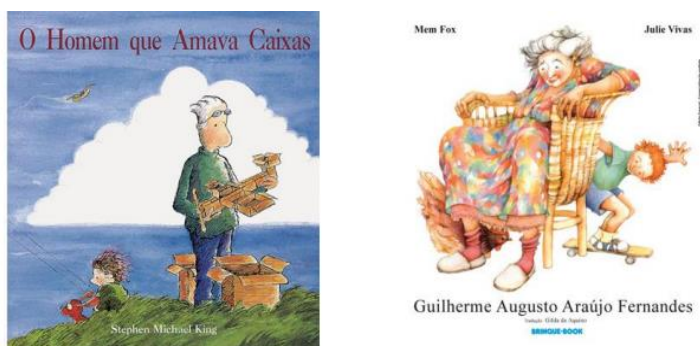
culturais que consomem e que produzem.
(KARNOPP E MACHADO, 2006, p.14)

Em uma breve pesquisa não conseguimos estimar o número de traduções Português x Libras existentes. Há várias editoras que publicam livros com DVD's anexos com a tradução, bem como há uma gama enorme de traduções disponíveis no You Tube.

A Editora Arara Azul⁸ fomenta a elaboração de materiais didáticos, inclusive de livros infantis e infanto-juvenis. Para exemplificar, Rocha (2017, p. 18) exhibe algumas publicações que acompanham tradução para Libras ou que, até mesmo, foram somente traduzidas pela editora: Alice no país das maravilhas; As estrelas de natal; Peter Pan; O cortiço; Pinóquio; O Caso da Vara; Aladim; O velho da horta; A ilha do tesouro; Iracema; O Alienista; Missa do galo; Relógio de ouro; A cartomante; Dom Quixote; João e Maria; O soldadinho de chumbo; Uma aventura do Saci Pererê; O gato de botas; Fábulas.

Ainda de acordo com Rocha (2017) outros dois livros infantis são da editora brinque-book: O homem que amava caixas e Guilherme Augusto Araújo Fernandes.

Figura 15 - Capa e contracapa dos livros: O homem que amava caixas e Guilherme Augusto Araújo Fernandes.



Fonte: <https://www.brinquebook.com.br/>

⁸<http://editora-arara-azul.com.br/site/>

A autora Márcia Honora tem várias coleções de livros com interpretação em Libras como, Contos e Lendas Africanas; Ciranda da diversidade; Ciranda das diferenças 1 e 2; Africanidades; Ciranda da inclusão; Fono na escola; Pedagógica contos clássicos; Contos clássicos em Libras.

Carmem Oliveira e Jaqueline Boldo produziram A Cigarra Surda e as Formigas.



Com tantos materiais disponíveis e ainda, muitos outros em construção, os estudos que envolvem a tradução destes materiais se

tornam cada vez mais interessantes e necessários. A seguir veremos como os estudos da tradução corroboram para a educação de Surdos.

2.4. ESTUDOS DA TRADUÇÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO DE SURDOS

As traduções são produtos materiais com formas definidas escolhidas com um objetivo específico, ou seja, tem como objetivo levar o leitor ao texto estrangeiro ou trazer este texto “original” à comunidade doméstica em questão. De qualquer forma, um será contemplado em detrimento do outro ou vice-versa. (ALVES, 2017, p. 01)

Diante da ocorrência apresentada por Alves no texto supracitado, há debates a cerca da veracidade, autenticidade e validade das traduções. Em textos literários é frequente encontrarmos uma autoria definida como original e uma tradução tida como imitação. Ainda de acordo com ALVES (2017, p. 176) “A tradução é tida como imitação, e, portanto, um texto distorcido, contaminado e inautêntico.”

Venuti afirma aos estudiosos da literatura que as traduções são tidas como sem “contribuição válida ao conhecimento da literatura” estrangeira ou doméstica (VENUTI, 2002, pp. 65-66).

Estudos afirmam que a busca por uma tradução ou interpretação fidedigna se resume a uma conquista fictícia. (WEININGER, 2009; ALBERT, 1994; MITTMANN, 2003). Então, qual o objetivo dos estudos da tradução? Por que produzimos traduções? Pressupomos que o objetivo de um autor é ser, ter seu trabalho aceito, difundido e ter seu propagado em todos os lugares. Afinal, isso é lucrativo. Se o autor do texto deseja que sua obra seja, portanto, rendosa, o mesmo a leva para outros lugares a qual, em muitos deles, necessitará de um tradutor

Quando um texto é levado à outra cultura, sabemos que há ajustes linguísticos e culturais a serem realizados. Expressões idiomáticas, por exemplo, são um grande desafio para os tradutores. Em *In Other Words*, Mona Baker, professora de Estudos de tradução da Universidade de Manchester, no Reino Unido, diz que expressões idiomáticas são “padrões congelados da linguagem que permitem pouca ou nenhuma variação na forma e frequentemente trazem significados que não podem

ser deduzidos a partir dos seus componentes individuais” (BAKER, 1992, P.72).

Considerando a fala de Baker, um autor, ao levar o seu texto para outro lugar deve permitir adaptações em sua obra? As alterações fazem do tradutor um coautor ou é uma nova obra, de autoria do tradutor? Retornando a Alves (2017, p.2) “Hoje, a servidão do tradutor se deve ao autor do texto de partida por obrigação ética profissional estabelecida em código e a legislação que trata dos direitos autorais.” Sendo assim, o tradutor deve passar despercebido, mesmo interferindo diretamente no texto de partida, sobretudo nas questões de fidelidade.

É perceptível um antagonismo nas questões sobre fidelidade tradutória. Rosa (2006) diz que:

Como um fenômeno transcendente: o tradutor é aquele que vai, com muita habilidade e experiência, transportar, sem, todavia, contaminar, um texto de uma língua para a outra. Como uma exata correlação entre a língua do original e a língua da tradução é quase impossível, a tradução configurar-se, neste caso, como perda, como traição. Dessa forma, esse enfoque postula que o primeiro deve ser fidelidade do tradutor é para com a obra original e coloca a tradução como atividade linguística marginal, uma cópia, remetendo o tradutor à invisibilidade (neutralidade) do seu trabalho. [...]. Neste trabalho, porém, a forma como a tradução e/ou interpretação é concebida, difere em muito da concepção estrutural, pois entendemos que, sendo um trabalhador da linguagem, o tradutor é aquele que vai transformar e produzir significados, gerar formas recriadas na língua para qual traduz. A tarefa neste caso é um refazer o texto numa outra voz; voz que faz ecoarem as significações culturais que trabalharam essa língua (ROSA, 2005, pp. 103-102).

Salientando a fala de Rosa sobre a invisibilidade e considerando que qualquer tradução depende das escolhas tradutórias do profissional

para formular um produto final, por qual motivo o tradutor deve passar despercebido? E, sobretudo, como isso será feito em uma tradução para uma língua sinalizada, como é o caso da Libras?

Rosa (2005) contribui com a discussão deste divisor de águas, a questão da modalidade. Ela afirma que enquanto os tradutores em geral buscam invisibilidade em seus trabalhos, os tradutores intérpretes de línguas de sinais são, inevitavelmente, visíveis.

Sabendo que o Tradutor intérprete de Língua de sinais é um indivíduo que foge aos parâmetros de invisibilidade presente na atuação de tradutores de línguas orais, logo, é um sujeito que aparece, e, conseqüentemente é preciso estudar tal aparição.

Santos (2013) apresenta um estudo detalhado com análise das dissertações e teses que abordam questões relacionadas à tradução e à interpretação de línguas de sinais publicadas entre 1990 e 2010. As conclusões de Santos são de grande destaque acadêmico, pois, indicam lacunas nos estudos da área ao refletir sobre as pesquisas existentes e destacam carências de discussões para conseqüentes futuras publicações.

A presente pesquisa considerou o resultado da revisão de literatura encontrada no trabalho de Santos. A autora detectou que os trabalhos com relação ao “contexto educacional são [em número] mais evidentes em detrimento do processo de interpretação propriamente dito” (SANTOS, 2013, pp. 287-288). Também traz à luz que as produções acadêmicas que analisam o trabalho dos Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais têm como foco a atuação de tradutores surdos. (SANTOS, 2013, p. 288).

Neste período (2001 a 2010) analisado nas dissertações sobre tradução de língua de sinais, outro dado curioso é que as pesquisas dessa época examinam exclusivamente os processos tradutórios, sendo que estes são produzidos por autores surdos. [...]. Seja o foco de análises desses objetos pautados na ação do tradutor do ponto de vista linguístico ou tradutório ou ainda da pesquisa propriamente dita sobre tradução de língua de sinais, o fato é que esses estranhamentos entre surdos e ouvintes são mencionados nas dissertações por meio de referenciais

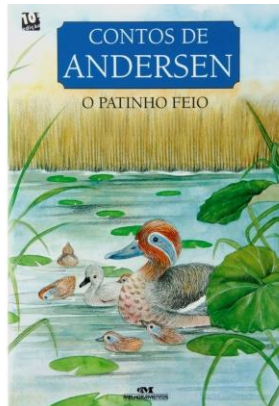
embasados nos conceitos de estrangeirização e domesticação de Venuti (1995, 2002). (SANTOS, 2013, p. 278- 279).

Os estudos de Venuti nos diz que o processo de domesticação se inicia já na “escolha do texto estrangeiro a ser traduzido”, ou seja, o julgamento que se faz do que seria mais adequado à cultura de chegada, realizado pelos tradutores ou pela editora (VENUTI, 2002, p. 129), semelhantemente, no caso das pesquisas acadêmicas domesticadoras.

Silva (2013) encontrou essa domesticação em sua pesquisa quando considera que os pesquisadores mantiveram o foco em tradutores surdos. Então, o que nos falta é, também, a investigação dos trabalhos de tradutores ouvintes.

Um objeto de pesquisa usual na área (SANTOS & OLHER, 2013; ROSA, 2009; MOURÃO, 2012; ALVES, 2017) é a obra de Fabiano Souto Rosa e Lodenir Karnopp (2005), “*O patinho surdo*”, citado anteriormente (Figura 4) , que evidentemente possui forte relação com “*O patinho feio*”, do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, do século XIX.

Figura 17 - Capa do livro Contos de Andersen - O patinho Feio.



Fonte: <https://books.google.com.br>

O “*Patinho Surdo*” é tido pelo autor e tradutor surdo, Fabiano, uma criação, pois vai além de uma simples adaptação que transfere o

sentido do texto com o qual se relaciona, mas também toca a temática da diferença, de uma forma que se aproxime mais à cultura de chegada, à cultura surda.

No que se relaciona ao desenvolvimento deste e de outros projetos, Fabiano Rosa conta que no processo de criação, eles registraram “que muitos dos livros de literatura são escritos por ouvintes, mas não apresentam uma literatura surda” (ROSA, 2006, p. 62). Consequentemente, se faz necessário criar mais, antes de se fazer adaptações, para mostrar “também a língua de sinais, a cultura, a identidade surda, as histórias que aconteceram na vida de pessoas surdas etc.” (ROSA, 2006, p. 62). Rosa também relata a importância da ilustração para as crianças terem estímulo visual e maior facilidade em perceberem o conteúdo do livro.

Temos ainda "*Patinho Surdo*" (ROSA; KARNOPP, 2005) que narra uma história muito diferente daquele clássico infantil "*Patinho Feio*", não sendo considerado uma adaptação, mas sendo uma criação nova de uma história (ROSA, 2006, p. 62).

É possível comparar o processo da criação de uma literatura surda com o surgimento da literatura infantil brasileira no final do século XIX. No Brasil, “não havia uma tradição de escritores para a literatura infantil”. Portanto, a solução encontrada foi “traduzir obras estrangeiras; adaptar para os pequenos leitores de obras destinadas, originalmente, aos adultos; [...] e apelar para a tradição popular” (ROSA, 2009, p. 867). Dessa maneira, as edições de livros para os leitores infantis tornam-se mais excêntricos e os ilustradores passam a ocupar uma posição privilegiada. É possível observar hoje em dia a convivência de alguns textos massivos, produzidos apenas para serem comercializados, com outros de alta qualidade estética e grande capacidade crítica e criativa (ROSA, 2009, p. 868). Nas criações, adaptações e traduções de literatura infantil, as ilustrações possuem um alto valor semântico (ALVES, 2017). De acordo com Rosa, a linguagem semiótica contribui para a compreensão do conteúdo da obra pelas crianças. Porém, Rosa não menciona as estratégias tradutórias utilizadas para aproveitar esta informação visual na criação ou recriação do texto em Língua de Sinais. Este fato corrobora com a afirmação de Santos (2013) sobre a distração dos pesquisadores da grande área dos estudos das línguas de sinais quanto aos procedimentos tradutológicos, aqui relacionados à tradução intersemiótica.

Mas o que vem a ser de fato a tradução intersemiótica? Esse tipo de tradução é definido por Jakobson (1975, p.64-65) como interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais, isto é, a tradução de um sistema de signos para um sistema semiótico. Por exemplo, de um texto escrito para o vídeo. Conforme Guerini (2008, p.23)

A forma mais freqüente se dá entre um sistema verbal e um não-verbal, como acontece com a passagem da ficção ao cinema, vídeo e história em quadrinhos; com a ilustração de livros; com a passagem de texto a publicidade. No entanto, ela pode acontecer também entre dois sistemas não-verbais, como por exemplo, entre música e dança e música e pintura.

A autora menciona também, que para Rónai (1976 apud GUERINI, 2008, p. 23) a tradução intersemiótica é:

Aquela a que nos entregamos ao procurarmos interpretar o significado de uma expressão fisionômica, um gesto, um ato simbólico mesmo desacompanhado de palavras. É em virtude dessa tradução que uma pessoa se ofende quando outra não lhe aperta a mão estendida ou se sente à vontade quando lhe indicam uma cadeira ou lhe oferecem um cafezinho. (RONAI, 1976)

A tradução intersemiótica é, portanto, curiosa porque passa de um sistema verbal para um sistema totalmente visual, e neste sistema visual podemos encaixar perfeitamente as línguas de sinais.

Na tradução intersemiótica, assim como também nos outros tipos de tradução, há desafios empíricos. Ao adaptar um texto literário para o cinema, por exemplo, o tradutor intérprete deve ter consciência que o texto literário utiliza a palavra enquanto um filme adota outros recursos como a imagem e o som. De acordo com Guerini (2008, p.24), para realizar a tradução de um filme, partindo de um texto verbal, vários elementos estão presentes: o diálogo, a ambientação, a trilha sonora, a montagem, o enquadramento, a iluminação, a cor, o plano, a perspectiva etc.

O tradutor/ator deve ter a liberdade para realizar seu trabalho de tradução, pois, ao fazê-lo, está criando em certa perspectiva um novo produto, pois é levado a responder pela sua obra. Cabe ressaltar que nessa pesquisa, o foco se dá em uma tradução de um texto literário em português para a Libras em forma de narrativa, ou seja, do verbal para o visual, observando o papel do tradutor ouvinte. Podemos afirmar então, que o presente trabalho contribui para os estudos de tradução intersemióticos, descritos por Holmes (1988).

Não podemos descartar a contribuição feita ao âmbito educacional por dois pontos; por estarmos discutindo literatura infantil, material este base na escolarização, e, pelo importante papel da tradução na educação, fazendo com que textos se tornem acessíveis e palpáveis a todos.

2.5. CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Atualmente, percebemos que a perspectiva da educação para surdos (seja em modalidade bilíngue ou inclusiva) muito se aproxima das questões tradutórias, sobretudo, como citado neste capítulo, das necessidades materiais bilíngues. De um lado, no século passado, as concepções chamadas tradicionais defendiam a fidelidade tradutória, “cujo entendimento era a possibilidade de verter cada unidade mínima de tradução com um equivalente exato em cada língua” (ALVES, 2017). Assim, o tradutor se manteria imparcial, imperceptível e oculto, e, para uma tradução precisa, havendo apenas um ou poucos equivalentes exatos entre os pares linguísticos, seria fácil julgar uma tradução quanto a sua (in)fidelidade para com o texto de partida. De outro lado, no século passado, a educação também tradicionalista e *exclusista*⁹, *não aceitava alunos surdos e tachava os mesmos como incapazes*.

Dessa forma, observamos a evolução dos estudos da tradução aos dias de hoje, em que a fidelidade é considerada uma utopia. Bem como, é notório o avanço da educação dos surdos em âmbitos legais, escolares e formadores. A educação para surdos e a tradução, portanto, são vias perpendiculares que hoje se encontram dentro do espaço escolar, acadêmico, literário e tradutório.

Para finalizarmos, a cultura surda é extremamente visual. Seu principal canal de comunicação é a visão, tal qual a comunidade

⁹ Palavra criada para se referir a algo ou alguém que exclui ou pretende excluir outros, fazendo referência à “Exclusivista”.

ouvinte, contudo, este sentido é muito mais desenvolvido pelo uso e pela redução de ruídos de sons entre os surdos do que para os ouvintes. Por isso, as imagens recebem e produzem significados importantes no desenvolvimento cognitivo, principalmente, nestes sujeitos.

As narrativas em LS estabelecem relações com os elementos visuais disponíveis, aliás, qualquer que seja o tipo: tabelas, ilustrações, layout das páginas, etc, serão consideradas na utilização dos espaços sub-rogados, que veremos adiante. Em literatura infantil, como é o caso do objeto deste estudo, a necessidade de pensar o texto em harmonia e dinamismo com as ilustrações é altamente relevante.

Albres (2012) fez uma autoanálise da tradução do livro “O homem que amava caixas”¹⁰ de Stephen Michael King , autor australiano, surdo e traduzido para o português por Gilda de Aquino e afirmou que cada “um (texto e imagem) tem seus próprios elementos e suas próprias relações proposicionais” (ALBRES, 2012, p. 5). Então, a imagem apresenta uma intenção do ilustrador, a sentença em inglês possuirá outra intenção, a tradução em português assume outra e, por fim, em Libras, nessa tradução, expressam a sua intenção particular.

De forma que, embora o texto de partida não apresente discurso direto dos personagens, em Libras, Albres constata que “o intérprete não traduz apenas o texto, mas incorpora os personagens, os faz ter voz e incorpora os espaços mentais construídos pelas imagens do livro” (ALBRES, 2012, p. 6), a qual discutiremos a seguir.

¹⁰ Ilustração da capa na figura 1.

3. LÍNGUAS DE SINAIS E OS ESTUDOS SOBRE ESPAÇOS MENTAIS

3.1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo apresentaremos a teoria de espaços mentais, inicialmente proposta em Fauconnier e Turner, que mais tarde, é discutida por Liddell no que se refere às línguas sinalizadas. Concentraremos-nos em discutir a visão de Liddell, já que, esta pesquisa se refere à língua de sinais. Os espaços integrados serão exemplificados para que, no próximo capítulo, entendam o percurso desta pesquisa.

A faculdade que permite o ser humano narrar é remota. Esta capacidade é uma das habilidades que fizeram emergir o homem 'cognitivamente moderno' (TURNER, 2003). É fato que mesmo antes de se existir uma forma de se grafar as palavras, as histórias já perduravam povos, sendo recontadas. E, ainda que as sociedades contemporâneas tenham há muito tempo contato com a escrita, o produzir narrativas sempre é mais presente no campo da oralidade.

De acordo com Moreira (2007), muitos associam “oralidade” com “sonoridade”. Porém, iremos diferenciar tais conceitos e empregaremos o termo “oralidade” não apenas como comunicação por meio de uma língua oral ou como a exibição fonética de uma língua. “Oralidade” aqui alcança todo o corpo e o ambiente em torno da comunicação face-a-face. Sendo assim, as narrativas produzidas pelas comunidades surdas que usam as línguas sinalizadas para se comunicar, devem ser vistas pelo prisma da oralidade.

As narrativas em línguas de sinais são desígnio para inúmeros campos teóricos. Entre estes campos, a Linguística Cognitiva apresenta uma base teórica competente para estudá-las. Consoante a essa teoria e de acordo com Moreira (2007) “as experiências que temos com nosso corpo desde o ventre materno e aquelas que temos com o ambiente que nos rodeia formam a base de nossa cognição”. E ainda de acordo com Evans e Green (2006) “Depois de várias experiências físicas semelhantes, somos capazes de fazer comparações e identificar esquemas cada vez mais abstratos a partir das instâncias vivenciadas”. Tais esquemas abarcam os esquemas imagéticos, que seriam a associação entre elementos como: orientação espacial, movimento, força e conceitos como ‘para cima’, ‘para baixo’, ‘dentro’, ‘fora’, ‘resistência à força’ (OAKLEY, 2005, p.4).

Na perspectiva da Linguística Cognitiva, esses elementos seriam a matéria prima das abstrações que fazemos a fim de criarmos conceitos a partir de experiências mais físicas e concretas. Assim, nossa cognição estaria alicerçada ao pensamento metafórico. E, de fato, na perspectiva da Linguística Cognitiva, todo nosso pensamento e cognição são organizados por meio de comparações, abstrações e metáforas. Inclusive, as narrativas criadas para outorgar significados às nossas próprias experiências (LAKOFF e JOHNSON, 1980). Já que não é possível ter acesso imediato à cognição, é possível conhecer o funcionamento da mente humana e ver como ela se organiza por meio de pistas encontradas na língua, seja oral ou de sinais. (MOREIRA, 2007; CHAFE, 1994; LANGACKER, 1987; LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; FAUCONNIER, 1985).

No que concerne à elaboração de narrativas em línguas sinalizadas, a teoria dos “Espaços Mentais” é conveniente. Conforme tal teoria, para entender o significado das orações em línguas naturais, o usuário não usa somente regras gramaticais, mas faz uso de estruturas cognitivas que são independentes das realizações linguísticas e que não estão restringidas à atividade verbal (FAUCONNIER, 1985; FAUCONNIER e TURNER, 1996 e 1998). Uma das estruturas cognitivas mais importantes para essa construção de significados são os chamados “Espaços Mentais”, a qual apresentaremos a seguir.

3.2. ESPAÇOS MENTAIS

A teoria de espaços mentais, inicialmente proposta em Fauconnier (1994), surgiu como uma reação à semântica formal, teoria muito bem vista no meio científico. Fauconnier se interessou inicialmente por acontecimentos como o escopo de quantificadores, opacidade referencial e pressuposição, que, em sua época, colocavam em xeque o fundamento das ferramentas analíticas e os métodos empíricos da semântica da forma lógica. Fauconnier propõe, assim, uma teoria que pretende discutir referência, pressuposição, metáfora e metonímia (Lee, 2001, p.97 e Liddell, 2003, p. 142).

Sem grandes pormenores, as estruturas dos Espaços Mentais podem ser definidas como construções cognitivas desenvolvidas à medida que pensamos e falamos. Essas estruturas têm o desígnio de levar o indivíduo à compreensão de alguma situação ou levá-lo à ação (FAUCONNIER, 1994).

Segundo Fauconnier (1994) e Fauconnier & Turner (1996 e 1998) e sua teoria sobre os espaços mentais, ao pronunciarmos ou ouvirmos uma frase, o entendimento que temos de tal sentença envolve conhecimento gramatical, mas também depende de estruturas cognitivas que são independentes das realizações linguísticas e não se limitam à atividade verbal. Para Fauconnier e Turner, então, uma das mais importantes estruturas cognitivas que sustentam as atividades humanas são os espaços mentais, construções cognitivas elaboradas à medida que pensamos e falamos com o propósito de compreensão e ação sobre as situações práticas da vida.

Ainda de acordo com Fauconnier & Turner (1998, p. 6), os espaços mentais são formados por elementos conceituais, que podem ser estruturados por *frames* organizacionais e podem ser alterados à medida que pensamos ou produzimos um discurso.

Para exemplificar a construção de espaços mentais, podemos pensar em uma narrativa da seguinte forma:

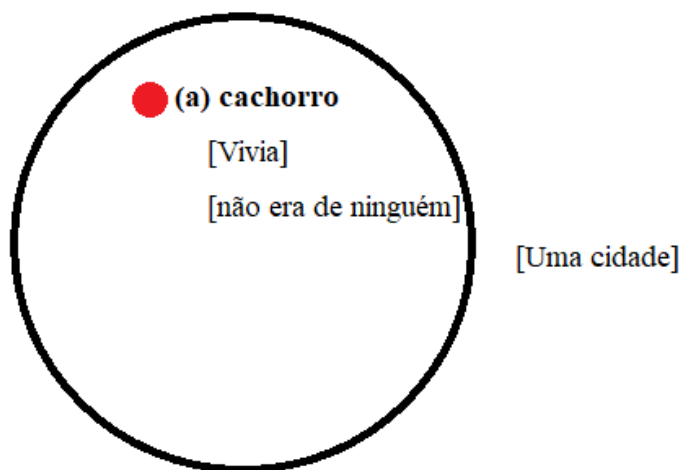
Figura 18 - Páginas 4 e 5 do livro Vira-Lata.



- (1) Em uma cidade, vivia um cachorro...
- (2) Que não era de ninguém.

A construção cognitiva dessa pequena narrativa se dá da seguinte maneira: a partir da expressão “Em uma cidade”, é construído um espaço mental. Neste espaço mental que foi aberto pelo narrador, o espaço mental de “uma cidade”, há uma entidade (a), “um cachorro”. A essa entidade, o narrador associa as ideias de que ele lá “vivia” e que “não era de ninguém”, como ilustrado¹¹ a seguir:

Figura 19 - Construção cognitiva da narrativa (1).



A entidade (a) é codificada por “vivia um cachorro”, que indica que se trata de uma entidade que está sendo introduzida no discurso.

Essas instruções fornecidas pela forma de codificação são ferramentas necessárias para que o destinatário possa compreender o discurso, construindo mapeamentos semelhantes aos do falante entre os diversos espaços mentais envolvidos.

¹¹ O esquema baseia-se no tipo de esquema apresentado por Fauconnier (1994). Os espaços mentais são representados pelo autor através de círculos e, dentro desses círculos, são dispostas as entidades que fazem parte do espaço mental em questão. É importante ressaltar, entretanto, que tais esquemas têm uma função apenas ilustrativa, não apresentando qualquer estatuto teórico.

A partir da teoria de espaços mentais, proposta por Fauconnier (1994), surge o modelo de Liddell, sobre a teoria de integração conceitual. A teoria de espaços mentais, como dito anteriormente, surgiu para dar conta do fenômeno da referência nas línguas naturais, em contrapartida a estudos feitos no âmbito de teorias semânticas baseadas em ferramentas da lógica formal. Em suma, a ideia geral é que uma teoria cognitiva baseada nas capacidades cognitivas da mente humana é mais adequada para dar conta desse fenômeno das línguas naturais, onde se incluem as línguas de sinais. Assim, a referenciação pode ser descrita, nesse modelo, com base em espaços mentais, nos conectores entre os espaços e em alguns princípios gerais (Fauconnier, 1994).

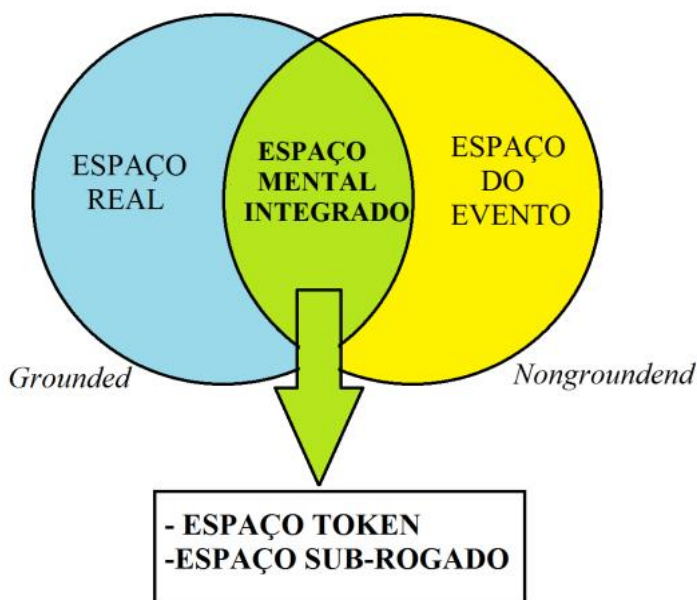
Liddell viu nessa teoria uma alternativa aos modelos que vinham sendo adotados até então no campo das línguas de sinais – Klima e Bellugi (1979) sendo os pesquisadores clássicos dessa vertente na ASL e Brito (1995) e Quadros & Karnopp (2004) na Libras – para explicar os processos de referenciação, particularmente os fenômenos relativos ao uso do espaço, que nas línguas de sinais está fundamentalmente associado aos processos de referenciação. Ao invés de oferecer um tratamento gramatical para o espaço, propondo um estatuto morfológico para locais no espaço de sinalização, Liddell articula uma visão de estudos da gestualidade com a teoria dos espaços mentais para dar contas de fenômenos importantes das línguas de sinais, tais como o uso do espaço associado a certos verbos, pronomes, os ditos “classificadores”, além de incorporações de personagens no contexto de narrativas (Liddell, 2003).

Aplicando a teoria de espaços mentais à ASL, Liddell afirma que há duas grandes categorias de “Espaços Mentais”: os que estão associados ao contexto da enunciação (Chamados *grounded*); e os que não são apresentados como parte da enunciação (*nongroundend*). “Nestes Espaços Mentais [*nongrounded*], a representação das entidades não ocorre a partir do espaço físico; enquanto, naqueles [*grounded*], as entidades representadas no discurso remetem àquelas presentes no espaço físico imediato” (MOREIRA, 2007).

Um dos espaços *grounded* envolvidos nas narrativas é o *espaço real*, produto da concepção que o falante tem do espaço físico em que o ocorre o evento de fala. Outro espaço envolvido na construção de uma narrativa é o *espaço do evento*, resultado da conceitualização do evento a ser contado (BARBOSA, 2013). Neste espaço encontramos os elementos deste evento, como cenários, personagens, objetos e ações.

As narrativas sinalizadas são construídas através da integração entre partes do espaço real e partes do espaço do evento, que pode suceder vários tipos de espaços mentais integrados, que Liddell chama de *espaço sub-rogado* e o *espaço token*. A figura¹² a seguir sintetiza tal teoria:

Figura 20 - Ilustração da teoria dos espaços integrados de Liddell.



A modalidade gesto-visual das línguas de sinais faz com que a maior parte dos espaços mentais dessas línguas seja do tipo *grounded*. Acontece que, nessas línguas (e possivelmente em todos os contextos de oralidade, em que um narrador de carne e osso conta uma história), o

¹² Esquemas de função restritamente ilustrativa, não apresentando qualquer estatuto teórico.

espaço do evento é construído a partir do corpo do sinalizador no espaço físico imediato, diferente do que acontece, por exemplo, numa narrativa escrita. Além disso, as entidades pertencentes a esses espaços também são representadas no espaço de sinalização, o que faz com que estejam “presentes”, simultaneamente, num plano concreto do espaço físico e também num plano mais abstrato do evento narrativo (LIDDELL, 2003; LIDDELL e METZGER, 1998).

As demonstrações dos espaços mentais, nos trabalhos de Fauconnier (1994) e Fauconnier & Turner (1996 e 1998), centralizam-se nas línguas orais, embora ainda bastante restritas a contextos de língua escrita. Trabalhos como os de Liddell (1995, 1996, 2000 e 2003) e Liddell & Metzger (1998) fazem uma grande contribuição à teoria de espaços mentais, mostrando evidências da construção, uso e integração desses espaços nas línguas de sinais, em especial, em American SignLanguage (ASL). Essa contribuição é importante, pois, como dito, as línguas de sinais representam e elaboram os espaços mentais visualmente, por meio do espaço físico de sinalização. Segundo os autores, observa-se que, nas narrativas em línguas sinalizadas, há, na maioria dos casos, a integração de três tipos de espaços mentais: espaço real, token e sub-rogado, a qual será apresentado a seguir.

3.3. A PROPOSTA DE LIDDELL

3.3.1. Espaço real

Para Liddell (2000, p.342), como dito anteriormente, o *espaço real* é um espaço *grounded*, pois envolve uma representação mental que o falante tem do seu ambiente físico imediato. A ideia de Liddell, de acordo com Moreira (2007), pode levar a uma confusão: a de achar que esse espaço possa ser equiparado ao espaço de enunciação. O espaço da enunciação só existe para a teoria da enunciação, por exemplo, quando se tem um enunciado. “Antes de um produto, não pode haver, para essa teoria, uma instância produtora.”(MOREIRA, 2007). Essa representação do espaço físico se manifesta na enunciação, mas está presente mesmo sem que qualquer enunciado seja proferido.

Para a Linguística cognitiva e para Liddell a representação mental do mundo “real” existe antes e independentemente da ação linguística. Nas línguas de sinais, esse espaço abriga todas as sinalizações. Como exemplo, os pronomes pessoais, podem apontar para entidades presentes no espaço do sinalizador ou o sinalizador pode

primeiro localizar uma entidade não presente num certo local do espaço real, para depois fazer referência a elas, apontando para os pontos específicos do espaço (em frente ou ao redor de seu corpo) onde elas foram localizadas. Assim, nas línguas de sinais, as entidades às quais se quer referir são de alguma maneira presentificadas¹³ no espaço real e podem ser apontadas por sinais como, por exemplo, os pronomes.

Além disso, de acordo com Liddell, o espaço real, embora construído conceitualmente, é compartilhado pelos interlocutores. A evidência para isso é que a comunicação gestual funciona apenas porque o falante pode pressupor que o *espaço real* do seu ouvinte¹⁴ contém entidades que correspondem às entidades do espaço conceitualizado por ele, como quando um professor enuncia perante seus alunos, “Você pode fechar a janela, por favor”, e um aluno específico entende que a referência está sendo feita a ele pelo direcionamento do olhar ou pelo apontamento do professor.

Para McCleary & Viotti (2007) o *espaço real* pode ser entendido como um *espaço integrado*. Os autores alegam que, em qualquer sinalização há pelo menos mais de um espaço mental sobreposto ao espaço real. Segundo eles o *espaço real* “não pode ser considerado isoladamente e nem como o espaço do enunciador por excelência” (MOREIRA, 2007).

Para os autores, o espaço da narrativa sempre será um espaço integrado. O narrador, então, usa o corpo dele e o espaço no seu entorno (*espaço real*) para construir a narrativa.

No caso da língua de sinais, as referências à entidades presentes no contexto de enunciação são feitas quando o sinalizador realiza um gesto de apontamento, que é, obrigatoriamente, direcionado à localização do *espaço real* em que se encontra a entidade a que ele quer fazer referência.

Na seguinte frase: “O que eu vou fazer com você?”¹⁵ Há um espaço integrado complexo, em que o “eu” deixa de ser o sinalizador, deixa de ser o narrador, e passa a ser o personagem. Mas o personagem precisa do real pra ganhar vida. É no espaço real que ele se manifesta. Os espaços do narrador e dos personagens nunca são espaços simples. São sempre integrados: *Espaço Real + Espaço token* ou *Espaço Real + Espaço Sub-rogado*.

¹³ Termo usado por Moreira, 2007.

¹⁴ Entendendo “ouvinte” no sentido de receptor da informação. Destinatário.

¹⁵ Frases extraídas de “Vira-Lata” de Stephen Michael King, p.17. a.

3.3.2. Espaço token

O *espaço mental token* é um espaço integrado, onde as entidades estão representadas sob a forma de um ponto fixo no espaço físico. As entidades tokens são invisíveis e impalpáveis, são, simplesmente pontos associados a alguma representação mental de uma entidade no espaço físico imediato. Nas línguas de sinais, essa representação sob a forma de token é projetada no espaço que fica em frente ao corpo do sinalizador, no espaço de sinalização.

De acordo com Liddell (1995), o *espaço mental token* é limitado à representação da terceira pessoa (“ele/a” e “eles/as”). Contudo, é possível usar esse espaço não apenas para se referir às pessoas, mas também a assuntos.

Um exemplo de criação de um espaço token é escrito por Barbosa (2013) ao apresentar uma conversa de meu colaborador surdo com um ouvinte (ambos fluente em Libras), acerca de um curso que estava fazendo. O sinalizador está respondendo à pergunta de seu interlocutor (ouvinte) de se no curso Letras-Libras existe um único grupo de surdos, ou se surdos e ouvintes estudam juntos. O sinalizador, então, explica que existem dois grupos: um grupo faz bacharel e o outro licenciatura.

O sinalizador faz referência aos dois grupos sinalizando GRUPO em dois lugares diferentes no espaço de sinalização, um à frente do corpo e outro do lado direito. Então, é criada uma integração de dois espaços mentais: o espaço real e o espaço do evento que está narrando, em que há dois grupos distintos. Um token faz referência ao grupo que estuda no bacharelado enquanto o outro faz referência ao grupo que cursa licenciatura.

Outro exemplo pode ser ao sinalizar sobre duas pessoas (Suponhamos: A Neiva e o Tarcísio me orientaram.). Temos duas pessoas (As quais supostamente não estão presentes) e, no decorrer da conversa, ao me referir a Neiva e ao Tarcísio, preciso criar dois pontos, ou seja, duas marcas no espaço de sinalização: Uma para Neiva (Quando me referir a ela irei apontar para este ponto) e uma para o Tarcísio (Quando me referir a ele irei apontar para este outro ponto.). Essas duas pessoas (Neiva e Tarcísio) são referentes diferentes de um mesmo *espaço mental token* e, por isso, devem ser associadas a locais diferentes nesse espaço. A partir do estabelecimento dos tokens, o sinalizador pode direcionar apontamentos para fazer referência às

entidades conceitualmente pertencentes a esses espaços. O *espaço mental token* deve ser considerado um espaço integrado, dado que ele é resultado de uma agregação do *espaço real* com o espaço mental relativo à conceitualização da situação enunciada. Essa integração é sobreposta ao espaço físico do sinalizador, e é representada espacialmente em frente ao corpo de quem sinaliza.

De acordo com Moreira (2007), há algumas formas de localizar e identificar as entidades do *espaço mental token*. Como exemplo:

“(i) um olhar direcionado para um determinado ponto do espaço de sinalização, seguido ou de sinal de apontamento (um pronome pessoal ou um verbo indicador), ou de uma expressão referencial qualquer (um sinal como PROFESSOR), ou de uma digitalização de um nome próprio (T-A-R-C-Í-S-I-O, por exemplo), ou ainda de um sinal próprio (o sinal TARCÍSIO, por exemplo); (ii) o uso de um sinal de apontamento, seguido ou de uma expressão referencial qualquer, ou de uma digitalização, ou de um sinal próprio; (iii) uma expressão nominal, seguida ou de um sinal de apontamento, ou de um olhar direcionado para o local onde foi realizada a expressão; (iv) uma digitalização em um determinado ponto do espaço de sinalização, seguida de um sinal de apontamento ou de um olhar direcionado a esse ponto; e (v) um sinal próprio da entidade referida, seguido ou de um olhar ou um sinal de apontamento.” MOREIRA (2007).

Em suma, o *espaço token* é aquele que, então, as entidades ou elementos são associados a um local fixo do espaço de sinalização para futura referência. Essas entidades são invisíveis, não estão presentes na situação enunciativa, mas, por fazerem uso do espaço imediato, são sobrepostas ao *espaço real*.

3.3.3. Espaço sub-rogado

O *espaço mental sub-rogado*, que será o foco desta pesquisa, pode ser entendido como a conceitualização de algo acontecido ou que acontecerá. Sem pormenorizar, as línguas naturais usam esse espaço para narrar eventos que não estão ocorrendo no momento da enunciação.

Segundo Liddell (2003) e Liddell & Metzger (1998), o *espaço sub-rogado*, assim como o *espaço token*, é um espaço integrado ao espaço real. Neste espaço integrado, tanto em línguas orais como em línguas de sinais, os narradores reportam diálogos, citam a fala de alguém. Segundo McCleary & Viotti (2007), os espaços mentais integrados que constituem uma narrativa são, nas línguas sinalizadas, sobrepostos ao espaço físico, formando um único e grande espaço que não é mais o do sinalizador, mas sim o das personagens de uma história. Por se tratar de uma língua produzida pelo corpo no espaço, as línguas de sinais produzem, naturalmente, narrativas fortemente visuais, que em muitos momentos se aproximam de verdadeiras encenações. Porém, de acordo com Barbosa (2013) é preciso fazer uma observação nessa comparação. Algumas pessoas tendem a “se impressionar com essa característica discursiva das línguas de sinais e, muitas vezes, não percebem que essa encenação teatral é ilusória.”(BARBOSA, 2013). A integração do espaço da narrativa ou do espaço das personagens e do espaço real gera um espaço, o sub-rogado.

Segundo Liddell (2003, p.152-164), um personagem criado e incorporado pelo sinalizador é um produto de integração. Enquanto integração, portanto, os personagens na sinalização apresentam características específicas da personagem e características do corpo do sinalizador. Segundo o autor, os sinalizadores diversas vezes parecem usar somente a parte superior de seu corpo nas sinalizações e, inclusive para a interpretação de um personagem, costumam utilizar apenas essa região corporal. As pernas, de um sinalizador, ficam, muitas vezes, paradas.

Ao analisar a tradução do livro *Vira-Lata*, de Stephen Michael King é possível reparar que o tradutor constrói duas formas de sinalizar que o protagonista da história, o cachorro *vira-lata*, está andando:

Tabela 4 - Diferentes sinais usados para *Vira-Lata* (andando).

Figura 21- Sinal 1 usado para Vira-Lata (andando).



Figura 22 - Sinal 2 usado para Vira-Lata (andando).



É nítida a diferença entre as representações do tradutor sobre o mesmo referente. Na figura 21 é possível identificar a citação de Liddell sobre o uso dos membros superiores. Podemos dizer, que durante a narrativa, onde a escolha tradutória foi usar as mãos para sinalizar, o tradutor produz um discurso como se fosse o narrador, diferente da figura 22, onde vemos o tradutor incorporar esse personagem. Assim, a terceira pessoa (que representa a voz do narrador), dá espaço à primeira pessoa (representando a voz do personagem.).

A ocorrência de tomadas do discurso pelo narrador acontece em toda a narrativa e não só neste trecho. Na transcrição feita no ELAN (Anexo 2) podemos observar a tomada de turno narratória que apesar de recorrente, é quantitativamente menor que as ocorrências de tomadas pelos personagens. A voz do narrador se destaca mesmo é nas ocorrências de partição, que veremos na análise.

Os sinalizadores em geral, ao contar uma história ou narrar um diálogo, exploram seus movimentos corporais e o espaço de sinalização ao seu redor, para construir as cenas e interpretar as personagens. Segundo Liddell (2003, p.159), os sinalizadores podem assumir o papel de qualquer participante da situação narrada e sinalizar como se fossem eles (como feito na figura 27). Essas entidades criadas pelo sinalizador são entidades *sub-rogadas*, ou seja, são representações mentais em tamanho natural, que assumem posições realistas, por serem incorporadas pelo próprio sinalizador. Assim, os *espaços mentais sub-*

rogados não se limitam ao espaço de sinalização em frente ao corpo do sinalizador, isto é, parecem estar menos submetidos às restrições linguísticas/gramaticais.

Conforme Moreira (2007) há várias formas de identificar a construção do espaço sub-rogado. Podemos citar: (i) a posição e o movimento do tronco e cabeça; (ii) a direção do olhar; (iii) a caracterização da personagem (jeito de olhar, sinalizar, objetos que carrega); (iv) as mudanças na expressão facial, e (v) expressões nominais que indicam a personagem representada.

Em suma, no *espaço sub-rogado*, o sinalizador/ narrador assume os papéis dos participantes da narrativa. Sendo assim, explora ao máximo o espaço físico. Essas narrativas não se limitam ao espaço de sinalização (embora aconteçam, em parte, nele) e apresentam fortes traços de simultaneidade: além de o *espaço sub-rogado* se sobrepor (ocorrer simultaneamente) aos espaços real e físico, o corpo do sinalizador é – simultaneamente – narrador e personagem da narrativa (LIDDELL e METZGER, 1998).

3.4. PARTIÇÃO DO CORPO

Ao descrever e analisar uma narrativa sinalizada em Libras apropriando-se da teoria de integração conceitual proposta por Fauconnier e Turner (2002), e sua aplicação à análise da língua de sinais americana (ASL) feita por Liddell (2003), é extremamente importante citarmos a ocorrência de partição do corpo do sinalizador.

A possibilidade de partição do corpo do sinalizador durante a sinalização (LIDDELL, 2003; DUDIS, 2004) permite que vozes e perspectivas estabelecidas a partir de diferentes níveis de intersubjetividade atuem simultaneamente. Enquanto as mãos do tradutor – para este trabalho-sinalizam como narrador, seu corpo age, concomitantemente, como um personagem corporificado. A face pode simultaneamente expressar atitudes, pensamentos, sensações tanto do narrador quanto das personagens, enquanto a direção do olhar desempenha um papel crucial para a compreensão da mudança de voz no discurso narrativo.

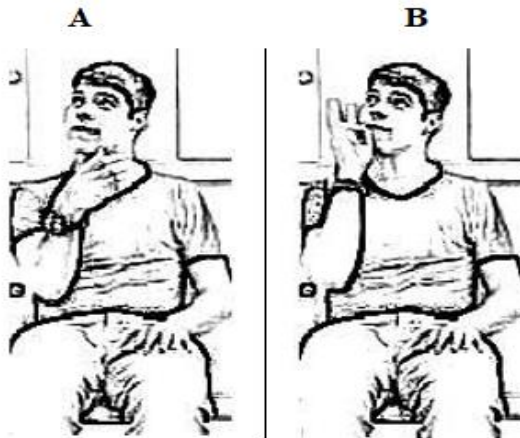
McCleary e Viotti (2014) fazem uma análise da narrativa “Filme da Pera”, traduzida por um indivíduo surdo, onde a partição do

corpo do tradutor é identificada em dois espaços conceituais: um, centrado no menino, ao pé da árvore; outro, centrado no camponês colhendo peras, no alto da árvore. A sentença exposta pelos autores revela a transição do espaço do menino para o do camponês, e a volta para o espaço do menino. Essas transições são feitas pela postura do corpo do sinalizador, pela orientação de seu olhar, e pela direcionalidade de alguns sinais.

De acordo com os autores:

Nesse caso, a associação desses espaços conceituais ao menino e ao camponês se torna possível graças à integração conceitual entre o espaço real – onde está o corpo do sinalizador – e o espaço do mundo da história – onde estão os corpos das personagens; essa integração é sempre mediada pelo ‘corpo do narrador’ (resultado da integração que constrói a presença do narrador na narrativa). (MCCLEARY E VIOTTI, 2014).

Figura 23 - Exemplo usado por McCleary e Viotti (2014) - Filme da Pêra



A primeira integração: acontece no [espaço real] + [espaço frame de narração], que resultam no [espaço do narrador]. A segunda integração, no [espaço do narrador] + [espaço do mundo da história], resultando no [espaço da narrativa].

Na Figura 23 (A), observamos o corpo do sinalizador/narrador integrado ao corpo do menino. A mão direita está configurada como a de quem segura uma pera; sua cabeça e seu olhar estão voltados para a direita e para cima, demonstrando o menino com a pera na mão, ao pé da árvore, olhando para o camponês trabalhando no alto da árvore. A voz do narrador não aparece nessa figura, diferentemente do que acontece na figura seguinte, em que ocorre uma partição de corpo. Enquanto o corpo continua demonstrando o menino olhando para cima, a mão direita ‘fala’ como narrador, ao sinalizar OLHAR. Essa sinalização é redundante; ela simplesmente reforça aquilo que está sendo demonstrado pelo corpo.

Para esta dissertação, foram analisados eventos de partição do corpo, onde os personagens e o narrador “disputam” o corpo do tradutor durante a sinalização.

3.5. CONCLUSÃO DOS CAPÍTULOS

Neste capítulo, foi apresentada partes da teoria dos espaços mentais que nos permitem entender como um discurso sinalizado pode ser construído e entendido por meio de espaços mentais e um processo cognitivo de integração desses espaços. Apresentei as ideias de Liddell a respeito dos espaços mentais nas línguas de sinais.

Com o estudo teórico apresentado foi possível levantar algumas hipóteses de como é organizado o discurso na Libras e como são seus mecanismos de projetar a pessoa nos seus textos. Essas hipóteses, no entanto, precisam ser mais bem investigadas. Por enquanto, o que se pode dizer, é que as línguas de sinais representam seus discursos citados no espaço físico e tornam visíveis as diferentes representações de vozes. As línguas de sinais podem até fazer uso de mecanismos de instauração de pessoa comuns às línguas orais, mas esses mecanismos discursivos são sempre dependentes do espaço físico e dependem da integração de espaços mentais. As pessoas instauradas por eles são representadas espacialmente nesse espaço ou como entidades *reais*, *tokens* ou *sub-rogadas*. Nos próximos capítulos, veremos o percurso desta pesquisa.

4. PERCURSO DAS PESQUISAS

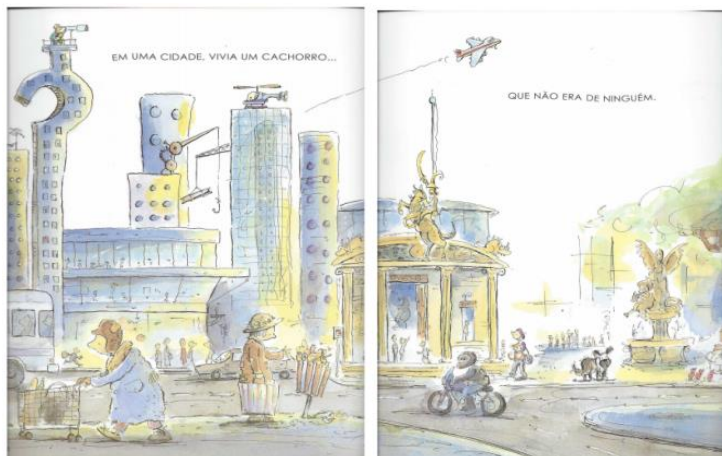
4.1. INTRODUÇÃO

Conforme vimos no capítulo anterior, a partir da teoria de espaços mentais, proposta por Fauconnier (1994), surge o modelo de Liddell, sobre a teoria de integração conceitual, onde, de acordo com o autor, há três espaços mentais: *Espaço real*, *espaço token* e *espaço sub-rogado*. Como mencionado, o estudo desses espaços (Real, token e Sub-rogado), normalmente vem em “duplas”, afinal os espaços são sempre integrados, abarcando elementos de dois espaços, sendo: *Espaço Real + Espaço token* ou *Espaço Real + Espaço Sub-rogado*, e, conseqüentemente, dado o tempo que se investe nestas investigações é preciso um recorte. Esta pesquisa se inclinou ao aprofundamento do *espaço sub-rogado* e suas peculiaridades.

Neste trabalho, um recorte bastante específico do *espaço sub-rogado* é feito: observa-se aqui, como na tradução do livro *Vira-lata*, de Stephen King, o sinalizador/tradutor, faz uso do espaço sub-rogado.

Optamos por escolher literatura infantil como material de base por três motivos: primeiro, as obras de literatura infantil são textos multimodais ricos em visualidade, o que vai permitir refletir sobre o quanto os tradutores surdos estão sensíveis a esses aspectos visuais no momento de sua tradução; segundo, o texto escrito na obra de literatura infantil é bastante simplificado em seu vocabulário e gramática, e não queremos que os aspectos gramaticais e lexicais seja um obstáculo para o tradutor surdo, pois assim poderemos nos concentrar na sua criatividade tradutória. Essas duas características da obra infantil podem ser observadas nas duas primeiras páginas do livro, ilustradas pela figura 29.

Figura 24 - Páginas 4 e 5 do livro *Vira-Lata*.



Em terceiro lugar, a simplicidade da obra infantil vai possibilitar que o tradutor conheça e traduza um texto completo, o que é fundamental para que o tradutor não faça uma leitura fragmentada e perca a coerência global (a “moral”) da narrativa. Já a escolha da obra *Vira-Lata* foi feita principalmente porque o autor é surdo. Assim, esperamos que a narrativa seja adequada ao universo cultural das pessoas surdas. A obra original foi escrita em inglês, mas optamos por utilizar como corpus desta pesquisa uma tradução existente em português, pela maior familiaridade dos surdos brasileiros com o português por ser a língua oficial do Brasil.

Neste capítulo iremos esclarecer as etapas da pesquisa e as estratégias usadas para percorrer este caminho.

4.1.1 Etapas da pesquisa

A pesquisa consiste em cinco etapas: 1- Produção de uma tradução pela pesquisadora; 2- geração de dados de traduções da obra *Vira-Lata* por tradutores surdos para a Libras videogravada; 3- Transcrição da narrativa selecionada para análise; 4- Análise descritiva e comparativa dos espaços sub-rogados anotados na transcrição.

A primeira etapa da pesquisa está explícita no item 4.4 deste capítulo. Porém, em suma, ao ingressar no programa de pós-graduação

em estudos da tradução e, sabendo, que o objeto de estudo seria uma literatura infantil, uma tradução foi realizada pela pesquisadora para que pudesse experienciar a prática de tradução¹⁶ de uma literatura infantil videogravada, e, assim, anotações sobre a metodologia já pudessem ser registradas.

Na segunda etapa da pesquisa, foram realizadas experiências de gravação de quatro tradutores surdos¹⁷, avaliando se a metodologia de coleta de dados estava adequada. Ao final, uma das quatro traduções foi escolhida para ser analisada, primeiro porque o objetivo da dissertação era o de descrição de espaços sub-rogados, que por si só demanda um grande trabalho, e não propriamente a comparação entre diferentes sinalizadores, o que poderá ser feito futuramente.¹⁸ A tradução analisada foi produzida por um tradutor surdo com proficiência reconhecida na comunidade surda, com experiência de tradução e em processo de formação no curso de Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em modalidade presencial. Na terceira etapa, o software ELAN, que tem sido amplamente utilizado nas pesquisas em Língua de sinais foi utilizado. (LEITE, 2008; McCLEARY e VIOTTI, 2007; QUADROS ET AL, 2010, p.2). Cinco trilhas foram criadas para a transcrição: Sinais Manuais, Espaço Sub-rogado, Texto original, Partição do corpo e comentários. A transcrição pode ser encontrada na versão impressa no Anexo 2 deste trabalho.

A etapa quatro da pesquisa envolve analisar todas as etapas anteriores, a qual será explícito no capítulo cinco desta dissertação. Para isso, todas as ocorrências transcritas como espaço sub-rogado no ELAN foram selecionadas para serem descritas e, depois, comparadas. Nesses espaços sub-rogados, analisamos: (i) que entidades da narrativa estavam representadas no corpo do sinalizador enquanto espaço sub-rogado; (ii) que partes do corpo foram utilizadas para representar esses personagens e se o corpo foi particionado para representar mais do que uma entidade

¹⁶ Tradução produzida pela pesquisadora:
<https://www.youtube.com/watch?v=Zf-BSziyGHQ>

¹⁷ Agradeço imensamente aos meus amigos e colegas de profissão: Marcos Marquoto, Lygia Neves, Patrícia Gazale e Bruno Ramos por contribuírem com seu tempo e disposição para a tradução do livro.

¹⁸ A tradução selecionada nos chamou a atenção, especificamente, por ter uso contínuo do espaço sub-rogado. Das traduções, esta foi a mais recorrente no uso da 1ª pessoa, portanto, escolhida para uma análise mais profunda.

simultaneamente (iii) quais padrões e/ou peculiaridades podem ser encontrados nos diferentes espaços sub-rogados da narrativa.

4.2. OBJETIVOS DAS PESQUISAS

Esta dissertação tem o objetivo de fazer uma descrição do uso do espaço sub-rogado na Libras. Como material de análise, observamos uma tradução de uma história de literatura infantil. As indicações deste espaço são detectadas em incorporações dos personagens pelo tradutor.

Neste trabalho, a maior preocupação é fazer um mapeamento claro das ocorrências de espaço sub-rogado e identificar padrões de uso deste espaço mental, observando assim, a alternância entre um discurso em voz narrativa ou em primeira pessoa, na voz de um personagem. Optamos por estudar esse espaço, porque percebemos que muitas vezes não há consciência da mudança da voz do discurso assumido. Além disso, a incorporação¹⁹ de personagens (abertura do espaço sub-rogado) pode ser uma estratégia tradutória, a qual necessita de consistência e consciência. Não queremos fazer uma descrição fina dos sinais utilizados, tampouco, apresentam minuciosamente as suas características pragmáticas, como faz Liddell (2003) com os pronomes pessoais e os verbos indicadores da ASL. Mas sim, identificar consistentemente elementos que permeiam esse espaço na narrativa.

Podemos citar como objetivo geral, a proposta de descrever as características do espaço sub-rogado em uma narrativa em Libras produzida a partir da tradução de uma obra de literatura infantil.

Já como objetivos específicos, citamos:

- (i) Produzir uma primeira tradução da própria pesquisadora sobre a obra literária escolhida;
- (ii) Obter traduções da obra *Vira-Lata*, de Stephen King, do Português para a Libras;
- (iii) Descrever e comparar as características do espaço sub-rogado na narrativa “*Vira-Lata*” em Libras;

¹⁹ A estratégia linguística de incorporação, é muito utilizada em língua de Sinais, por essa ser uma língua gestual/visual e tridimensional.

(iv) Hipotetizar, ainda que de forma exploratória e impressionística, que possíveis elementos dos desenhos que acompanham o texto de Vira-Lata podem ter influenciado as escolhas tradutórias no que se relaciona ao espaço sub-rogado.

4.3. A EXPERIMENTAÇÃO DA TRADUÇÃO PELA PESQUISADORA

Para cumprir a primeira etapa desta pesquisa, foi proposto que a pesquisadora traduzisse a literatura escolhida. O objetivo é, primeiro, promover uma sensibilização da pesquisadora a respeito da obra, do processo tradutório e de como analisá-lo, como preparação para tudo que posteriormente analisaria²⁰.

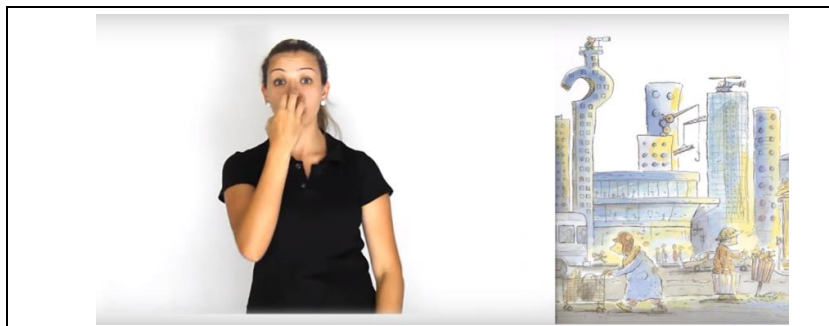
A tradução completa pode ser encontrada no You Tube com o título “Livro Vira-Lata em Libras”²¹. Para a tradução, a pesquisadora estudou o livro por duas semanas, fazendo anotações pertinentes às estratégias tradutórias e possíveis sinais. A gravação foi realizada de forma amadora, onde um cenário de *chromakey* foi montado na casa da pesquisadora e, posteriormente gravado²². Foram feitas 14 tomadas. O livro o qual estava sendo traduzido foi posicionado embaixo da câmera para que ficasse visualmente acessível. Para uma imagem clara e com luz adequada, usamos refletores e para edição utilizamos o MovieMaker. Na edição, as ilustrações foram posicionadas ao lado da tradução para que em um plano único tradutor e ilustração promovessem a tradução em regime de colaboração, conforme figura abaixo:

Figura 25 - Experiência de tradução pela pesquisadora- Tradutora e imagem

²⁰ Além disso, futuramente, a tradutora poderá comparar a sua tradução com a tradução de surdos proficientes, pra ver a sua própria proficiência e confrontar os padrões de uso do espaço sub-rogado.

²¹ Tradução completa (Pesquisadora): <https://www.youtube.com/watch?v=Zf-BSSziyGHQ>

²² Os bastidores da gravação estão compartilhados em: <https://www.youtube.com/watch?v=fMIcOGz46jo>



Algumas dificuldades foram relatadas: (i) Como traduzir o título do livro; (ii) Como gravar com luz e câmeras adequadas; (iii) Como lidar com os espelhamentos; (iv) Como fazer referência ao cachorro (Vira-lata) repetidas vezes e, sobretudo; (v) Porque muitas vezes a voz do narrador é assumida e, em outros momentos, a voz do personagem é corporificada. A partir de então, a tradução realizada passou a instigá-lo para um aprofundamento da compreensão do espaço sub-rogado, principalmente, como um tradutor surdo incorporaria a voz dos personagens.

Nos registros também há imagens que comprovam o quanto a imagem influenciou a tradutora em sua produção. A ocorrência de espelhamentos comprova que um dos pilares visuais da tradutora era a reprodução imagética.

Figura 26 - |Cachorro| para o lado direito da tela e intérprete para o esquerdo.

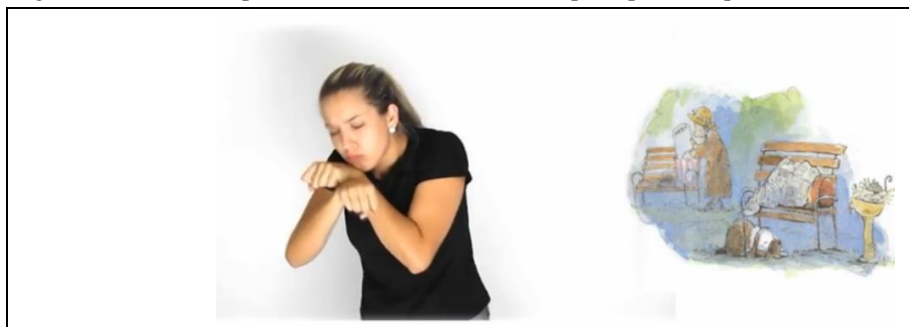


Figura 27 - |mulher-adopta|chamando o |cachorro| pelo lado direito e intérprete pelo esquerdo



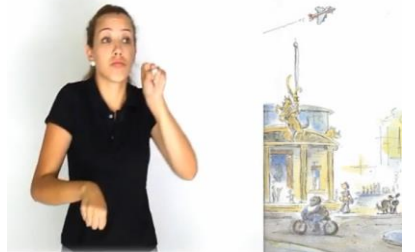
Para Luchi (2013) esta questão do espelhamento é bem complexa quando se trata da interpretação de língua de sinais, pois equívocos na informação podem ocorrer quando falamos da direção do sinal em relação à perspectiva. Para o autor, “Podemos refletir algumas questões como, se o intérprete deve descrever oralmente a partir de sua visão da sinalização ou se ele deve se colocar na perspectiva do sinalizador e assim fazer a descrição.” No caso do desenho, como é possível ver na sinalização, a tradutora fez em sua perspectiva de visão com se estivesse vendo o desenho em sua frente.

Ao analisar esses episódios, posso afirmar ter sentido um incômodo em relação à perspectiva dos personagens quando eram incorporados. Além disso, ao refletir sobre como as entidades que eram expressas no espaço-sub-rogado, observei variações de sinais para a mesma entidade, |cachorro|. Foram usados dois sinais diferentes:

Figura 28 - Tradutora sinalizando |cachorro| (1).



Figura 29 - Tradutora sinalizando |cachorro|(2).



Na figura 28 o discurso assumido pela tradutora é do narrador. A produção da figura 29 revela o personagem |cachorro| incorporado na tradutora. Estes fatos mostram que o narrador referencia o personagem principal representando-o, formando o *espaço-sub-rogado*. E assim, é possível se perguntar: Porque sinais diferentes para o mesmo referente em português? Essa escolha tradutória foi consciente?

Com a experiência de tradução, pude enfrentar os desafios de uma gravação e refletir sobre o quão difícil é estudar uma literatura para ser traduzida. Além disso, nunca tinha vivenciado uma tradução, apenas interpretação em contextos escolares e, esta, é uma realidade dos intérpretes sem formação. Nesta experiência pude refletir sobre a qualidade do produto final e ser provocada a entender minha própria produção. Para isso, creio que investigar outras produções produzidas por surdos me aclarariam sobre o processo.

4.4. TRADUÇÃO DO LIVRO “VIRA LATA”

Escolher pesquisar um livro escrito por um autor surdo é contribuir para a propagação da literatura surda, e, trabalhar com tradução deste material, é contribuir para o corpus de narrativas sinalizadas. Especificamente para os objetivos desta pesquisa, optamos por não trabalhar apenas com partes do livro, mas com o livro inteiro. O motivo é o de que o modo como se constrói o *espaço sub-rogado* no discurso narrativo em Libras depende da narrativa como um todo, na medida em que diferentes personagens vão sendo introduzidos ao longo da narrativa e precisam ser claramente distintos um do outro.

Como dito anteriormente, a tradução do livro Vira-lata pela pesquisadora serviu somente como experiência de vivência para o cumprimento da primeira etapa desta pesquisa. A segunda etapa é concebida por mais quatro traduções de tradutores surdos²³. Destas cinco produções; uma da pesquisadora, três de tradutores surdos para experiência piloto e uma tradução oficial para análise; as produções usadas como piloto foram usadas para avaliar se em produções surdas teríamos as mesmas implicações que na tradução feita pela pesquisadora

²³ Agradeço imensamente aos meus amigos e colegas de profissão Lygia Neves, Patrícia Gazale e Bruno Ramos por contribuírem com seu tempo e disposição para a tradução do livro.

(ouvinte). As gravações piloto foram contribuintes para a organização da análise que se resume em: (i) Lançar a tradução no ELAN, (ii) preencher as trilhas, (iii) Analisar descritivamente. As experiências-piloto também foram utilizadas para a produção do relatório de qualificação²⁴. Após a qualificação e os ajustes, foi escolhida uma tradução²⁵ definitiva, a qual se tornou o objeto de análise deste trabalho. Consideramos como tradução oficial, a produção de um tradutor surdo com proficiência reconhecida na comunidade surda, com experiência de tradução e, no momento da gravação, em processo de formação no curso de Letras-Libras e hoje já graduado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O procedimento de coleta do vídeo analisado foi feito em uma única sessão. O tradutor recebeu o livro impresso e em formato digital via e-mail com duas semanas de antecedência e realizou a gravação. A filmagem foi realizada por um colega²⁶ mestrando, que pesquisava no mesmo período a descrição cinematográfica de uma narrativa. O tradutor usou o livro de apoio durante a tradução e interrompia a gravação a cada página, para que pudesse mudar a lauda. O tempo total dispensado para a gravação foi de 13 minutos e 56 segundos.

Ao transcrever no ELAN a narrativa em Libras, foi criada uma tabela que indica os eventos do *espaço sub-rogado*, que especificam o *corpus* desta pesquisa.

²⁴ Qualificação apresentada em 02 de setembro de 2016 na UFSC.

²⁵ A tradução pode ser encontrada em:

<https://www.youtube.com/watch?v=f8bB73hpx8Q&feature=youtu.be>

²⁶ Agradeço ao meu grande amigo, e agora mestre, Paulo Henru por se dispor a gravar e compartilhar essa produção.

Figura 30- Recorte ELAN - Trilha Espaço Sub-rogado.

Sinais Manuais	Espaço Subrogado
ANIMAL- FRIO	[cachorro] andando.
ANIMAL-ANDAR	[cachorro] pega algo e come.
ANIMAL-ANDAR	[cachorro] andando.
PESSOA COZINHAR	[cachorro] comendo.
COLOCAR PAINELA AO LADO	[cachorro] vagando, acha um lugar vazio e deita.
PEGAR ANIMAL COLO	[cachorro] deitado.
CARINHO	[cachorro] andando.
SEGURAR ANIMAL	[cachorro] andando pela calçada.
ANIMAL PULAR	[cachorro] observando o espaço a sua volta.
PESSOA NEGAR	[cachorro] ouve mulher o chamando.
ANIMAL-ANDAR	[mulher] chamando o cachorro.
MESA	[cachorro] andando.
ANIMAL PARADO	[mulher] chamando o animal.
FOME	[cachorro] comemorando.
MULHER	[mulher] interagindo com o animal.
CABELO MEXER	[cachorro] comemorando.
PEGAR ANIMAL	[mulher] acaricia animal e anda com ele no cólo.
COMO (?)	[mulher] entra no carro com o animal e o coloca no banco ao...
COLOCAR ANIMAL ABAIXO	[mulher] fecha a porta do carro, se prepara e dirige.
ABRIR CAIXA	[cachorro] dentro do carro.
[PAUSA]	[mulher] dirigindo.
DE NOVO	[cachorro] no carro sentindo o vento.
ESPERAR	[mulher] dirige e freia o carro.
ERRADO	[mulher] pega o animal no cólo e andando cobre-o.
[PAUSA]	[mulher] andando com animal no cólo pára e apoia o mesm...
PEGAR ANIMAL COLO	[menino], [menina], [homem2] se aproximam.
CARINHO	[menino], [menina], [homem2] olham o animal.
COMO (?)	[homem2] olhando para baixo.
CARINHO	[menino] olhando.
ANIMAL COLO	[menina]
COLOCAR ANIMAL ABAIXO	[menina] vendo o animal.
ESPERAR	[menino] olhando para baixo e com a mão na cintura
CAIXA	[mulher] andando com animal no cólo pára e apoia o mesm...
COBERTOR	[menino], [menina], [homem2] se aproximam.
PEGAR ANIMAL	[homem2] olhando para baixo.
COLOCAR ANIMAL CAIXA	[homem2] coloca a mão na cintura e diz que o cachorro pare...
EMBRULHAR ANIMAL	[menina]
CARINHO	[menina] dizendo que o animal é fofo, pega-o no cólo e acari...
ESPERAR	[cachorro] no cólo da [menina].
FRIO	[menina] acariciando o animal em seu cólo.
ESPERAR	[menino] olha para o animal e diz: - Podemos ficar com ele?
[PAUSA]	[cachorro] sentado com seu pêlo liso.

Na tabela supracitada é possível observar de forma clara as manifestações do espaço sub-rogado, elemento de análise desta dissertação. Após o uso do ELAN faremos uma análise descritiva dos dados que estão apresentados no capítulo cinco. A seguir falaremos dos sujeitos usados para a presente pesquisa, os dados coletados e a apresentação dos dados.

4.5. SUJEITO(S) DA PESQUISA E A COLETA DE DADOS.

Trabalhar com tradução de língua de sinais envolve, indispensavelmente, trabalhar com sujeitos. Os critérios para a escolha do tradutor foram definidos da seguinte forma: (i) *sujeito surdo*: as pessoas surdas, de maneira geral, possuem a Libras como a sua L1, e

sendo a Libras a língua-alvo da tradução, consideramos importante que o tradutor tenha esse nível de familiaridade com essa língua; (ii) *experiência de tradução*: tendo em vista que o processo de tradução de textos escritos para a libras videogravada é bastante recente, apresentando procedimentos bastante específicos e exigindo familiaridade com equipamentos e processo de gravação, consideramos importante que o(s) sujeito(s) surdo(s) já estivessem familiarizados com os aspectos técnicos do processo, além da própria experiência tradutória em si; (iii) *em formação ou formados no Letras-Libras ou em pós-graduação na área de Letras*: os cursos de Letras-Libras e Letras são destinados à formação de sujeitos surdos que vão atuar como professores de libras ou também como tradutores-intérpretes de libras, e por isso esperamos que esses alunos estejam também mais familiarizados com os aspectos linguísticos da libras em contraste com o português.

O contato com os tradutores envolvidos neste trabalho foi feito pessoalmente²⁷, pois a pesquisadora vivencia o cotidiano acadêmico e conhece muitos sujeitos surdos que se encaixam no perfil da pesquisa. Nesse contato, a pesquisadora fez o convite para participação, explicando que eles seriam convidados pelo seu conhecimento e experiência com Libras e tradução para produzir uma tradução de uma obra de literatura infantil para a Libras. Foi explicado que a participação dependia do seu consentimento formal através de assinatura do Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento (TCLE)²⁸, encontrado nos apêndices deste trabalho. Depois do aceite, uma cópia do livro foi entregue e o dia da gravação agendado. Esse processo aconteceu tanto para as experiências piloto (gravadas pela pesquisadora), quanto para a gravação oficial.

Como mencionado anteriormente, foram escolhidas quatro traduções, sendo três destas para experiência-piloto e uma, julgada a mais adequada, para ser analisada. A tradução escolhida como oficial conta com um tradutor surdo, fluente em Libras e em formação no curso de Letras/Libras pela UFSC.

²⁷ Cabe ressaltar que a gravação oficial foi colhida pelo colega Paulo Henru. As demais gravações foram coletadas por mim, pessoalmente.

²⁸ O projeto de pesquisa referente a este trabalho foi submetido ao comitê de ética e aprovado com restrições. A proposta de trabalhar com pessoas vídeo-gravadas fez com que a necessidade de um TCLE fosse criado (Apêndice 1).

Para esclarecer esse processo, cabe ressaltar a formação de cada um dos pesquisados: O *tradutor 1* possui graduação em pedagogia, cursa Letras-Libras pela UFRJ e mestrado profissional em diversidade e inclusão. Trabalha como docente autônomo em letramento e reforço escolar. O *tradutor 2* possui graduação em pedagogia, pós-graduação em Libras e é professor de Libras no ensino básico de uma rede municipal. O *tradutor 3* é mestre em tradução, graduado em Letras/Libras e professor de Libras no ensino superior. O *tradutor 4* é graduado em Letras/Libras, pós-graduado em Libras e professor de Libras na educação básica.

O *tradutor 1* produziu um texto que fazia referência ao que era narrado na história, ao invés de incorporar a própria perspectiva do narrador. E o *tradutor 2* produziu a narrativa de forma bastante intermitente, se mostrando inseguro em relação à tradução por não ter tido tempo disponível para estudar o material previamente. O *tradutor 3* produziu uma narrativa bastante pormenorizada em termos das imagens, com mais ênfase na descrição do cenário do que na trama que trazia os espaços sub-rogados. O *tradutor 4* não apenas conseguiu estudar o material previamente, mas se mostrou bastante seguro durante e após a tradução, e sua narrativa nos pareceu um exemplo adequado de narrativa em Libras, quando consideramos outros estudos de narrativas sinalizadas. (Barbosa, 2013; Silva, 2014; Moreira, 2007). Mediante a isso, optamos por analisar a produção do *tradutor 4*.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa (quer para a experiência piloto, quer para a análise oficial), foram deixados à vontade para realizarem a tradução. Assim, conseguiríamos analisar de forma real a preparação do indivíduo para produção do trabalho. Considerando que todos os sujeitos tem experiência em tradução, não foi preciso orientá-los em relação a enquadramento, luz, vestimenta e etc. Vale ressaltar que todas as traduções foram amadoras. Nenhuma foi realizada em estúdio.

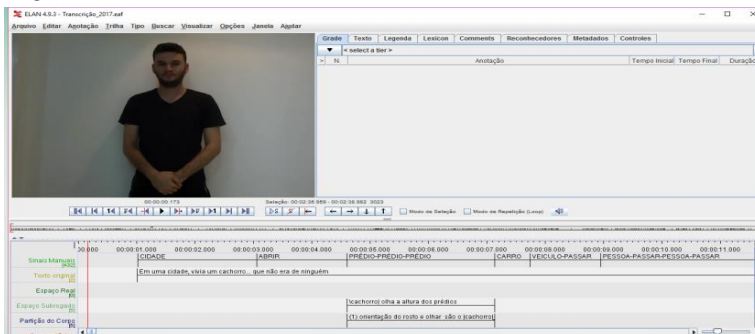
As traduções foram gravadas por câmeras simples, de aparelho norbook, e, nesta etapa, não foi dada atenção aos recursos de edição, porque, por falta de tempo, o tradutor não pode trabalhar na edição do vídeo de forma elaborada. Por exemplo, muitas vezes foi gravada uma cena e depois refeita com mais detalhes pelo tradutor, como no exemplo em que ele sinaliza DE-NOVO para a câmera, explicitando que produzirá uma nova versão da página. A análise da narrativa que fizemos aqui, portanto, foi baseada apenas nas versões finais para cada

uma das páginas do livro traduzidas. Os vídeos foram analisados no ELAN e os dados registrados em trilhas formadas no programa, como explícito a seguir.

4.6. SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO

Depois da obtenção da autorização do tradutor para estudo da narrativa, a tradução de Vira-lata, feita pelo *tradutor 4*, foi transcrita no ELAN (EUDICO LinguisticAnnotator), criado pelo Laboratório de Psicolinguística do Instituto Max Planck. A análise trouxe evidências de que o espaço sub-rogado é uma estratégia discursiva na narrativa sinalizada. Nesse software, é possível incluir um ou mais vídeos e criar trilhas, nas quais as anotações podem ser feitas em sincronia com o vídeo. Por meio dessa ferramenta, é possível fazer anotações e acessá-las facilmente durante a análise através de uma lista gerada pelo software. Além disso, o ELAN dispõe de diversas funcionalidades que facilitam a operação do material, como, por exemplo, ferramentas de controle de velocidade do vídeo, o que possibilita a observação da narrativa em velocidade reduzida. A Figura 36, a seguir, mostra uma imagem da tela do ELAN, com trilhas criadas.

Figura 31 - Tela do ELAN com a narrativa analisada.



O sistema de transcrição adotado para anotar os dados de língua sinalizada, como foi dito, foi baseado nas pesquisas de McCleary, Viotti & Leite (2010), com refinamentos apresentados em Barbosa (2013), seguindo orientações propostas por McCleary (2013). No entanto, ao invés focarmos na descrição da sinalização por meio de múltiplas

trilhas, focalizamos as trilhas nos elementos centrais que interessavam em nossa análise, incluindo informações descritivas especificamente na trilha Partição do corpo. A figura a seguir apresenta as trilhas do modelo de transcrição usadas neste trabalho, que envolveram: *Sinais Manuais; Espaço sub-rogado; Texto original; Partição do corpo e Comentários*.

Figura 32 - Trilhas do ELAN.

Sinais Manuais	Espaço Subrogado	Texto original	Partição do Corpo	Comentários
CIDADE	(cachorro) olha a altura dos prédios	Em uma cidade vivia um cachorro... que não...	(1) orientação do rosto e olhar são o (cachorro) / (2)	Aqui tenho uma dúvida: se o olhar acompanhando...
HRBR	(cachorro) caminha e observa ao seu redor	Ele precisava ser corajoso. Rápido e esperto.	(1) orientação do rosto e olhar são o (cachorro) (2)	Tenho outra dúvida: estamos falando que o animal
PREDIO-PREDIO-PREDIO	(cachorro) observa avião passando	Ele comia qualquer coisa que encontrava. [1]	(1) orientação do rosto e olhar são o (cachorro) (2)	...veja que aqui é bem mais claro o narrador estar na
CARRO	(cachorro) procura alguma coisa	Ele comia qualquer coisa que encontrava [2]	(1) orientação do rosto e olhar são o (cachorro) (2)	Aqui, o tradutor "mistura" narrador e protagonista a...
VEICULO-PASSAR	(cachorro) se sentindo só	E cada noite dormia em um lugar... Diferente.	(1) orientação do rosto e olhar são o (cachorro) (2)	Aqui, hora o narrador aparece fazendo BANANA e h...
PESSOA-PASSAR-PESSOA-PASSAR	(cachorro) não recebe cuidados	'Saia daí, vira-tata!'	(1) orientação do rosto e olhar são o (cachorro) (2)	Não entendi o que foi esse movimento de ombro...
ANIMAL-ANIMAR	(cachorro) é corajoso	Certa noite, ele encontrou um abrigo.	(1) orientação do rosto e olhar são do (cachorro) (2)	
AVIÃO-PASSAR	(cachorro) andar rapidamente	Lá dentro havia pessoas com frio e cansada.	(1) orientação do rosto e olhar são do (cachorro) (2)	
ANIMAL-ANIMAR	(cachorro) comendo	Não havia espaço o suficiente... Nem comia.	(1) orientação do rosto e olhar são do (cachorro) (2)	
SODINHO	(cachorro) alerta	Uma moça que trabalhava lá tentou botá-lo p...	(1) orientação do rosto e olhar são do (cachorro) (2)	
ALGUEM-ALIMENTAR-EU	(cachorro) esperto.	O que eu vou fazer com você? Ela lhe deu u...	(1) orientação do rosto e olhar são o (cachorro) (2)	
NADA	(cachorro) andando.	O que eu vou fazer com você? Ela lhe deu u...	(1) orientação do rosto e olhar são o (cachorro) (2)	
MAS	(cachorro) olhando para a direita e para a esq...	'Na manhã seguinte, ele seguiu seu caminho...	(1) orientação do rosto e olhar são o (cachorro) (2)	
CORASEM	(cachorro) andando.	'Na manhã seguinte, ele seguiu seu caminho...	(1) orientação do rosto e olhar são o (cachorro) (2)	
ANIMAL-ANIMAR	(cachorro) andando, procurando algo.	O céu estava escuro e seu estômago vazio...	(1) orientação do rosto e olhar são o (cachorro) (2)	
RÁPIDO	(cachorro) se alimentando.	'Espere! El cachorro!' Uma voz o chamou. Er...	(1) orientação do rosto, do corpo e olhar são o (cac...	
ANIMAL-ANIMAR	(cachorro) andando.	Eles saíram da cidade e novos aromas ench...	(1) orientação do rosto, do corpo e do olhar são (cac...	
ATENÇÃO	(cachorro) comendo a banana.	Ele parece legal! Oi! Podemos ficar com ele?...	(1) orientação do corpo, do olhar e do rosto são (cac...	
EU	(cachorro) andando.	Ele parece legal! Oi! Podemos ficar com ele?...	(1) orientação do olhar, do rosto e das mãos e do (c...	
ESPERTO	(cachorro) tomando soneca.	'Sua nova família deu lhe o primeiro banho d...	(1) orientação do corpo, do olhar e do rosto é (cach...	
MAS	(cachorro) andando.	Eles desembracaram os nós de seu pelo...	(1) orientação do corpo, do olhar e do rosto é (cach...	
PRECISAR	(cachorro) andando.	Todos pensaram numa porção de nomes: U...	(1) orientação do corpo, do rosto, do olhar e da mão...	
SALVAR	(cachorro) com fome.	Mas quase sempre todos o chamavam de...	(1) orientação de corpo, olhar, rosto e mão esquerd...	
VIDA	(cachorro) andando.	Quem é o vira-tata mais bonito do mundo?	(1) Orientação do rosto, do corpo e do olhar é (homa...	
ANIMAL-ANIMAR	(cachorro) se alimentando.	'Vira-tata é corajoso. Rápido e esperto. [1]	(1) orientação do corpo, rosto e olhar é (homem) (2)	

Ao longo da narrativa, buscamos identificar as ocorrências do espaço sub-rogado, rastreando e analisando possíveis pistas que possam servir de evidência para a delimitação desses espaços. Em relação às marcas manuais e não manuais, buscamos identificar partes do corpo que indicassem incorporação de algum personagem, como por exemplo, mãos representando as patas do animal; direcionamento e/ou movimentos do olhar replicando o olhar do animal ou de algum personagem; posicionamentos e/ou movimentos da cabeça/tronco indicativos de diálogos entre os personagens; além de expressões faciais e corporais a eles associados.

Figura 33 - Trilhas no ELAN (2).



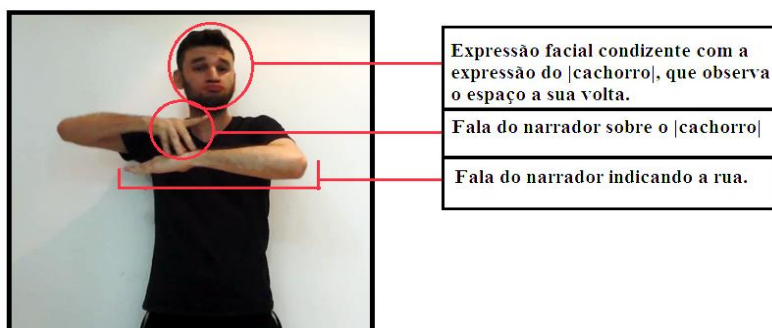
Em (i) *Sinais Manuais*, foram anotadas glosas para os sinais manuais produzidos pelo tradutor. Essa trilha auxiliará na formação das tabelas (indicadas pela tabela 7) e constitui a base do registro da produção em sinais, tendo em vista que optamos por não analisar a segmentação do discurso em frases, dada a complexidade desse fenômeno (Leite, 2008). Na trilha (ii) *Texto original*, está registrado o texto em português tal qual extraído do livro *Vira-Lata* e que constitui, juntamente com os desenhos, o texto-fonte da tradução. Em (iii) *Espaço sub-rogado*, registramos o que analisamos como ocorrências do *espaço sub-rogado*. Por exemplo, nas imagens do tradutor na figura acima, é possível observar a incorporação do animal, indicado por [cachorro]²⁹ e ainda observar a (iv) *partição do corpo*, onde o tradutor se “divide”, com parte do seu corpo representando o [cachorro] e outra parte representando o narrador, além, é claro, das partes do corpo que não são engajadas como parte da narrativa, da cintura para baixo. Para a análise, identificamos as ocorrências de *incorporação parcial* com (a) e (b), onde detalhamos as partes do corpo que se referiam a cada entidade. Em

²⁹Seguindo Liddell (2003) e vários autores que trabalham com a noção de integração conceitual (Dudis 2007, 2011; McCleary&Viotti 2010, 2011; Barbosa 2013), uso as barras verticais para identificar entidades conceituais resultantes de alguma integração de espaços mentais.

(v) *Comentários*, realizei registros de dúvidas e observações analíticas que surgiam durante o processo de transcrição.

Para clarear, em *i.a.*, o texto original, diz: “Em uma cidade viva um cachorro”. O tradutor usa o sinal exposto, que representa o |cachorro| andando pela cidade e isso é indicado pela orientação do rosto, do corpo e do olhar. Porém, a mão direita do tradutor indica a fala do narrador sobre o animal, bem como a mão esquerda representa a rua.

Figura 34 - Partição do corpo do tradutor.



O ELAN nos ajudou nesta pesquisa no que se relaciona ao levantamento de dados e análise. Para que o leitor deste trabalho consiga visualizar a tradução é que então, toda manifestação do espaço subrogado será usada na análise, a qual será apresentado a seguir. A transcrição completa está no anexo 2 e 3 deste trabalho.

4.7. ANÁLISES DAS TRADUÇÕES

Por fim, para cumprir a quarta (e última) parte deste trabalho, realizamos a análise em duas etapas. A primeira etapa foi criar tabelas (Anexo 1), onde o leitor poderia ter acesso às imagens da tradução de forma global. Os dados são apresentados através de uma tabela que organiza visualmente a página do livro escrito em português, sua numeração, suas ilustrações e seu texto escrito. Em seguida, a tabela mostra a tradução feita para a Libras, representando os sinais considerados mais relevantes para a análise. Para exemplificar, abaixo uma tabela modelo, construída a partir da experiência de tradução da pesquisadora.

Tabela 5- Tradução da página 4 e 5 na primeira versão da tradução de Vira-Lata.

Texto fonte (Livro em Português)				
Página	Imagem do Livro	Texto em Português		
4		Em uma cidade, vivia um cachorro...		
5		Que não era de ninguém		
Texto alvo (Vídeo em Libras)				
1	2	3	4	5
-REPOUSO-	TER	PRÉDIO	PRÉDIO	CARRO
6	7	8	9	10
VEÍCULO- ANDAR	CACHORRO	ANIMAL	ANIMAL-ANDAR	ANIMAL-ANDAR
11	12	13	14	
PESSOA	NADA	ANIMAL-ANDAR	ANIMAL-ANDAR	
1m01s a 1m10s				

As tabelas criadas para o Anexo 1 têm o cunho restrito de mostrar ao leitor as glosas e a sequência de sinais escolhidos pelo tradutor. Além disso, fica mais claro entender a divisão hipotética das páginas videogravadas.

Em muitos trabalhos sobre línguas de sinais ou sobre gestos, é comum vermos a apresentação de um determinado dado a partir de figuras, com setas indicativas da direção do movimento das mãos; muitas vezes, contudo, não é claro o que exatamente está acontecendo com as mãos. Neste trabalho, busco apresentar os dados da maneira mais detalhada possível, a fim de que aspectos importantes da sinalização possam ser percebidos. Por isso, além das tabelas anexas é possível ver a produção do tradutor sem recortes e em movimento através do vídeo online³⁰.

Creio que estas tabelas contribuirão para o entendimento do anexo 2, onde está a transcrição dos dados do ELAN, sem imagens. As 16 tabelas criadas, portanto, não serão detalhadas através de uma análise individual, mas auxiliaram na compreensão da segunda etapa da análise.

No capítulo de análise proponho um mapeamento dos padrões de espaço sub-rogado encontrados durante a narrativa sinalizada. A ideia é que este mapa seja construído no decorrer da análise, exemplificando cada ocorrência.

A análise se inicia com a apresentação dos dados quantitativos de ocorrências de cada padrão identificado na tradução. Após a apresentação destes dados concretos, inicio uma exemplificação das ocorrências de abertura do Espaço Real e do Espaço Token na narrativa. Três exemplos de cada espaço são explícitos e analisados. Em seguida, iniciamos a construção dos padrões de análise que se subdividem em: (i) Padrão base e (ii) Padrão de sustentação. Cada padrão é exemplificado conforme as ocorrências. A partir deste mapa, criado no decorrer da análise, o leitor terá uma compreensão geral das ocorrências de espaço sub-rogado e dos elementos e entidades que constituíram o espaço.

³⁰Vídeo completo disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=f8bB73hpx8Q&feature=youtu.be>

5. ANÁLISE





5.1 – INTRODUÇÃO





Neste capítulo, apresentamos uma proposta de descrição e discussão do espaço sub-rogado na tradução para Libras da narrativa “*Vira-lata*”. Optamos por integrar descrição e discussão dos dados ao longo de todo o texto, isto é, de mostrar as características formais da narrativa e ao mesmo tempo em que trazemos hipóteses sobre a função dos diferentes usos de sub-rogados na construção do sentido em narrativas sinalizadas.



A narrativa é uma história de um cachorro sem dono que vive em uma cidade dormindo em vários lugares diferentes e comendo o que encontra no lixo, até que encontra um abrigo para pessoas e encontra uma mulher que lá trabalha como cozinheira. A mulher, que não tem nome exposto do livro, tenta inicialmente colocá-lo de volta na rua, mas depois acaba dando-lhe abrigo por uma noite. No dia seguinte o animal precisa ir embora e ao ir, a mulher vai buscá-lo novamente e o leva para casa, onde recebe uma nova família e, por fim, um nome: Vira-Lata.

Na trama da obra original, aparecem dez personagens, porém somente nove destes foram incorporados pelo tradutor na narrativa em Libras. Abaixo, estão listados os personagens que tem fala no enredo e como estão identificados, pelas imagens do livro (parte de cima da figura) e pelas transcrições no ELAN e no texto de análise que se segue (parte de baixo da figura). Na narrativa sinalizada, contamos com mais um personagem que não tem fala na narrativa escrita, mas é ilustrado no livro: O |homem-do-abrigo|.

Tabela 6 - Personagens da narrativa.

1	2	3	4
			
cachorro	homem-bravo	pessoa-com-frio	cadeirante

5	6	7	8
			
mulher-adotiva	homem2	menina	menino

9	10
	
amigos	homem-do-abrigo .

Para entendermos um pouco melhor a tabela acima, cabe esclarecer que o personagem identificado em 1 por |cachorro| é nomeado Vira-Lata, o protagonista da trama. Aparece em todas as páginas do livro e é o personagem mais incorporado pelo tradutor nas ocorrências de *espaço sub-rogado*. O personagem |homem-bravo| só aparece uma vez na página 9 do livro e aos 02m29s do vídeo da tradução, onde acontece uma única incorporação correspondente a este personagem.

Já os próximos três personagens são introduzidos numa mesma cena, a de chegada ao abrigo, primeiro com |pessoa-com-frio| que aparece na página 14 do livro e é incorporada pelo tradutor aos 03m40s;

depois o personagem |cadeirante| aparece, sendo incorporado pelo tradutor aos 03m47s e por fim a personagem |mulher-adotiva|, representada em 5, que acaba tendo várias incorporações durante a trama, por ser a personagem que acolhe e adota o cachorro Vira-Lata.

Os personagens |homem2|, |menina| e |menino| aparecem a partir da página 23 do livro e aos 09m19s da tradução. Estes personagens fazem parte da família da |mulher-adotiva|. Na figura 9 podemos identificar um grupo de amigos da família.

Desse modo, os personagens apresentam diferentes níveis de relevância para a narrativa e diferentes frequências de incorporação pelo tradutor. Alguns personagens aparecem apenas uma vez, como é o caso de |amigos| e de |homem-bravo|. Outros aparecem a partir de um determinado momento e, outros, são retomados ao longo de toda a narrativa, como |cachorro| e |mulher-adotiva|, devido ao seu protagonismo na história.

No processo de fazermos a análise, produzimos 16 tabelas (Anexo1) com explicitações da relação entre o texto e as imagens do livro, de um lado, e a narrativa videogravada em Libras, de outro. Dividimos a narrativa em tabelas de acordo com o trecho de discurso sinalizado que correspondia a cada par de páginas do livro, em parte porque os pares de página quase sempre introduzem as novas cenas da história, e em parte porque o tradutor de fato interrompia a sua narrativa e a retomava com base nessas sessões, já que estava utilizando o livro original como suporte no momento da gravação.

Com o suporte das tabelas anexas e da transcrição do ELAN, mapeamos dois padrões bases para o uso dos espaços sub-rogados: o padrão de *incorporação total* e o padrão de *incorporação parcial*. De modo geral, as ocorrências de incorporação são aquelas onde o tradutor “sub-roga”, ou toma emprestado, o seu corpo e o espaço ao seu redor para representar, em tamanho “real”,³¹ alguns personagens da narrativa. Essa incorporação pode acontecer de forma “parcial”, isto é, com o corpo do narrador particionado para representar mais do que um referente da narrativa simultaneamente, ou “total”, quando seu corpo representa um único personagem num dado momento.

³¹ Entende-se por “tamanho real” a corporificação do personagem no tamanho do tradutor. Onde a cabeça do tradutor representa a cabeça do personagem, os membros do tradutor representam os membros dos personagens e o tronco do tradutor representa o tronco do personagem.

Para iniciar a nossa análise, contudo, vamos primeiro apresentar os critérios para identificação dos diferentes usos do espaço pelo tradutor de Vira-Lata, buscando seguir a proposta de Liddell (2003), que fala sobre 3 diferentes usos do espaço: o real, o token e o sub-rogado. Essa explicitação de como categorizamos os dados é importante, pois vai impactar diretamente os resultados obtidos, já que foi a partir desses critérios que identificamos e contabilizamos as ocorrências de espaço sub-rogado, distinguindo-os das ocorrências em que o uso do espaço não estava presente.

5.2. ANÁLISE DESCRITIVA

5.2.1. A categorização dos espaços mentais na narrativa em Libras

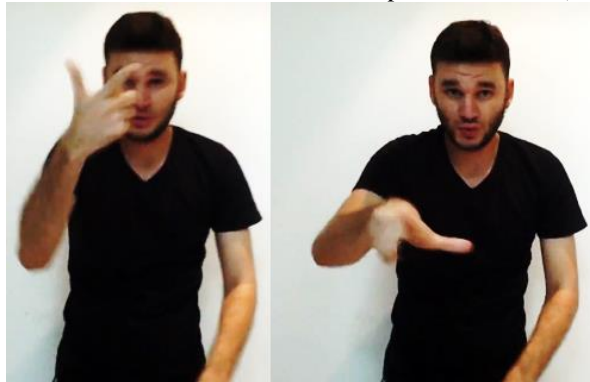
Liddell define o *espaço real* não como algo puramente material, mas sim como a conceitualização que o indivíduo faz daquilo que está fisicamente perceptível para ele no espaço enunciativo. As entidades que pertencem a este espaço são chamadas de “reais”, mas em última instância são representações mentais de entidades que podem ou não estar fisicamente presentes no lugar e no tempo em que ocorre o discurso. Por exemplo, quando um caixa de supermercado se dirige ao cliente dizendo: “Pode inserir o cartão”, apontando com a mão para a máquina em que os pagamentos são realizados, esse gesto de apontamento envolve uso do espaço real, isto é, a conceitualização que o caixa faz sobre o local que a máquina se encontra.

Na narrativa que estamos analisando, as evidências de uso do espaço real *de modo exclusivo*, isto é, sem estar integrado ao espaço token ou ao sub-rogado, são restritas pelo fato de o tradutor ter produzido sua narrativa sozinho, diante de uma câmera em uma sala, sem um interlocutor presente. Assim, ele raramente se dirigiu, em seu discurso, a entidades fisicamente presentes no espaço de enunciação.

Na figura a seguir, porém, podemos identificar um uso do espaço real independente dos espaços token e sub-rogado. Essa figura mostra a sinalização do tradutor num momento em que, após finalizar a tradução de uma página, ele faz uma pausa, se inclina até o livro à sua frente e olha novamente a imagem. Em seguida, retorna à sua posição de tradutor, olha para a câmera e sinaliza o que aparece na imagem: DE-NOVO, para então refazer o trecho que havia traduzido. Aqui, quem diz

DE-NOVO não é o |narrador| da história, mas sim o tradutor Marquioto, dirigindo-se à câmera como se ela representasse o local que o interlocutor dele ocupa no espaço real.

Figura 35 - Tradutor sinalizando DE-NOVO para a câmera (seu interlocutor)



Tendo em vista que a câmera representa o interlocutor da narrativa em Libras no espaço real, podemos dizer que os momentos em que a direção do olhar do tradutor se volta para a câmera, quando o tradutor incorpora o narrador onisciente da história, seria também uma evidência (mais indireta, porque já integrada ao espaço da narrativa) de uso do espaço real, como no exemplo abaixo.

Tabela 7 - Espaço real evidenciado no olhar do narrador

Figura 36 - Página 5 do livro Vira-Lata



Figura 37 – SOZINHO



Figura 38 – CUIDAR

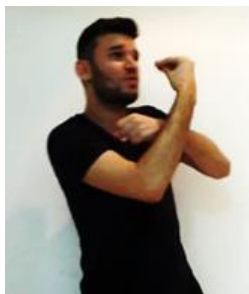


Figura 39- NADA

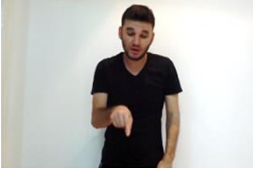

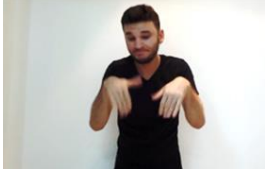


Ao observarmos a imagem do livro, vemos que a expressão “ E não era de ninguém” revela o |cachorro| sozinho em meio a cidade movimentada. A tradução dessa passagem também ilustra o uso do espaço real, como acima comentado, quando o tradutor dirige o olhar para a câmera, que representa o local que o interlocutor ocupa no espaço de enunciação. Isso acontece nas imagens das figuras 37 e 39, quando sinaliza SOZINHO e depois NADA. Ao mesmo tempo, é interessante observar que ele quebra essa perspectiva do narrador com a figura 38, quando muda a orientação do corpo e do sinal CUIDAR, direcionando o

sinal para si mesmo, como objeto do cuidado. Retomaremos essa observação ao falar sobre os padrões de sub-rogado do personagem |cachorro| na história.

Tendo em vista que o espaço real é a base sobre a qual os espaços token e sub-rogado são integrados, sempre que tivermos algum desses dois espaços, podemos também fazer referência ao uso do espaço real. Por exemplo, quando o tradutor produz os seguintes sinais:

Tabela 8 – Espaço real integrado ao token e sub-rogado.

<p>Figura 40 - mulher- adotiva sinalizando VOCÊ</p> 	<p>Figura 41 - mulher- adotiva sinalizando FICAR</p> 	<p>Figura 42 - mulher- adotiva sinalizando VAI- EMBORA.</p> 
--	--	---

Na figura 40, o sinalizador aponta para a entidade |cachorro|. A referência espacial do apontamento é decidida com base no local do espaço real em que esse personagem do universo narrativo foi previamente alocado, no momento de enunciação.

Na figura 41 e 42, igualmente, o sinalizador constrói o *espaço sub-rogado* emprestando o seu corpo, que faz parte do espaço real, ao personagem e fazendo uso do espaço real à sua frente para dialogar com outras personagens. Aqui, FICAR se refere a “ficar aí”, no espaço que está sendo indicado à frente do personagem incorporado. Na figura 40, VAI-EMBORA refere-se a “seguir adiante” no espaço à frente do personagem incorporado.

O *espaço token* diferencia-se do espaço real por se tratar de um espaço integrado, no qual os objetos do assunto ou da narrativa, que *não* estão fisicamente presentes no contexto de enunciação, “ganham vida” ou são materializados nesse contexto ao serem associados a pontos específicos do espaço real. As entidades tokens, uma vez introduzidas no discurso, tendem a ficar invisíveis, nesses casos sendo identificadas exclusivamente pelos pontos aos quais foram associadas.

A partir da descrição de uma narrativa em Libras, Moreira (2007) aponta diversas formas de criação de tokens: a) um olhar direcionado para um determinado ponto do espaço de sinalização, seguido ou não de sinal de apontamento (um pronome pessoal ou um verbo indicador), de uma expressão referencial qualquer, ou de uma digitalização de um nome próprio; b) o uso de um sinal de apontamento, seguido ou de uma expressão referencial qualquer, ou de uma digitalização, ou de um sinal próprio; c) uma expressão nominal, seguida ou de um sinal de apontamento, ou de um olhar direcionado para o local onde foi realizada a expressão; d) uma digitalização em um determinado ponto do espaço de sinalização, seguida de um sinal de apontamento ou de um olhar direcionado a esse ponto; e e) um sinal próprio da entidade referida, seguido ou de um olhar ou um sinal de apontamento.

Na figura abaixo, identificamos a criação de alguns tokens da narrativa Vira-Lata.

Tabela 9 - Ocorrências de token na narrativa

Figura 43 - Token de |cidade|

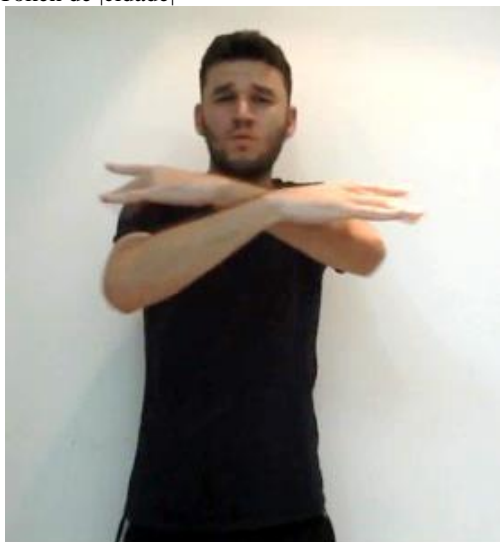


Figura 44- 3 Tokens de |prédio|

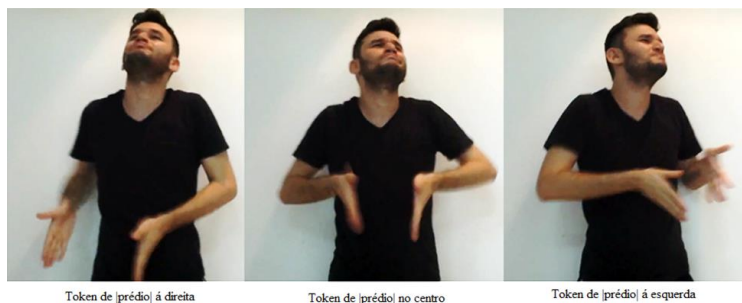


Figura 45- Token de |avião|



Nas figuras 43, 44 e 45 é possível ver que o tradutor estabeleceu, durante a sinalização, alguns referentes (|cidade|, |prédio| e |avião|) e respectivos locativos em determinados pontos no espaço de sinalização à frente de seu corpo.

O referente |cidade| foi introduzido na primeira página do livro para descrever o cenário em que a história seria narrada. Após criar o token de |cidade| à frente do seu corpo, o tradutor continua montando este cenário no espaço de sinalização à sua frente, introduzindo vários referentes que compõem essa cidade, como na figura 44, em que localiza três |prédios| no mesmo espaço de |cidade|.

Na figura 45, é possível observar que o braço esquerdo do tradutor introduz um token de |rua|, localizada também na |cidade|, ao mesmo tempo em que introduz um |avião| com a mão e braço direito.

Durante a narrativa em Libras, é possível estabelecer os personagens e elementos do cenário no espaço de sinalização para falar sobre eles e incorporá-los.

Com esta pluralidade de possibilidades de representação imagética, é possível ainda identificar na mesma figura 45 que ilustra a introdução de um token também a ocorrência de um espaço sub-rogado integrado, evidenciada pela orientação do rosto e do olhar do tradutor que incorpora parcialmente o |cachorro| olhando o avião lá de baixo.

Figura 46- Uso integrado de token e sub-rogado por meio da partição do corpo.



Desse modo, pela possibilidade de *incorporação parcial* de personagens, é possível haver múltiplas integrações (simultâneas) no discurso, de modo que vários referentes distintos, ou vários aspectos de um mesmo referente ou do cenário, podem ser representados simultaneamente por meio de subrogados (Liddell, 2003; Dudis, 2007). Para McCleary & Viotti (2014), é, ainda, pela partição do corpo e pelas múltiplas integrações conceituais que, nas línguas sinalizadas, vozes e perspectivas narrativas podem ser realizadas simultaneamente no discurso narrativo.

Um exemplo de espaço sub-rogado não-partido, isto é, de incorporação total do personagem, pode ser observado na figura a seguir:

Figura 47 - ANIMAL-ANDAR



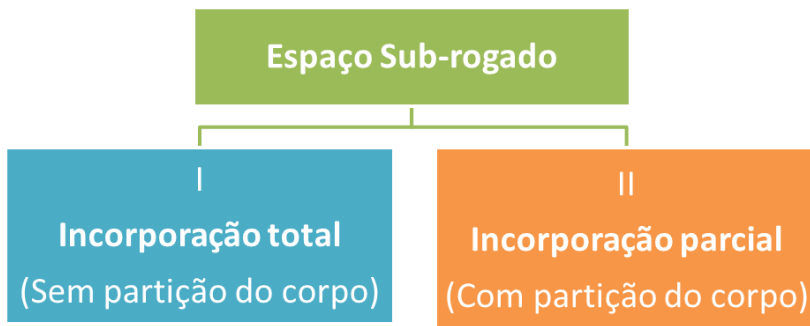
Aqui, o personagem |cachorro| foi incorporado totalmente pela parte superior do corpo do tradutor, que, começa a representá-lo com as mãos sendo as patas, o rosto do tradutor sendo o rosto do animal e, sobretudo, as ações do animal, que são construídas no corpo do tradutor. Vamos agora ver em maiores detalhes essas possibilidades de incorporação total e incorporação parcial do personagem.

5.2.2. Introdução aos dois padrões básicos de sub-rogado identificados

Segundo Liddell (2003), os sinalizadores, ao abrirem um espaço mental sub-rogado, têm a possibilidade de assumir o papel de quaisquer personagens da narrativa, narrando-os como se fossem eles, embora saibamos que todo tipo de discurso direto traga um “narrador” por detrás que pode não estar evidente. As entidades sub-rogadas são representações mentais representadas pelo corpo do sinalizador em tamanho “real”, corporificando e dando vida aos personagens da narrativa com grande vivacidade.

Na narrativa analisada, identificarmos inicialmente dois padrões de ocorrência de espaços sub-rogados.

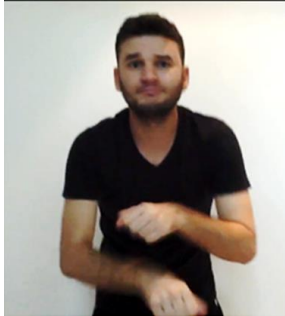
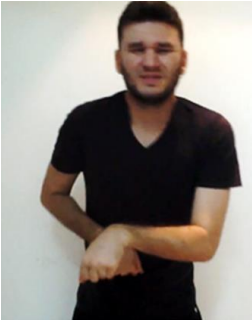
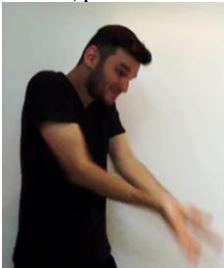
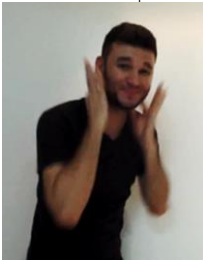
Figura 48 - Dois padrões básicos dos espaços sub-rogados



As duas formas básicas que toma o espaço sub-rogado significam que, na incorporação total, (I) os vários articuladores da parte superior do corpo do tradutor representam um único personagem da história de forma integral e exclusiva; e, na incorporação parcial, (II) alguns articuladores da parte superior do corpo do tradutor representam um personagem ao mesmo tempo em que outras partes do corpo podem representar o narrador ou outros referentes da narrativa.³² Esses dois padrões de uso do espaço sub-rogado estão ilustrados na tabela abaixo:

³² Fizemos referência à “parte superior do corpo do tradutor” por estarmos considerando a partição do corpo exclusivamente relacionada ao uso da parte superior do tronco do sinalizador, que está mais diretamente envolvida na narrativa em vídeo. Se fossemos considerar todo o corpo do tradutor como potencialmente envolvido na narrativa, analisando também as atividades da perna e dos pés, então todos os casos de sub-rogado deveriam ser categorizados como casos de partição do corpo. A consideração da parte inferior do corpo do sinalizador em análises ainda é praticamente inexistente na literatura de línguas de sinais, mas parece haver indicativos de que, embora com menor ênfase, essa parte do corpo também contribui para a significação do discurso sinalizado.

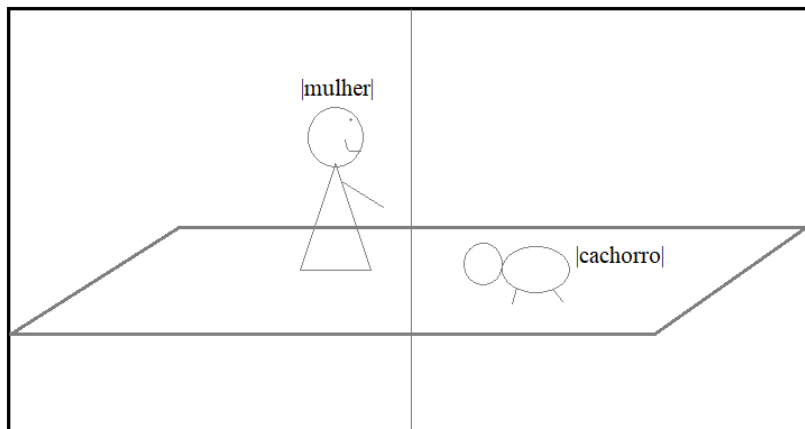
Tabela 10- Exemplos dos dois padrões de sub-rogados na narrativa

<p>ANIMAL-ANDAR a.</p> 	<p>Gesto icônico de “fome” circulando a barriga com a mão direita b.</p> 
<p>Gesto icônico “chamando” o cachorro para o colo c.</p> 	<p>Sinal próprio dado pelo tradutor à mulher-adotiva d.</p> 

Na figura da tabela 10(a) e 10(b), o tradutor está representando um único personagem, o |cachorro|. O posicionamento do corpo, o olhar e as mãos mostram o modo como o |cachorro| anda na cidade.

Em 10(c), o tradutor continua representando um único personagem por meio de incorporação total, agora da |mulher-adotiva|, que está fazendo um gesto para que o |cachorro| venha para o seu colo. A inclinação do corpo e do olhar do tradutor são direcionados para baixo e para a sua esquerda, referindo-se ao espaço token do |cachorro| naquele ponto da narrativa.

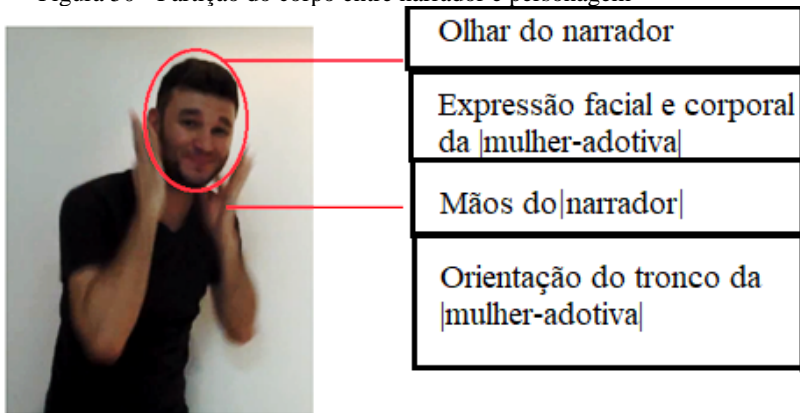
Figura 49- Esquema espacial do espaço sub-rogado em 10(c)



Na imagem 10(d), diferentemente das imagens anteriores, podemos ver o fenômeno da partição do corpo que permite ao tradutor representar não apenas a |mulher-adotiva|, mas também o narrador. Nesse trecho da narrativa, o tradutor “interrompe” a representação das ações dessa personagem |mulher-adotiva|, indicada pela orientação do rosto e tronco para a sua esquerda, para introduzir ao leitor o sinal próprio que ele havia criado para designar essa personagem, destacando a característica de seus cabelos alisados, como mostra a figura.

Neste caso de espaço-subrogado, já podemos observar uma das possibilidades de *incorporação parcial* do personagem, destacadas na figura abaixo: o narrador está representado pelas mãos, que sinalizam o nome próprio da personagem, e pelo direcionamento do olhar e do rosto, voltados para a câmera; enquanto a expressão facial é a da própria |mulher-adotiva|, assim como o direcionamento e inclinação do tronco.

Figura 50 - Partição do corpo entre narrador e personagem



Em outro caso de *incorporação parcial* do personagem, apresentado na figura 51 abaixo, o |cachorro| que vagava pela cidade “sente fome”. Essa interpretação é introduzida por meio de uma partição do corpo curiosa. A mão direita do tradutor se movimenta em círculos na barriga, num gesto icônico que indica “fome”. O curioso dessa partição é que não sabemos se a mão direita que faz o gesto poderia ser atribuída à voz do narrador, pois o tradutor não realiza o sinal convencional FOME da Libras (figura 52 abaixo), optando ao invés disso por manter as mãos fechadas, tal como no sinal ANIMAL-ANDAR ilustrado anteriormente. Assim, temos uma ambiguidade aqui em relação à voz de quem está sendo veiculada, narrador ou personagem.³³

³³ Aqui, refletimos então: poderia esse fenômeno ser relacionado com o que na literatura se discute como “discurso indireto livre”?

Figura 51 - Sinal de FOME por CAPOVILLA (2000)



Neste caso, uma hipótese seria a de que o corpo do tradutor foi aqui particionado entre incorporação parcial do personagem e uma expressão antropomórfica do pensamento ou sensação que está sendo experimentada por esse mesmo personagem (ver, por exemplo, McCleary e Viotti, 2010, p.192). Talvez uma evidência para isso seria a expressão facial, que pode ser atribuída também a esse pensamento ou sensação. Se essa hipótese for verdadeira, podemos sugerir que a *incorporação parcial* do corpo acontece até mesmo para representar nuances de significação associadas a um mesmo personagem, e não apenas entre personagem e narrador ou entre personagem e cenários.

Figura 52 - Partição do corpo para expressar pensamento ou sensação do personagem.



Sutton-Spence; Ladd; Rudd (2005) é uma das pesquisadoras que explora o conceito de *antropomorfismo* nas línguas sinalizadas e que parece ser relevante neste contexto. O recurso do *antropomorfismo* envolve a atribuição pelo narrador de características humanas a animais ou objetos inanimados. Analisando a figura 53, essa interpretação parece plausível, pois podemos considerar a expressão facial e o gesto icônico de “fome” do tradutor como uma antropomorfização do personagem [cachorro].

Uma ocorrência semelhante acontece na figura abaixo:

Figura 53- Gesto icônico do [cachorro] “comendo”, trazendo as patas até a boca.



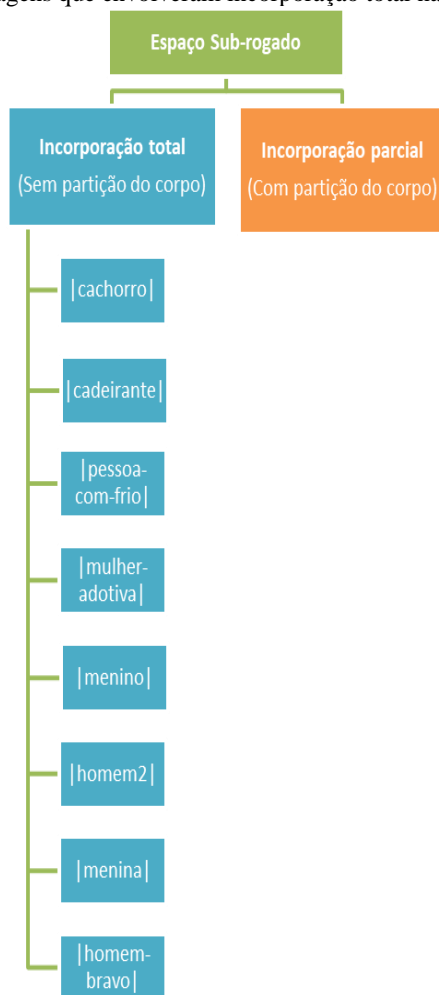
Nota-se que a mão esquerda do animal, bem como a ação corpórea são do [cachorro]. A mão direita e a mão esquerda permanecem em formato de patas, mas o tradutor leva a mão direita na boca de um modo que é mais típico de uma ação humana do que de um cachorro.

Ocorrências de incorporação total e de incorporação parcial por meio de partição do corpo aconteceram durante toda narrativa com vários personagens. Buscando identificar outros possíveis padrões, na seção a seguir vamos explorar como cada um dos personagens foi representado nos sub-rogados identificados na narrativa.

5.2.3. Uso dos sub-rogados de acordo com os personagens incorporados

O recorte metodológico que fizemos para observar o uso dos sub-rogados foi o de olhar para as similaridades e diferenças na incorporação de cada um dos personagens, devido à relação estreita entre sub-rogados e incorporação de personagens. Na figura abaixo, apresentamos um esquema de quais personagens foram introduzidos na narrativa utilizando o recurso de incorporação total. Nela observamos que 8 dos 10 personagens da narrativa foram incorporados totalmente, isto é, com toda a parte superior do corpo do sinalizador representando o personagem. Sendo assim, os personagens |homem-do-abrigo| e |amigos| não aparecem com incorporação total.

Figura 54 – Personagens que envolveram incorporação total na narrativa



A incorporação do personagem |cachorro| é a mais evidente ao longo da narrativa, seja pelo fato de esse personagem ser o protagonista, seja pelo fato de ser um referente animal, que leva o tradutor a configurar as mãos de um modo particular em relação aos demais personagens.

Tabela 11 - Incorporações totais do |cachorro|

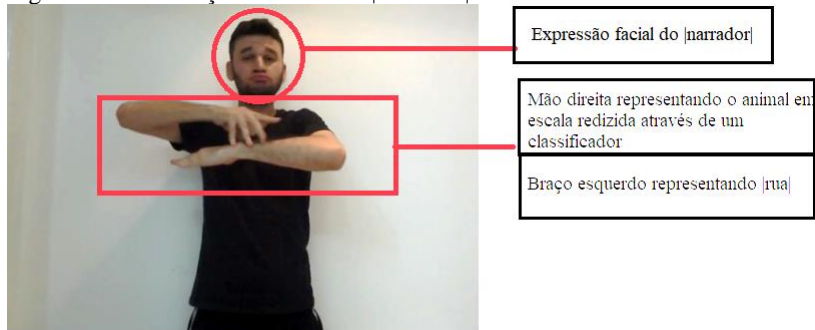


Ao observarmos os sub-rogados do |cachorro|, constatamos como as principais formas de incorporação total: a animal andando (figura 56), a animal em repouso (figura 57) e o animal correndo (figura 58). Durante estes episódios a direção do olhar, o movimento do tronco, de cabeça, as expressões faciais e corporais indicavam ações exclusivas do Vira-Lata.³⁴ Em comum, todas as manifestações foram marcadas pelas mãos do tradutor fechadas, representando as patas do animal.

Refletir sobre como o cachorro foi introduzido na narrativa por meio de sub-rogado levanta questões que talvez precisem de maior investigação. *De uma forma mais evidente*, o cachorro aparece pela primeira vez na narrativa por meio de um token de |cachorro| produzido com a mão direita, particionando o corpo em relação ao cenário, representado na mão esquerda pela |rua|, como mostra a figura abaixo.

³⁴ Cabe destacar que, em alguns casos, a configuração da boca parecia indicar marcas relativas ao aspecto das ações realizadas, como por exemplo quando a boca protuberante à frente indica um movimento natural, relaxado. Seria necessário analisar melhor esse aspecto para ver se a boca nesses casos também deveria ser considerado um caso de partição do corpo.




































Figura 58 – Introdução de token do |cachorro| na narrativa



Nota-se que a expressão facial do tradutor representa o |narrador|, olhando para a câmera com uma expressão que nos mostra o modo tranquilo do animal se deslocar. Nessa passagem, percebemos que a orientação do rosto e do olhar do tradutor se desloca da câmera, como na figura 58 acima, para diferentes locais do espaço de sinalização, de forma coordenada com a orientação dos tokens manuais. Na imagem 6 da tabela 12 abaixo, nota-se que quando o token de |cachorro| é orientado para o alto, a orientação do rosto e do olhar do tradutor o acompanha; e quando o token de |avião| passa da direita para a esquerda, o mesmo acontece com o olhar. Isso sugere que a orientação do rosto e olhar do tradutor aqui incorporaram parcialmente o do personagem |cachorro|, complementando a significação do token manual. É como se o tradutor estivesse introduzindo de forma simultânea o |cachorro| em dois planos cinematográficos diferentes (Pimenta, 2012): um plano geral, que mostra o animal “de corpo inteiro”, representado pelo token de |cachorro| na mão direita do tradutor; e um plano aproximado, que foca no rosto e olhar do animal, representado na orientação do seu olhar (Pereira, 2017). Porém, se essa hipótese estiver correta, então podemos argumentar que a introdução do personagem |cachorro| na narrativa Vira-Lata acontece inclusive antes da introdução de seu token manual.

Vejamos aqui o início da narrativa completo para argumentar esse ponto:

Tabela 12- Introdução sutil do |cachorro| por meio da orientação do rosto e olhar

Página	Imagem do Livro	Texto em Português												
4		Em uma cidade, vivia um cachorro...												
5		Que não era de ninguém												
Texto alvo (VÍdeo em Libras)														
<table border="0" style="width: 100%; text-align: center;"> <tr> <td data-bbox="199 791 365 946">  </td> <td data-bbox="409 791 530 946">  </td> <td data-bbox="598 791 763 946">  </td> <td data-bbox="815 791 1001 946">  </td> </tr> <tr> <td data-bbox="199 986 365 1129">  </td> <td data-bbox="423 986 589 1129">  </td> <td data-bbox="647 986 813 1129">  </td> <td data-bbox="871 986 1014 1129">  </td> </tr> <tr> <td data-bbox="302 1185 468 1345">  </td> <td data-bbox="524 1185 689 1345">  </td> <td data-bbox="734 1185 900 1345">  </td> <td></td> </tr> </table>														
														
														
														

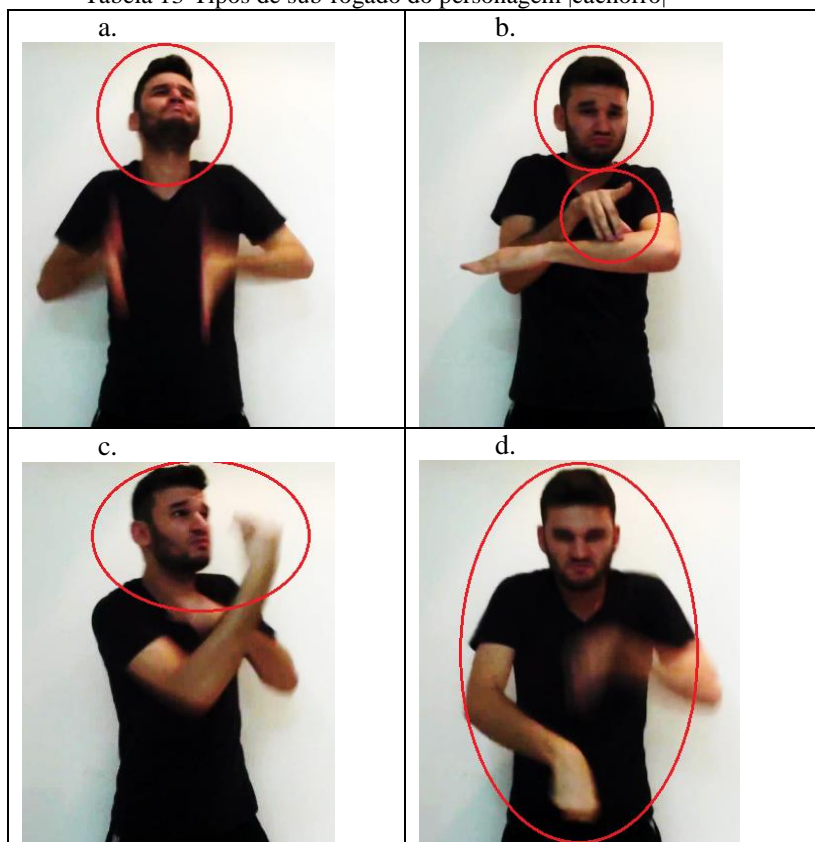
Observamos nessa sequência inicial da história que já na realização dos tokens de |prédio| (imagem 3), o tradutor olha para cima, tal como faz quando introduz o token de |avião| (imagem 6). Se por um lado podemos argumentar que o olhar para cima indica que o prédio era alto, ainda assim poderíamos perguntar: “alto” da perspectiva de quem? Nos parece que aqui, na orientação do rosto e do olhar para o alto, o personagem |cachorro| já esteja sendo incorporado parcialmente na narrativa pela primeira vez, de uma forma sutil.

Outra evidência para essa hipótese de análise aparece no trecho final da sinalização nesta tabela, na sequência que já discutimos anteriormente. Nas imagens 8, 9 e 10 da tabela 12, o sinalizador muda a orientação de seu rosto, tronco e olhar ao realizar o sinal CUIDAR, optando por incorporar parcialmente o |cachorro| ao invés de manter a orientação do narrador direcionada para a câmera, como em SOZINHO e NADA.

Aqui, um exercício de retextualização (de versão da narrativa em Libras para o Português) talvez ajude a fortalecer a hipótese sobre a perspectiva subjetiva do |cachorro| na orientação de rosto, tronco e olhar. Aproximando-nos das características da performance do tradutor, a passagem SOZINHO CUIDAR NADA poderia ser retextualizada em Português com uma perspectiva subjetiva, “Eu estava sozinho, ninguém cuidava de mim”, ao invés da perspectiva objetiva do texto escrito original: “[um cachorro] que não era de ninguém”.

Em suma, ao analisarmos o personagem |cachorro|, o protagonista da narrativa, verificamos que o seu padrão de sub-rogado foi o mais sofisticado de todos os personagens da narrativa, envolvendo as quatro possibilidades destacadas na Tabela abaixo.

Tabela 13-Tipos de sub-rogado do personagem |cachorro|



a. incorporação parcial – Orientação do rosto e do olhar é o |cachorro|; mãos são os |prédios|

b. incorporação parcial – Orientação do rosto e do olhar é o |cachorro| visto em plano aproximado; mão direita é |cachorro| visto em plano geral; mão esquerda é |rua|

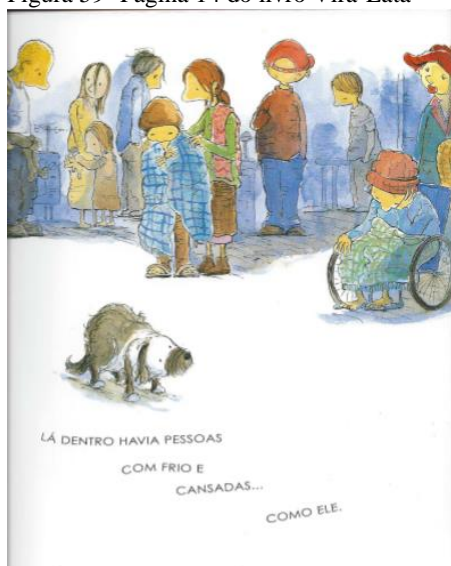
c. incorporação parcial – Orientação do rosto, olhar e tronco é o |cachorro|; mão direita e esquerda é o narrador sinalizando CUIDAR

d. incorporação total – Todo tronco superior do tradutor é o cachorro

Em relação à categorização proposta para esses dados, nos parece que a orientação do rosto, tronco e olhar indicam que a narrativa está sendo contada do ponto de vista ou perspectiva do personagem protagonista, o |cachorro|, isto é, de uma perspectiva subjetiva. Ao mesmo tempo, quando o |cachorro| é introduzido por um token manual, parece que a narrativa ganha uma perspectiva objetiva. Esse é um possível rumo de investigação futura: o de relacionar características dos sub-rogados com a questão da *perspectiva narrativa*, que ainda não pudemos abordar neste trabalho.³⁵

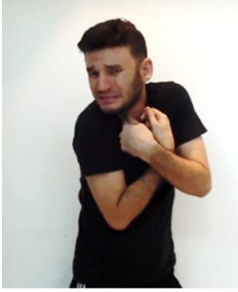
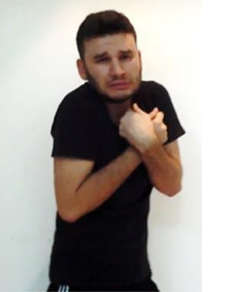
Ao traduzir a página 14 do livro em LP, o tradutor introduz uma segunda personagem, |pessoa-com-frio|, que aparece somente uma vez durante a narrativa, quando o cachorro entra no abrigo, como mostram as figuras abaixo:

Figura 59- Página 14 do livro Vira-Lata



³⁵ Num exercício de imaginação, consideremos que o protagonista da narrativa em questão fosse um cachorro gigante, muito maior do que os prédios de uma cidade. Se assim fosse, será que os tokens de prédio seriam introduzidos com a orientação e olhar do narrador olhando para baixo?

Tabela 14 - Incorporação de |pessoa-com-frio|

<p>Figura 60 - pessoa-com-frio segurando um agasalho</p> 	<p>Figura 61 - pessoa-com-frio acaricia o cachorro </p> 	<p>Figura 62 - pessoa-com-frio segurando um agasalho</p> 
--	--	--

Acima temos a sequência que representa a personagem |pessoa-com-frio| na narrativa. Aqui, nos parece que há uma ambiguidade na interpretação sobre os padrões de sub-rogado. Inicialmente, analisamos que a personagem foi introduzida na narrativa diretamente por meio da incorporação total, com toda a parte superior do corpo do tradutor representando a |pessoa-com-frio|. Contudo, observamos mais tarde que *no início e no final da sequência, o olhar do tradutor é direcionado à câmera*. Seria essa uma forma muito sutil de o narrador introduzir um personagem, usando todo o seu corpo para incorporar o personagem exceto pelo olhar?

Observamos ainda que esse sub-rogado tem uma sequência em que, ao final dela, o tradutor retorna à configuração do corpo assumida no início, intermediada por uma ação de “acariciar” o |cachorro|, quando o personagem é incorporado totalmente pelo narrador. Esse tipo de observação pode nos conduzir a investigar a “sintaxe” dos sub-rogados, isto é, se as incorporações dos personagens poderiam revelar alguma estruturação sequencial.

Um terceiro personagem incorporado pelo tradutor ao traduzir esta mesma página, exibida na figura 59, é o do |cadeirante| que também está na cena do abrigo. Este personagem é representado pelo tradutor da seguinte forma:

Figura 63 - Introdução do personagem |cadeirante|

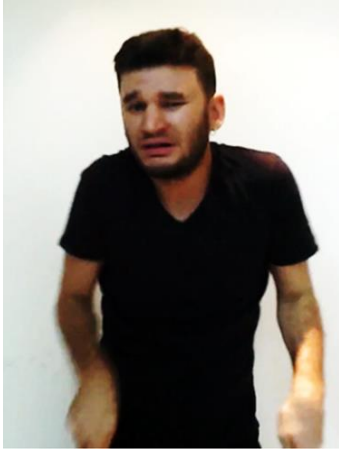
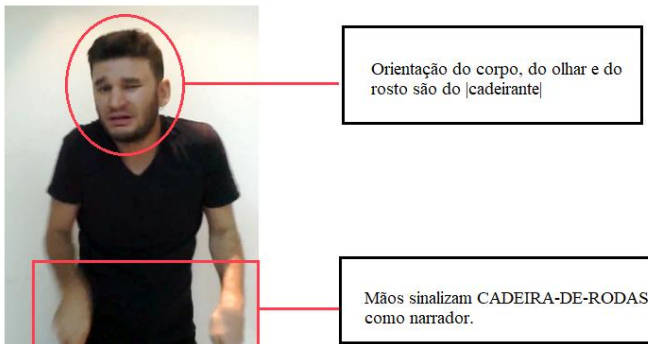


Figura 64 - |Cadeirante| acaricia o |cachorro|



Na Figura 65, observamos que o tradutor incorpora o personagem |cadeirante| em sua expressão facial e na postura do corpo encolhido que indica a sua postura sentada. Porém, assim como no caso da |mulher-com-frio|, no início da incorporação o olhar está direcionado para a câmera, como um narrador sutil que introduz o personagem, e as mãos sinalizam CADEIRA-DE-RODAS também como o narrador.

Figura 65. Introdução do |cadeirante| na história

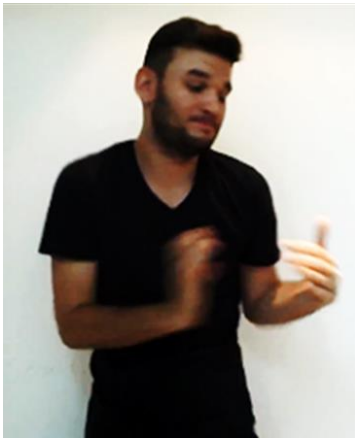


Na figura 64, vimos que após introduzir o personagem o tradutor incorpora totalmente o cadeirante. Nesse momento, o personagem interage com o [cachorro] num gesto icônico de “acariciar”, à direita do tradutor.

As ocorrências de incorporação parcial e total continuam com a introdução do personagem [mulher-adotiva], que, assim como acontece com a [mulher-com-frio] e o [cadeirante], também é introduzida na narrativa sem nenhum token ou referência nominal, isto é, aparecendo diretamente na história por meio de uma incorporação *quase* total do personagem. “Quase” total aqui se refere a esse padrão que começa a se destacar nos dados, o de introduzir o personagem por meio de uma incorporação total *exceto pelo olhar que é rapidamente direcionado à câmera no início da incorporação*.

A figura abaixo traz as imagens da introdução de [mulher-adotiva] na narrativa, com uma panela a frente, mexendo o conteúdo que está dentro.

Tabela 15 - Introdução da personagem [mulher-adotiva]

<p>Figura 66- [mulher-adotiva] com a [panela] a frente</p>	<p>Figura 67 - [mulher-adotiva] colocando a panela ao lado</p>
	

Na verdade, aqui há mais uma diferença em relação à introdução dos personagens [mulher-com-frio] e [cadeirante], porque aqui o braço esquerdo do tradutor é particionado para representar uma

entidade que compõe o cenário: uma |panela|. Em seguida, na figura 67, vemos a imagem no momento em que |mulher-adotiva| foi totalmente incorporada, quando faz o gesto icônico de “colocar o objeto que segura para o lado”, no caso a |panela|, para então a |mulher-adotiva| interagir com o |cachorro| à sua direita.

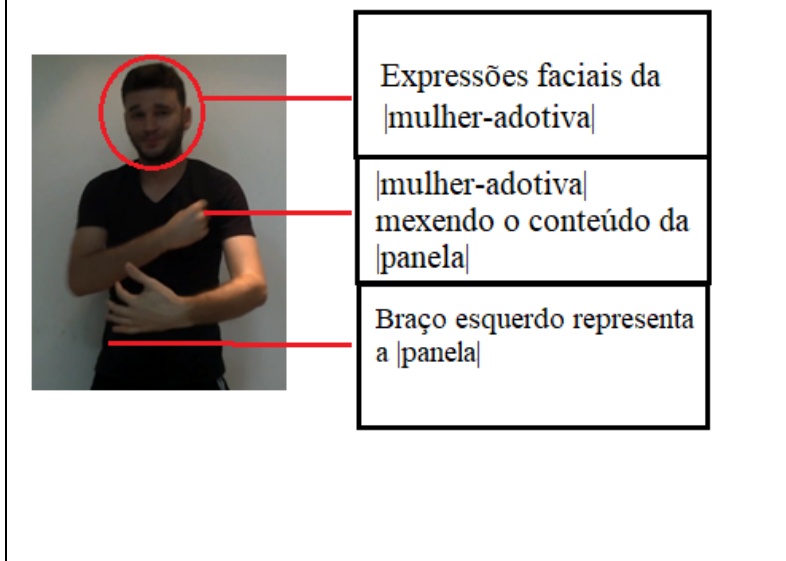
Outro detalhe que destacamos, que mostra a dificuldade de distinção clara entre uma dimensão mais gestual e uma dimensão mais propriamente linguística da narrativa. Na primeira imagem de |mulher-adotiva|, há uma certa ambiguidade sobre que tipo de *incorporação parcial* estaria acontecendo: (i) se ambos os braços do tradutor envolvem a realização convencional do sinal COZINHAR, ou (ii) se há uma *incorporação parcial* em que o rosto, a mão direita e o corpo indicam a incorporação da |cozinheira| enquanto o braço esquerdo representa a introdução do token de |panela|, como sugerimos em nossa análise.

Essa ambiguidade é gerada pelo fato de o sinal COZINHAR ser icônico. A figura abaixo ilustra essa ambiguidade, mostrando a similaridade entre o sinal convencional COZINHA e o sub-rogado em questão:



Hipótese de análise II

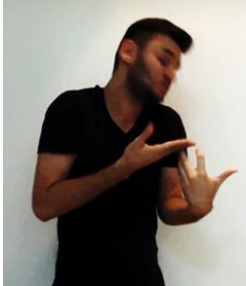

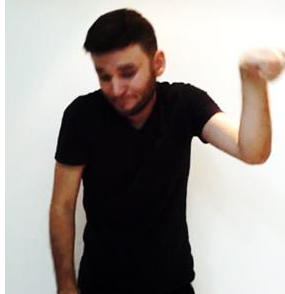
Figura 68 - Ambiguidade na interpretação da incorporação na |mulher-adotiva|



Ao analisar as imagens, como já afirmamos, a nossa hipótese é a de que a mão esquerda seja de fato a representação da |panela| por meio da *incorporação parcial*, pois traz uma configuração de mão e dos braços no espaço bastante marcada, bem abertas, em contraste com a configuração de mão e braços mais relaxada, menos marcada, característica da mão passiva em sinais desse tipo, como analisa Battison (1974) em seu trabalho clássico sobre restrições nas formações dos sinais.

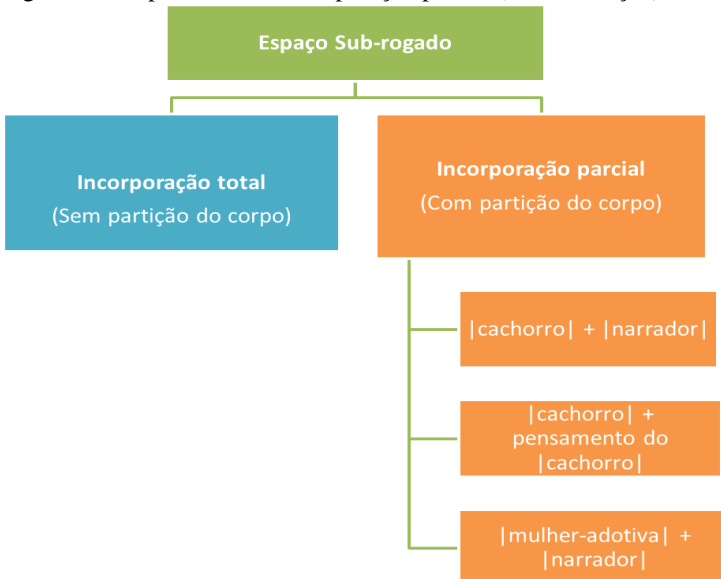
Após introduzir a |mulher-adotiva|, em vários momentos da narrativa a mesma aparece incorporada totalmente, sem partição do corpo, como os exemplos da tabela abaixo. Nessas imagens vemos que a orientação do corpo, do olhar, do rosto, a postura e até gestos comunicativos são do personagem |mulher-adotiva|.

Tabela 16 - Incorporações totais da |mulher-adotiva|

<p>Figura 69 - mulher-adotiva conversando com o cachorro </p> 	<p>Figura 70 - mulher-adotiva com o cachorro no colo</p> 	<p>Figura 71 - mulher-adotiva pegando uma caixa para o cachorro dormir</p> 
---	--	--

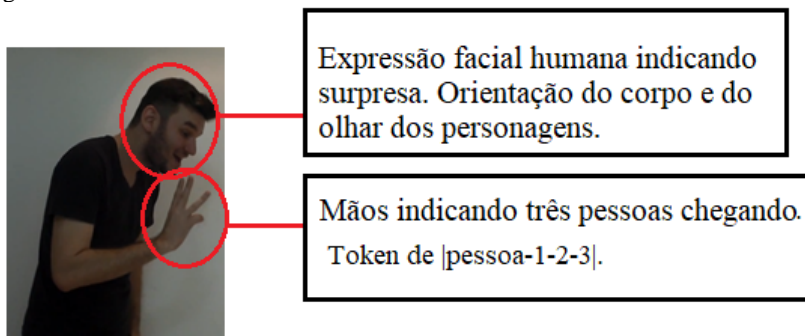
Até o presente ponto de nossa análise, podemos então sistematizar os resultados com o seguinte esquema.

Figura 72- Mapeamento da incorporação parcial (em construção)



Quando continuamos analisando os padrões de sub-rogados com base no recorte dos personagens, mais uma observação interessante e inusitada. Ocorre que os próximos personagens a serem introduzidos – |homem2|, |menina| e |menino| – aparecem na trama simultaneamente. Esses personagens são da família da |mulher-adotiva| e surgem quando a personagem |mulher-adotiva| pega o |cachorro| na rua e o leva para casa. Ao chegar em casa, os três chegam para ver o animal, como mostra a figura X abaixo.

Figura 73 – Incorporação parcial com token que introduz três personagens simultaneamente.



A figura 73 mostra o momento em que os três personagens entram em cena, quando se deparam com o |cachorro| trazido pela mulher adotiva para casa. A mão direita do tradutor é um token, PESSOA-1-2-3, por meio do qual o narrador introduz a ideia de “três pessoas”, cada uma representada por um dedo estendido. O mais curioso desta passagem é notar que todo o corpo do tradutor (com exceção do token manual) incorpora a expressão facial e orientação dos personagens, como se os três personagens, distintos manualmente pela separação dos dedos, aparecessem fundidos nos articuladores não-manuais, que aqui expressam um comportamento comum aos três personagens.

Aqui, mais uma vez, parece ter sido relevante para o tradutor representar personagens em dois planos ao mesmo tempo: um geral, que representa três pessoas de corpo inteiro com as mãos, e um aproximado, que representa a expressão facial e orientação corporal de três pessoas explorando o corpo do sinalizador em tamanho “real”. A associação desses dois planos neste ponto parece ficar mais coesa por dois recursos:

o token manual é realizado de forma próxima ao corpo e a orientação da palma da mão espelha a orientação geral do corpo do sinalizador.

A influência das imagens no livro original pode ser apontada como uma influência para essa forma simultânea de introduzir mais do que um personagem na história, como mostra a figura 74 abaixo. Nela vemos que, de fato, a expressão facial e orientação geral do corpo dos personagens é um comportamento comum aos três, passível de ser fundido num único corpo, o do tradutor no espaço real.

Figura 74 - Livro Vira-Lata p. 23

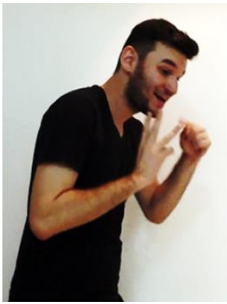
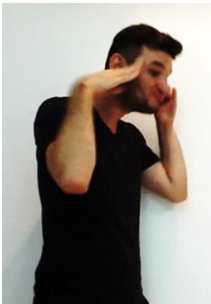
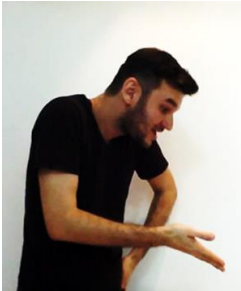


Figura 75 - Introdução dos personagens |homem2|, |menina| e |menino|



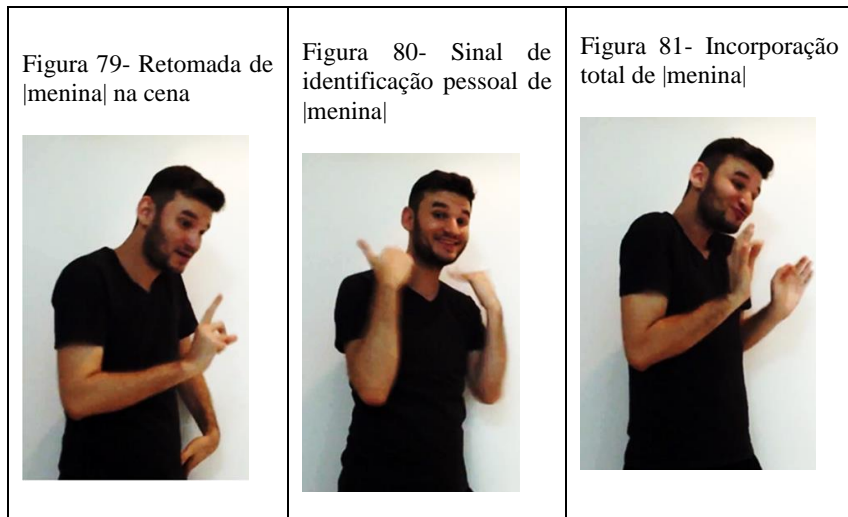
Quando olhamos para o desenho do livro, observamos também que a localização dos personagens fica representada na imagem videogravada de forma espelhada. No vídeo, o animal acaba localizado ao lado direito para quem assiste, enquanto na ilustração o cachorro aparece do lado esquerdo para quem vê a imagem. Essa questão do “espelhamento” é discutida por Luchi (2013), que afirma que o espelhamento em traduções de literatura infantil é recorrente e uma pergunta que faríamos é se o tradutor surdo sempre incorpora a perspectiva “de quem vê” a história ou se a escolha do lado em que um token será colocado no espaço de sinalização é algo aleatório.

Após introduzir os personagens |homem2|, |menina| e |menino| simultaneamente na cena, o tradutor usa uma estratégia para diferenciar os personagens:

<p>Figura 76 - Apontamento para homem2 </p> 	<p>Figura 77 - Sinal de identificação pessoal de homem2 </p> 	<p>Figura 78 – Incorporação total de homem2 </p> 
--	---	---

Nesse trecho, o tradutor começa fazendo um apontamento para o token do |homem2| (figura 76), representado pelo dedo anelar de sua mão direita, seguido de um sinal que funciona como uma referência nominal para esse personagem (figura 77), novamente caracterizando um personagem pela característica física de seu cabelo. Desse modo, ele indica que é o |homem2| que será incorporado totalmente, o que acontece em seguida quando |homem2| faz um gesto comunicativo de apontamento para o |cachorro| à sua esquerda (figura 78).

Continuando a análise, observamos a retomada do segundo personagem, a |menina|, na figura abaixo:



Para a reintrodução da personagem |menina| na narrativa, o tradutor não retoma a estratégia de apontar para algum dedo do token |pessoa1-2-3|, como aconteceu com o personagem anterior, optando ao invés disso por fazer um novo token PESSOA-1, indicando um único personagem (figura 79). Como esse token por si só não esclarece de que personagem se trata a incorporação, o tradutor interrompe a incorporação do personagem para introduzir um sinal que funciona como uma referência nominal, mais uma vez explorando o formato do cabelo (figura 80). Ao final, na figura 80, vemos a incorporação total da |menina|, que olha para o |cachorro| e sinaliza FOFO!

O último personagem a ser reintroduzido nessa sequência é o |menino| e aqui observamos a mesma estratégia que o tradutor usa para a |menina|, como mostra a figura abaixo:

Figura 82 - Introdução do |menino|



Figura 83 - Sinal de identificação pessoal dado ao |menino|



Figura 84 - O |menino| observa e narrador sinaliza VER

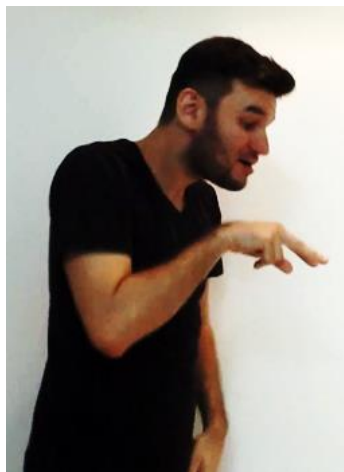
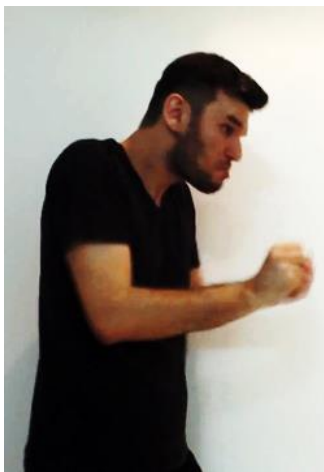


Figura 85 - Incorporação total do |menino| que sinaliza PODER

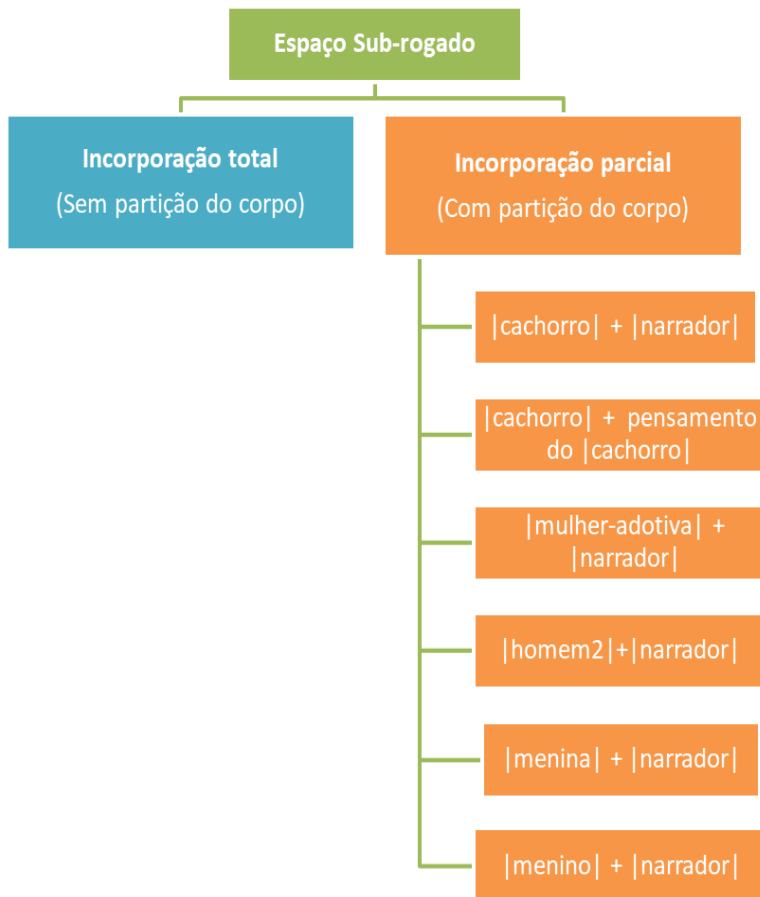


A introdução do personagem |menino| também é feita através de um token para uma única pessoa, PESSOA-1, assim como a |menina|. Contudo, neste caso a partição do corpo está mais marcada desde o início, pois o tradutor produz o token olhando para a câmera, como narrador e apenas seu tronco voltado para a sua esquerda indica o personagem. Em seguida, mais uma vez o tradutor produz um sinal de identificação pessoal para o personagem, e novamente com base no formato dos cabelos (figura 83). Depois disso, na figura 84, a partição do corpo continua, com a orientação do corpo, do rosto e olhar caracterizando o |menino|, mas as mãos representando o narrador com o sinal VER. Na figura 85, ocorre a incorporação total do personagem que reproduz a conversa dos personagens e sinaliza PODER.

Quando comparamos as incorporações desses dois últimos personagens, talvez uma nova hipótese sobre a sintaxe dos sub-rogados: em contextos em que vários personagens entram em cena ao mesmo tempo, o sub-rogado apresenta uma estrutura: (1º) incorporação total ou quase total do personagem; seguida de (2º) partição do corpo para que o narrador explicita, por meio de sinais manuais, de que personagem se trata, enquanto a orientação do tronco e/ou expressão facial permanecem dos personagens; e retorno à (3º) incorporação total do personagem.

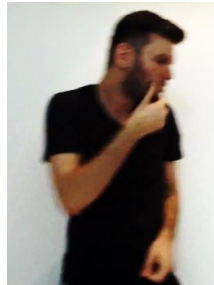
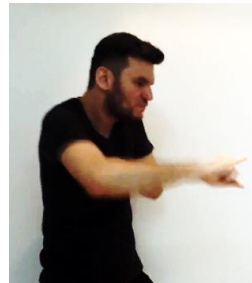
Na figura abaixo, damos continuidade ao mapeamento dos padrões de incorporação parcial com as análises feitas até agora.

Figura 86 – Mapeamento da incorporação parcial (em construção)



Um personagem que até o momento não foi citado é |homem-bravo|, que aparece na página 9 do livro em uma ação de expulsar o |cachorro| do local em que estava, debaixo de uma escada onde aparentemente um morador de rua vivia, como mostra a figura abaixo.

Figura 87 - Página 9 do livro

Figura 88- Introdução do
|homem-bravo|Figura 89 - Narrador
sinalizando HOMEMFigura 90 - |homem-
bravo| sinaliza
EXPULSAR

A figura 88, o braço direito do tradutor está representando o animal deitado debaixo da escada, dando continuidade à sequência anterior que mostra o |cachorro| vagando até parar nesse local para repousar. Em seguida, o olhar para a câmera e uma expressão facial de “suspeita” indicam a perspectiva do narrador, assim como o token PESSOA-1, que ele realiza com sua mão direita, indicando que uma pessoa se aproxima do |cachorro|, representado no corpo do tradutor pelo braço esquerdo e pela postura inclinada à frente.

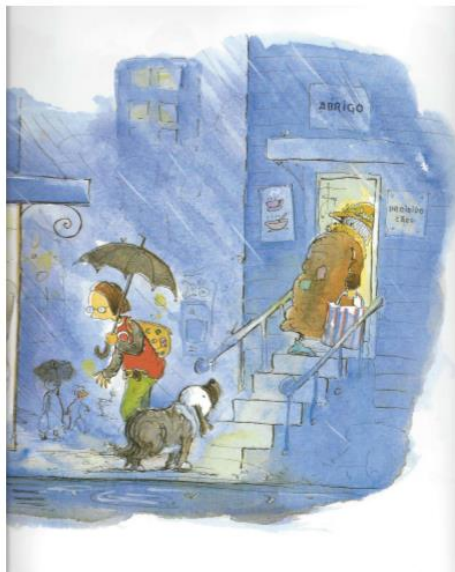
Na figura 89, que aparece em sequência, o narrador sinaliza HOMEM, desse modo utilizando um sintagma nominal para fazer referência ao personagem, ao mesmo tempo em que incorpora

parcialmente o |homem-bravo| por meio da orientação de todo o corpo e da expressão facial. Ao final da sequência, na figura 90, o tradutor incorpora totalmente o |homem-bravo|, dirigindo-se ao |cachorro| com o sinal EXPULSAR, que poderia ser traduzido como um imperativo “Vai embora daqui!”, ou como no original, “Sai fora!”.

Continuando a reflexão sobre a perspectiva da narrativa, podemos colocar uma hipótese sobre o sub-rogado da figura 88. Vemos que toda a postura do tradutor aqui representa o cachorro e que o novo personagem é introduzido não por meio de uma incorporação total ou quase total, como em muitos casos anteriores, mas sim por meio do token manual PESSOA-1, com o braço esquerdo. A incorporação parcial aqui parece colocar novamente a perspectiva do |cachorro| em destaque, mantendo-o como centro da cena narrativa.

Por último, o tradutor introduz um personagem que aparece de forma periférica na narrativa, o |homem-que-entra-no-abrigo|. A introdução desse personagem pode ser observada nas imagens a seguir.

Figura 91 – Desenho do Cachorro encontrando o abrigo



Na figura abaixo, vemos a tradução para a breve menção ao personagem |homem-que-entra-no-abrigo|. O trecho inicia com uma

incorporação total do |cachorro| parado (figura 92), olhando para a entrada do |abrigo|, que fica no alto de uma escada. O animal vê o |homem-que-entra-no-abrigo| passando pela |porta| do lugar (figura 93), a porta se abre e em seguida o |cachorro| entra também com o tradutor fazendo uma incorporação total do |cachorro| (figura 95). Ao final, o tradutor representa o |cachorro| já dentro do |abrigo|, com incorporação parcial do cachorro no rosto e inclinação do tronco e os |braços| particionados para representar o teto do |abrigo| (Figura 96).

Tabela 17 - Sinalização do |cachorro| encontrando o |abrigo|

<p>Figura 92 - Cachorro olhando para a entrada do abrigo </p> 	<p>Figura 93 - cachorro vê homem-do-abrigo entrando</p> 	<p>Figura 94 - cachorro vê a porta do abrigo se abrir</p> 
--	---	---

<p>Figura 95 - cachorro entrando no abrigo (Incorporação)</p> 	<p>Figura 96 - cachorro dentro do abrigo </p> 
---	--

É interessante observar que, embora o personagem |homem-do-abrigo| seja marginal na narrativa, inclusive não sendo referenciado no texto escrito, a sua introdução na narrativa exige um processo complexo de particionamento do corpo. As figuras 92 e 93 ilustram os detalhes dos padrões de incorporação total e parcial do |cachorro| nessa cena em que o último personagem é introduzido.

Figura 97 - Incorporação total do |cachorro|

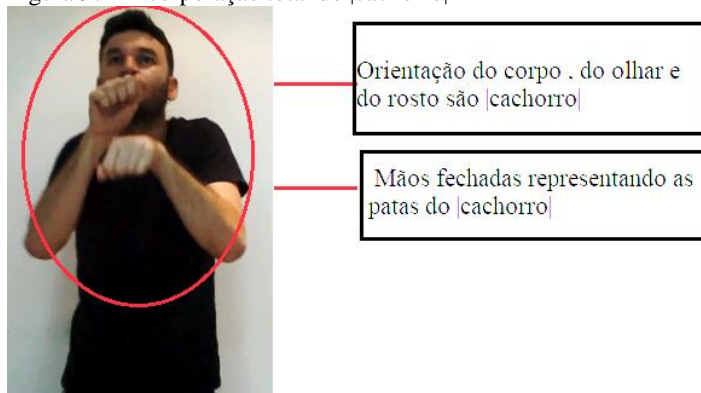
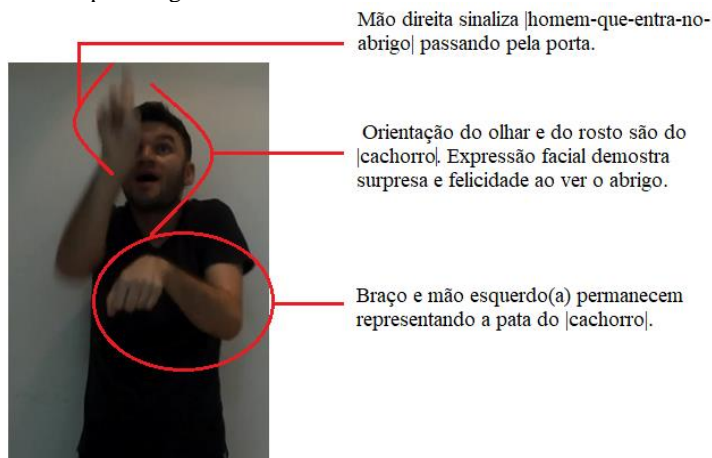


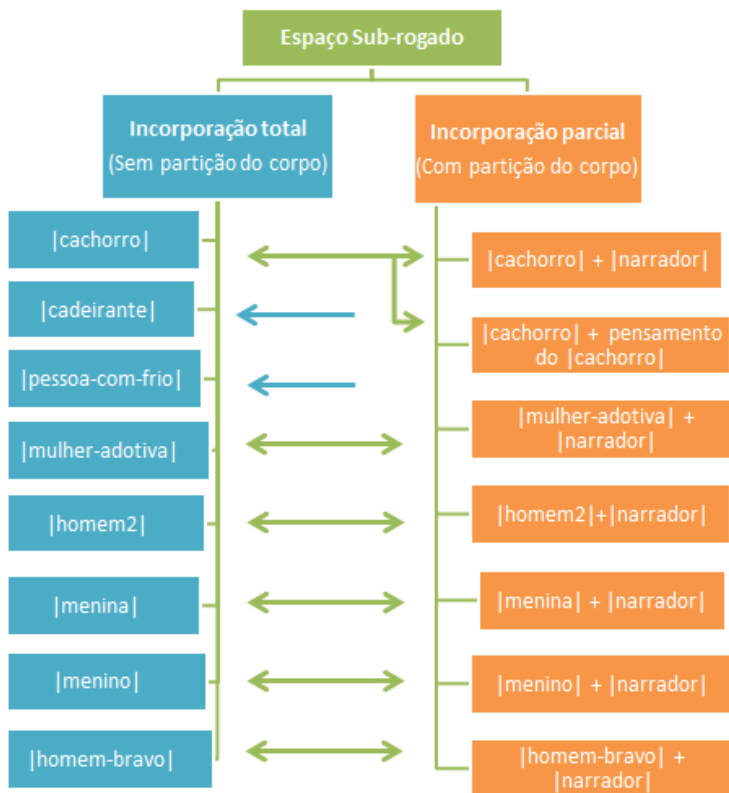
Figura 98 - Partição do corpo entre |cachorro| e narrador introduz o último personagem.



Além disso, observamos que na introdução do personagem [homem-do-abrigo] o tradutor utiliza exatamente a mesma estratégia de sub-rogado utilizada para o [homem-bravo]: os novos personagens são introduzidos por um token manual, enquanto todo o restante do corpo e postura do tradutor mantém a incorporação parcial do [cachorro], colocando em destaque a sua perspectiva na cena. Nossa hipótese é a de que essa característica do sub-rogado estaria associada a esse tipo de contexto em que surgem personagens marginais na história, com aparição momentânea sem grande impacto no enredo narrativo.

Retornando ao mapeamento dos padrões, podemos completá-lo com base em nossa descrição a seguir.

Figura 99 – Mapeamento de padrões de sub-rogados na narrativa Vira-Lata



5.3. CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, fizemos uma análise descritiva acompanhada de discussões dos dados da narrativa sinalizada em Libras, buscando responder aos objetivos específicos (iii) e (iv) da pesquisa: (iii) Analisar as características do espaço sub-rogado nos contextos em que eles emergem, com atenção especial para os articuladores utilizados e as diferentes formas de partição do corpo; e (iv) refletir, de forma breve, sobre o possível impacto do processo de tradução sobre a narrativa estudada no que se relaciona ao uso do espaço sub-rogado.

Iniciamos a análise buscando explicitar de que maneira categorizamos a narrativa em termos de espaço real, token ou sub-rogado, já que os sub-rogados são espaços mentais integrados e complexos. Em seguida, apresentamos os dois tipos de padrões básicos desses espaços, que chamamos de incorporação total e incorporação parcial dos personagens. Na incorporação total, toda a parte superior do corpo do sinalizador incorpora um único referente, enquanto na incorporação parcial o corpo do tradutor é particionado para incorporar mais do que um referente simultaneamente.

Em seguida, analisamos em maiores detalhes as características desses dois usos de sub-rogado com foco em cada um dos personagens da narrativa. Nesse momento, buscamos discutir hipóteses sobre qual seria o sentido ou significado das diferentes opções de incorporação pelo tradutor, considerando as características do uso do seu corpo e o contexto da narrativa em que emergiam.

Entre os resultados de nossa análise, destacamos as seguintes observações sobre características e padrões de sub-rogado, com hipóteses sobre como esses aspectos podem estar relacionados à construção de sentido na narrativa.

A incorporação total, por exemplo, parece ocorrer com mais frequência na mesma medida do protagonismo dos personagens na história: quanto mais importante o personagem, maior o número de incorporações totais, e não necessariamente porque esse personagem se envolva em diálogos – como observamos nas incorporações do cachorro.

Também foi interessante observar que alguns personagens eram introduzidos com o que chamamos de incorporação “quase” total, quando todo o corpo do tradutor incorporava o personagem exceto pelo olhar direcionado à câmera, como se fosse uma forma sutil de o narrador

introduzir esses personagens (Figura 64, Figura 65 e Figura 66). Quando nos damos conta que incorporação “quase” total na verdade é uma incorporação parcial, porém mais sutil, podemos nos perguntar: talvez melhor do que dividir os sub-rogados de forma categórica, entre casos de incorporação *total* em oposição à *parcial*, seria pensarmos os sub-rogados em termos de gradação, com diferentes níveis de incorporação? Por exemplo, considerando que não atentamos para a atividade da parte inferior do corpo do tradutor, haveria casos em que até mesmo essa parte também é explorada entra nas incorporações, introduzindo ainda mais gradações?

Assim, passamos aos casos que claramente identificamos como incorporação parcial. O tradutor particiona seu corpo de tal modo que ele representa simultaneamente personagens, narrador e elementos do cenário como ruas, de forma extremamente sofisticada e que ainda precisamos compreender em maiores detalhes. Algumas possíveis funções que identificamos para os casos de incorporação parcial são: introduzir a perspectiva de algum personagem em meio à narração descritiva de um cenário (orientação do rosto, olhar e tronco do |cachorro| no início da narrativa, tabela 12); quebra na sequência de incorporação total para explicitar de que personagem trata a incorporação, quando vários personagens entram numa mesma cena (os três membros da família da |mulher-adotiva|, Figura 73); utilização da postura do personagem protagonista como contexto para introdução de um personagem marginal na história (o |homem-bravo| e o |homem-do-abrigo|, Figura 88 e Figura 93).

Todos esses resultados devem ser vistos não como conclusões sobre narrativas sinalizadas, mas sim como hipóteses para futuras investigações. A análise descritiva de narrativas sinalizadas, com esse nível de detalhamento, exige um enorme trabalho metodológico, que envolve: gravação em vídeo, processamento do vídeo, transcrição no ELAN, produção de imagens sequenciadas, tudo isso de modo a permitir uma observação detalhada das características dos articuladores corporais e do contexto em que os sub-rogados emergiram na narrativa. O rigor da análise será recompensado se essas hipóteses puderem ser mais tarde testadas em outras narrativas sinalizadas, agora com um olhar analítico mais claramente direcionado.

Por último, ao refletir de modo geral sobre a questão das escolhas tradutórias, fica claro que a obra original não pode ser reduzida apenas a uma “narrativa em português”. A obra impressa Vira-Lata

apresenta um texto em português bastante enxuto, e uma grande riqueza imagética com os desenhos. Esses desenhos também são a narrativa, uma narrativa complementar a do texto escrito, e no processo de tradução, podemos perceber em vários momentos que os desenhos foram muito mais decisivos para as escolhas tradutórias de Marquioto do que o Português, estritamente.

Um exemplo que ilustra a importância dos desenhos no texto-alvo é a referência ao personagem |homem-do-abrigo| (

Tabela 17). Na obra original, esse personagem aparece apenas de forma marginal no desenho, e não no texto escrito (que diz, “Um dia ele encontrou um abrigo”), mas no texto-alvo o tradutor opta por introduzir o personagem incorporando diversos detalhes da cena desenhada: o |cachorro|, diante da escada que leva ao |abrigo|, observa o |homem-do-abrigo| passando pela porta. Essa grande influência do desenho sobre as opções tradutórias parece bastante natural, considerando que as narrativas em Libras são altamente performáticas e exploram cenários visuais com grande sofisticação (PIMENTA, 2012; PEREIRA, 2017).

6. CONCLUSÃO

O objetivo desta dissertação foi apresentar um estudo sobre o uso do espaço sub-rogado. Para este estudo, usamos como objeto de pesquisa uma tradução de literatura infantil do português para a Libras, produzida por um tradutor surdo. Para isso, parti da teoria de Liddell (2003) sobre os espaços mentais integrados e me aprofundei nos estudos de McCleary (2011) e McCleary & Viotti (2014) sobre os espaços mentais integrados em línguas sinalizadas.

Diante do processo tradutório analisado, o primeiro passo desta pesquisa foi produzir, enquanto pesquisadora, uma tradução do livro “Vira-Lata” para que pudesse experienciar a tradução de uma literatura infantil. Após este “ensaio”, experiências pilotos com surdos foram feitas. Dentre estas, escolhemos uma tradução como oficial para ser transcrita e analisada.

O próximo e terceiro passo foi transcrever a narrativa no ELAN, marcando glosas, comentários, o espaço sub-rogado e quando ocorriam incorporações totais e parciais. Depois de transcrita, a narrativa foi analisada, produzindo esta dissertação.

Com base na proposta de Liddell (2003), Dudis (2007, 2011) e McCleary & Viotti (2010, 2011, 2014) o objetivo das análises foi a de identificar ocorrências de espaço sub-rogado nos diferentes níveis de intersubjetividade e analisar essas ocorrências.

A análise foi baseada em entender como o espaço sub-rogado e os personagens da história traduzida se relacionaram. Para isto, um mapa que identifica ocorrências de partição e incorporação total foi criado e mostrado ao leitor deste texto. Posteriormente, buscamos entender como o corpo do tradutor foi “usado pelos personagens”, ou seja, como o tradutor fracionou o seu corpo para o discurso de cada personagem e buscamos padrões de partição. Identificamos os seguintes pontos: (i) O rosto e o tronco do tradutor na incorporação total e na incorporação parcial são usados para representar os personagens; (ii) O olhar do tradutor é usado para representar os personagens durante o espaço sub-rogado, mas em muitas incorporações parciais o olhar para a câmera pode indicar um espaço real, sendo o contato que o tradutor faz com o local que o seu interlocutor (ali representado pela câmera); (iii)

Quando as duas mãos são usadas em incorporações parciais a voz presente é do narrador e pode ou não introduzir entidades; (iv) Há recorrentes ocorrências de introdução de entidades pelo braço/mão

direito, enquanto o braço esquerdo é “congelado” em uma representação do personagem. Nestas ocorrências de fixação do braço no personagem nem sempre entidades são inseridas, mas marcam a voz do narrador; (v) Mais de uma entidade pode ser inserida no discurso mesmo nas partições e (vi) há várias ocorrências de retração de um dos braços do tradutor.

Após ter discutido uma abordagem descritiva para o estudo das narrativas passei a discutir e apresentar aspectos metodológicos dessa abordagem. Nessa discussão, apresentei dados, o modelo de transcrição usado na pesquisa e algumas vantagens da utilização do software ELAN para operação com o material audiovisual.

Este trabalho contribui para reforçar observações que têm sido feitas no campo da linguística em geral, na área da linguística das línguas de sinais, e na área da tradução, em particular.

É certo que a literatura em que este trabalho se baseia, já vem apontando para a relevância dessas características há algum tempo. Talvez o que deva ser feito a seguir é investigar padrões mais detalhados para o uso do espaço sub-rogado e possíveis impactos que o espaço sub-rogado tenha sobre alterações na organização espacial e na significação dos discursos.

7. REFERÊNCIAS

ALBRES, N. de A. Tradução de literatura infanto-juvenil para língua de sinais: dialogia e polifonia em questão. Rev. bras. linguist. apl. [online], v. 14, n. 4, pp. 1151- 1172, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/2014nahead/aop6014.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2017.

ALBRES, Neiva de Aquino. Libras e sua tradução em pesquisa: interfaces, reflexões e metodologias. Florianópolis: Biblioteca Universitária UFSC, 2017. 244 p.

ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução de literatura infantil: entre a construção de sentidos e o uso dos recursos linguísticos. In.: III CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E LÍNGUA PORTUGUESA. 2012, Florianópolis. Anais...Florianópolis-SC: UFSC, 15 /16/ 17 agos. 2012, p. 5 e 6.

AMIN, M.; LÚCIA, M.; VERA, O. Um mistério a resolver: O mundo das bocas mexedeiras. Ilustrações de Ozana Vera G de carvalho e Maria Lúcia M B Oliveira, 2008. 24 p. Disponível em: <https://books.google.com.br>. Acesso em: 13 mar. 2017.

ANDERSEN, C. H. Contos de Andersen - O patinho Feio. Traduzido por Silva Duarte, João da Câmara Leme, Portugalia Editora, 1965. 178 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=4sOUUnQAACAAJ&dq=livro+Contos+de+Andersen+-+O+patinho+Feio.&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiX9cq0mtDVAhWMPpAKHeq4AN8Q6AEILTAB>. Acesso em: 10 mar. 2017.

ANDRADE, B. L. L de. A Tradução de Obras Literárias em Língua Brasileira de Sinais: antropomorfismo em foco. 2015. 121 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/158455>. Acesso em: 20 jan. 2017.

ANDRADE, C. G. T. Mingau e o pinheiro torto, São Paulo: Editora do Brasil. 2007. Disponível em: <https://books.google.com.br>. Acesso em: 23 mar. 2017.

ARROJO, Rosemary. Tradução, (in)fidelidade e gênero num conto de Moacyr Scliar. Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198463982004000100004&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em: 20 abr. 2017.

AUBERT, Francis Henrik. As (In)Fidelidades da Tradução: Servidões e autonomia do tradutor. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1994.

BAKER, M. In Other Words: A Coursebook on Translation, Routledge, 1992, p. 72.

BARBOSA, Thaís Bolgueroni. Uma descrição do processo de referência em narrativas contadas em língua de sinais brasileira (libras). 2013. 155f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-06052013-112529/pt-br.php>. Acesso em: 16 dez. 2016.

BASÍLIO, E. Making-Off Livro Vira-Lata Libras. Youtube, 8 jan. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fMlC0Gz46jo>. Acesso em: 8 jan. 2015.

BASÍLIO, E. Tradução do livro: Vira-Lata - SEM CORTES. Youtube, 12 abr. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f8bB73hpx8Q&feature=youtu.be>. Acesso em: 12 abr. 2016.

BASÍLIO, E. Livro Vira-Lata em Libras. Youtube, 7 jan. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zf-BSziyGHQ>. Acesso em: 7 jan. 2015.

BASSO, Sabrina Pereira Soares; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. Material didático para alunos surdos: A Literatura Infantil em Libras. Revista Eletrônica de Educação, v. 6, n. 2, nov. 2012. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Literatura-surda--Traducao-de-literatura--Material-didatico>. Acesso em: 4 jul. 2017.

BATTISON, R. Phonological deletion in American Sign Language. Sign Language Studies, v. 5, p. 1-19, 1974.

BELLUGI, Ursula; KLIMA, Edward S. The signs of language. Elsevier Science Publishers, v. 21, p. 14066 – 14071, 2001. Disponível em: <http://cn.salk.edu/publications/2001/Bellugi%20-%20Sign%20Language%202001.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2016.

BOHUNOVSKY, Ruth. A (im)possibilidade da “invisibilidade” do tradutor e da sua “fidelidade”: por um diálogo entre a teoria e a prática de tradução. Cadernos de Tradução, v. 2, n. 8, p. 51 - 62, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5884>. Acesso em: 4 jun. 2017.

BOLGUERONI, T.; VIOTTI, E. Nominal reference in Brazilian sign language (libras). Todas as Letras, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 15-50, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/home/Downloads/5270-23379-1-PB.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2016.

BOTELHO, P. Óculos de ouvido. Ilustradora Juliane Assis. Belo Horizonte: RHJ. 24 P.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Lex: Lei nº 10.436/2002, dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 09 jul. 2017.

BRASIL. MEC. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Nº 555/ 9 out. 2007. Disponível em: http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf. Acesso em: 2 mar. 2017.

BRITO, Lucinda Ferreira. Por uma gramática de línguas de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.

BURGESS, L. H. Entrevista concedida a William Keller. Virginia, 27 set. 2005. [A entrevista encontra-se na coleção Military Oral History Collection (MOHC)]. Disponível em: <http://digitalcollections.vmi.edu/cdm/compoundobject/collection/p15821coll13/id/72>. Acesso em: 9 maio 2017.

CAPOVILLA, C. F. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilingüismo. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 6, n. 1, p. 1-18, 2000. Disponível em: http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista6nu_mero1pdf/r6_art06.pdf. Acesso em: 3 maio 2017.

CASTRO, N. P. de. A Tradução de Fábulas Seguindo Aspectos Imagéticos da Linguagem Cinematográfica e da Língua de Sinais. 2012. 165 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100721>. Acesso em: 21 jan. 2017.

CHAFE, Wallace L. *Discourse, consciousness, and time: The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: University of Chicago Press. 1994, 340 p.

CORAN, P. O silêncio de Júlia. São Paulo: FTD, 2011, 29 p. Disponível em: <https://ftd.com.br/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

CLARK, H.; GERRIG, R. Quotations as demonstrations. *Language*, v. 66, n. 4, p. 764 – 805, dez. 1990. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/414729?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 10 jul. 2017.

CLARK, H. Using Language. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p.432. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=b8bLCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=CLARK,+H.+Using+Language.+Cambridge+University+Press.+1996.&ots=iPh2W881Wy&sig=qOIXQGjqDrSHcD4L0NUgWMMIGek#v=onepage&q=CLARK%2C%20H.%20Using%20Language.%20Cambridge%20University%20Press.%201996.&f=false>. Acesso em: 12 jul. 2017.

DIGIAMPIETRI, M. C. C.; AGUIAR, M. de Cruz; DEDINO, M. L. S. Libras em Estudo: descrição e análise. São Paulo: Feneis LTDA, 2012. Disponível em: <http://feneis.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Libras-em-Estudo-Descri%C3%A7%C3%A3o-e-An%C3%A1lise.pdf>. Acesso em: 10 marc. 2017.

DIGIAMPIETRI, M. C. C. Narrativas em libras: um estudo-piloto à luz da teoria de Labov (1967). São Paulo: USP, 2009, 22 p. Ensaio. Disponível em: http://www.each.usp.br/digiampietri/carol/NarrativasEmLIBRAS_UmEstudoPilotoALuzDaTeoriaDeLabov1967.pdf. Acesso em: 15 fev. 2017.

DUDIS, P. Body partitioning and real-space blends. Cognitive Linguistics, v.15, n. 2, p. 223-238, 28 abr. 2004. Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/j/cogl.2004.15.issue-2/cogl.2004.009/cogl.2004.009.xml>. Acesso em: 13 jul. 2017.

DUDIS, P. The body in scene depiction. In.: ROY, C. B. (ed.) Discourse in Signed Language. Washignton, DC: Gallauded University Press. 2011, pp. 3-45.

DUDIS, P. Types of Depiction in ASL. Washignton, DC: Gallauded University Press. 2007.

ENGBERG-PEDERSEN, E. Space in Danish Sign Language: the Semantics and Morphosyntax of the Use of Space in a Visual Language. Hamburg: Signum Press. 1993.

FAUCONNIER, G. Mappings in Thought and Language. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language*, Cambridge: Mit Press/Bradford. 1985.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, Gilles; SWEETSER, Eve (eds.). *Spaces, Worlds, and Grammar*, Chicago: The University of Chicago Press. 1996.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The Way We Think*. New York: Basic Books. 2002.

FERNANDES, E. *Problemas lingüísticos e cognitivos dos surdos*. Rio de Janeiro: Agir, 1989.

FERRARI, K. *A casa amarela*. São Paulo: Fundação Educar Dpaschoal. Disponível em: <https://books.google.com.br>. Acesso em: 18 mar. 2017.

FIGUEIREDO, Luciana Cabral; GUARINELLO, Ana Cristina. *Literatura infantil e a multimodalidade no contexto de surdez: uma proposta de atuação*. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 26, n. 45, p. 175-193, jan./abr. 2013. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Literatura-surda--Traducao-de-literatura--Material-didatico>. Acesso em: 24 jun. 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Série Educação a Distância. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2016.

GÓES, M.C.R. *Linguagem, surdez e educação*. Campinas: Autores Associados, 1996.

GREEN, M.; EVANS, V. *Cognitive Linguistics*. Edinburgh University Press. 2006. Disponível em: <http://npu.edu.ua/!e->

book/book/djvu/A/iif_kgpm_Cognitive%20Linguistics%20An%20Introduction.pdf

GUERINI, A. Introdução aos Estudos da Tradução. Florianópolis: UFSC, 2008. (Texto base do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância)

GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (org.). Os estudos da tradução no Brasil nos séculos XX e XXI. Florianópolis : PGET/UFSC, 2013. Disponível em: <http://www.ppgpoet.ufc.br/documentos/editais/bibliotecadigital/AndreiaGueriniMarie-HeleneWalterCarlosOsEstudosdaTraducaonoBrasilnosseculosXXeXXI2013.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2017.

HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. Cinderela Surda. Canoas: Ulbra, 2003.

HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. Rapunzel surda. Canoas: Ulbra, 2005, 36 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=FgOfPhU-AkkC&printsec=frontcover&dq=rapunzel+surda&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiklaqQ783VAhUCExoKHAILAEMQ6AEJzAA#v=onepage&q=rapunzel%20surda&f=false>. Acesso em: 14 fev. 2017.

HOLMES, S. J. Translated!: Papers on Literary Translation and Translation Studies. Amsterdam: Editions Rodopi, 1988.

HONORA, M. O Canto de Bento, Col. Ciranda das Diferenças. São Paulo: Ciranda Cultural. Disponível em: <https://www.cirandacultural.com.br/>. Acesso em: 9 mar. 2017.

HONORA, M. A família sol, lá, si. São Paulo: Ciranda Cultural. Disponível em: <https://www.cirandacultural.com.br/>. Acesso em: 24 marc. 2017.

HUTCHINS, E. Imagining the cognitive life of things. In: MALAFORIS, L.; RENFREW. C. The cognitive life of things:

recasting the boundaries of the mind. Cambridge UK: McDonald Institute Monographs, 31 maio 2010. Disponível em: <https://www.amazon.com/Cognitive-Life-Things-Boundaries-Monographs/dp/1902937511>. Acesso em: 3 maio 2017.

HUTCHINS, E.; PALEN, L. Constructing meaning from spaces, gesture, and speech. In.: RESNICK, C.; PONTECORVO, C.; SALJO, R. Discourse, Tools e Reasoning: Essays on Situated Cognition. Berlin: Springer, 1997, pp. 23-40. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-662-03362-3_1. Acesso em: 10 jul. 2017.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Tradução: Izidoro Blikstein e Jose Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 64-65.

KARNOPP, Lodenir B. Educação Bilíngue Para Surdos: ao que estamos sinalizando? In: FREITAS, Débora; CARDOZO, Sandra (Org.). (In)formando e (Re)construindo Redes de Conhecimento. Boa Vista: UFRR, 2012. v. 1. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT15-4077.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2017.

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura Surda. Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 98-109, jun. 2006. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Literatura-surda--Traducao-de-literatura--Material-didatico>. Acesso em: 2 jul. 2017.

KARNOPP, L. B.; MACHADO, R. N. Literatura surda: ver histórias em Língua de Sinais. Anais do 2º. Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação - 2 SBECE. Canoas: ULBRA, 2006. CDROM.

KARNOPP, Lodenir Becker; SILVEIRA, Carolina Hessel. Humor na literatura surda. Educar em Revista. Curitiba, Edição Especial, n. 2, p. 93-109, 2014. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Literatura-surda--Traducao-de-literatura--Material-didatico>. Acesso em: 23 jun. 2017.

KARNOPP, Lodenir; SILVEIRA, Carolina Hessel. Metodologia da Literatura Surda, 2009, 51 f. Monografia (Trabalho em Letras/Libras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em:

http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLiteraturaVisual/assets/622/TextoBase_MLS_2011.pdf. Acesso em: 08 jul. 2016.

KING, Stephen Michael. O Homem que amava caixas. Escrito e Ilustrado por Stephen Michael King. Tradução: Gilda de Aquino. São Paulo: Editora Brinque-Book, 1997.

KING, Stephen Michael. Vira-Lata. Ilustrador: Stephen Michael King. Tradutor: Gilda de Aquino, São Paulo: Brinquebook. 32 p. 2005.

KLEIN, Madalena; LUNARDI, Márcia Lise. Surdez: um território de fronteiras. EDT: Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 14-23, jun. 2006. Disponível em: <http://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/10154>. Acesso em: 12 jun. 2017.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. The signs of language. Cambridge: Harvard University Press. 1979

KUCHENBECKER, G. O feijãozinho surdo. Porto Alegre: Ulbra, 2009. Disponível em: <http://www.editoraulbra.com.br/>. Acesso em: 5 marc. 2017.

LACERDA, Cristina B.F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. Cad. CEDES, Campinas, v. 19, n. 46, p. 1678 - 7110, set. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132621998000300007. Acesso em: 11 maio 2017.

LACERDA, C.B.F. de. Os processos dialógicos entre aluno surdo e educador ouvinte: Examinando a construção de conhecimentos. Campinas: Unicamp, Faculdade de Educação, tese de doutoramento, 1996. Disponível em: <http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=249>. Acesso em: 1 jan. 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo : Atlas, 2003. Disponível

em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india. Acesso em: 21 dez. 2016.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphorswelveby*. Chicago/London: The Universityof Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things. What Categories Reveal a bout the Mind*, Chicago: The Universityof Chicago Press. 1987.

LANGACKER, R. W. *Grammar and Conceptualization*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000.

LANGACKER, R. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University. 2008, p. 562. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=UKVNKz0ZRqWC&oi=fnd&pg=PR9&dq=Cognitive+Grammar:+a+basic+introduction&ots=7Dz5vDrw-b&sig=P7yIHNIr6z39urifUcx-VWb-pPI#v=onepage&q=Cognitive%20Grammar%3A%20a%20basic%20introduction&f=false>. Acesso em: 3 jun. 2017.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar, Vol. I, Theoretical Prerequisites*. California: University Press. 1987.

JOHNSON, Mark. *The Body in the Mind. The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: The University of Chicago Press. 1987.

LEAL, A. *Funcionalismo e Tradução Literária: o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos*. Scientia Traductionis, n. 2. Florianópolis: PGET/UFSC, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/12916/12060>. Acesso em: 26 jan. 2017.

LEITE, T. A. *A segmentação na língua de sinais brasileira libras: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. 2008, 280 f. Tese (Doutorado em Letras), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-25092008-160005/en.php>. Acesso em: 21 jun. 2017.

LEITE, T. de A.; MCCLEARY, L. The identification of grammatical units in Brazilian Sign Language: a usage-based approach. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 15, n.1, p. 62-87, 2013.

LIDDELL, S. K. *Blended Spaces and dêixis in sign language discourse*. 1. ed. Chicago: Universidade de Cambridge, 2000. Disponível em: http://www.cogsci.ucsd.edu/~nunez/COGS160/Liddell_PS.pdf. Acesso em: 14 jul. 2017.

LIDDELL, S. K. *Blended spaces and deixis in sign language discourse*. In: MCNEILL, D. (Ed.). *Language and gesture*. Cambridge University Press, p. 331-357, 2000.

LIDDELL, S. K. *Grammar, gesture and meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 367. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=t2t4My_elcQC&oi=fnd&pg=PR8&dq=Grammar,+gesture+and+meaning+in+American+Sign+Language.+&ots=xUo9qrGFfc&sig=5YgSaCmxAlzV7t_Vei8vizTT574#v=onepage&q=Grammar%20gesture%20and%20meaning%20in%20American%20Sign%20Language.&f=false. Acesso em: 18 jul. 2017.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. *American Sign Language: The phonological base*. *Sign Language Studies*, v. 64, p. 195-277, 1989. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/507116/summary>. Acesso em: 19 jul. 2017.

LIDDELL, S. K.; METZGER, M. *Gesture in sign language discourse*. *Journal of Pragmatics*, v. 30, n. 6, p. 657-697, dez. 1998. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378216698000617>. Acesso em: 19 jul. 2017.

LIDDELL, S. K. *Real, surrogate, and token space: grammatical consequences in ASL*. In.: EMMOREY, K.; REILLY, J. (Eds.). *Language, gesture and space*. Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt->

[BR&lr=&id=xAKXpO7mCE0C&oi=fnd&pg=PA19&dq=Real,+surrogate,+and+token+space:+grammatical+consequences+in+ASL&ots=1IXDFPcs3U&sig=1sjFvna5RYvvC0dQNvbTk8fmmLk#v=onepage&q=Real%2C%20surrogate%2C%20and%20token%20space%3A%20grammatical%20consequences%20in%20ASL&f=false](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0020717906000364). Acesso em: 5 julho 2017.

LIDDELL, S. K. Spatial representations in discourse: comparing spoken and signed language. *Lingua*, v. 98, n. 1-3, p. 145 – 167, mar. 1996. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0020717906000364>. Acesso em: 18 jul. 2017.

LIMA, A. C. C. F.; PESSOA, R. A. R.; SCHEMBERG, S. Contribuições da literatura surda no desenvolvimento da subjetividade em crianças surdas. 17 f. TCC (Especialização em Literatura Surda) – UNINTER, Curitiba. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Literatura-surda--Traducao-de-literatura--Material-didatico>. Acesso em: 14 jun. 2017.

LODI, A.C.B. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 49 – 63, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n1/v39n1a04>. Acesso em: 17 jun. 2017.

LOPES, Maura Corcini. *Surdez & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 227. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=rY0tDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=Surdez+%26+Educa%C3%A7%C3%A3o&ots=9j5lxBNo3&sig=QFuT7aAdQxGh9Y1ij4YDf00XRM#v=onepage&q=Surdez%20%26%20Educa%C3%A7%C3%A3o&f=false. Acesso em: 11 jul. 2017.

LOPES, Maura Coreiro; NETO, Alfredo Veiga. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 81-100, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Literatura-surda--Traducao-de-literatura--Material-didatico>. Acesso em: 3 jul. 2017.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos. In.: VIEIRA-MACHADO, Lucyenne Matos da Costa; LOPES, Maura Corcini (Orgs.). Educação de surdos: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. p. 127-128.

LUCHI, Marcos. Interpretação de descrições imagéticas: onde está o léxico. 2013. 116 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2013 Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/106845/322457.pdf?sequence=1>. Acesso em: 8 jan. 2017.

MARTINS, V. R. de Oliveira; OLIVEIRA, G. S. de. Literatura surda e ensino fundamental: resgates culturais a partir de um modelo tradutório com especificidades visuais. Educ. Soc., Campinas, v. 36, n.º. 133, p. 1041-1058, out. - dez. 2015. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302015000401041. Acesso em: 20 fev. 2017.

MCCLEARY, L. E. História oral: Questões de língua e tecnologia. In: SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. (org.). Memória e Diálogo: escutas da Zona Leste. Visões sobre a história oral. São Paulo: Letra e Voz, Fapesp, pp. 93 – 123, 2011.

MCCLEARY, Leland. Bilingüismo para surdos: brega ou chique? Mesa redonda: Os surdos e o bilingüismo – da Casa para o Mundo. In.: V CONGRESSO INTERNACIONAL E XI SEMINÁRIO NACIONAL. 2006, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos, 29 set. 2006.

MCCLEARY, Leland; LEITE, T. A. Tarcísio de Arantes. Turn-taking in Brazilian Sign Language: Evidence from overl. Journal of Interactional Research in Communication Disorders, v. 4, n.1, p. 123-154 ,2013. Disponível em:
<https://search.proquest.com/openview/6b9f488f70542ae47637d21ef4a436d5/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1036400>. Acesso em: 6 maio 2017.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. (a sair). Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB), USP, São Paulo, p. 1-28, 2007. Disponível em:
https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/3443712/McCleary_Viotti-2006.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1501863426&Signature=ZeNu%2F1qnGDShnfMMj9ZTTXTWTgk%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DTranscricao_De_Dados_De_Uma_Lingua_Sinal.pdf. Acesso em: 13 jul. 2017.

MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E. de C. Sign-gesture symbiosis in Brazilian Sign Language narrative. In.: PARRILL, F.; TOBIN, V.; TURNER, M. (Ed.). Meaning, Form, and Body. Chicago, IL: CSLI Publications, University of Chicago Press, 2010. p. 181–201.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. Espaços integrados e corpos partidos: vozes e perspectivas narrativas em línguas sinalizadas. Scripta, PUC Minas, Belo Horizonte, v. 18, n. 34, p. 121 – 140, 2014. Disponível em:
http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/38434343/mccleary_viotti-2014-versao_online.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1500412937&Signature=C44XNJqLteasIImE8TbYDmGp1oM%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DEspacos_integrados_e_corpos_partidos_voz.pdf. Acesso em: 18 dez. 2016.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. Língua e gesto em línguas sinalizadas. Veredas on-line, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 289-304, 2011. Disponível em:
<http://go.galegroup.com/ps/anonymouse?id=GALE%7CA343156451&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=fulltext&issn=14152533&p=AONE&sw=w&authCount=1&isAnonymousEntry=true> . Acesso em: 28 out. 2014.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. O verbal e o gestual na língua de sinais brasileira. Caderno de resumos Double, 2009. Disponível em:

<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/faps/2009/leland-evani-faps2009.html>. Acesso em: 28 out. 2014.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. (em preparação). Conceptual integration and narrative voices in Brazilian Sign Language [título provisório]. Ms. São Paulo, USP.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: SALLES, H. (Org.). Bilingüismo e surdez. Questões lingüísticas e educacionais. Brasília: Editora da UnB, p. 01-28, 2007. Disponível em: [http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/3443712/McCleary_Viotti-2006.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1500493791&Signature=t9DhXAKIyyZ0YWM%2BwMAbw1LChkM%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DTranscricao De Dados De U ma Lingua Sinal.pdf](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/3443712/McCleary_Viotti-2006.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1500493791&Signature=t9DhXAKIyyZ0YWM%2BwMAbw1LChkM%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DTranscricao+De+Dados+De+U+ma+Lingua+Sinal.pdf)

MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E; LEITE, T. A. Descrição das línguas sinalizadas. A questão da transcrição dos dados. Revista Alfa, v. 54, n. 1, p. 265-289. 2010.

MCNEILL, D. Hand and Mind: What Gestures Reveal About Thought. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1992.

MÉLO, A.D.B. de. 1995. 148 f. Análise crítica de depoimentos de professores de surdos sobre a utilização de sinais em sala de aula. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 1995. Disponível em: http://www.nuteses.temp.ufu.br/tde_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=2&id=1778&listaDetalhes%5B%5D=1778&processar=Processar. Acesso em: 1 jan. 2017.

MEM, F. Guilherme Augusto Araújo Fernandes. São Paulo: Brinquebook. 1995. Disponível em: <https://www.brinquebook.com.br/>. Acesso em: 7 mar. 2017.

MITTMANN, Solange. Notas do tradutor e processo tradutório: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Disponível em: <http://www.citeulike.org/group/740/article/430735>. Acesso em: 6 fev. 2017.

MORAIS, Carla Damasceno de. Tecido na Língua de Sinais: B-r-a-n-c-a d-e N-e-v-e e o-s S-e-t-e A-n-õ-e-s. 2010, 153 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Literatura-surda--Traducao-de-literatura--Material-didatico>. Acesso em: 4 jul. 2017.

MORAIS, Mônica Z. de; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise. Pedagogia e Diferença: capturas e resistências nos discursos curriculares da educação de surdos. In: THOMA, Adriana da Silva; KLEIN, Madalena (Org.). Currículo & Avaliação: a diferença surda na escola. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

MOREIRA, Renata Lucia. Uma descrição de Dêixis de Pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes pessoais e verbos indicadores. 2007. 150 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)- USP, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-13112007-103644/pt-br.php>. Acesso em: 18 dez. 2016.

MOREIRA, R. L. Um olhar da semiótica para os discursos em libras: descrição do tempo. 2016. 207 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-13022017-135649/en.php>. Acesso em: 5 jul. 2017.

MOURÃO, Cláudio. Adaptação e tradução em literatura surda: A produção cultural surda em língua de sinais. In.: IX ANPED SUL, SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2012, Santa Catarina. Anais...Santa Catarina: UFSC, 2012, p. 1-18. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Especial/Trabalho/08_31_14_3009-7345-1-PB.pdf. Acesso em: 15 dez. 2016.

NOVAES, E. C. Surdos: educação, direito e cidadania. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010.

OAKLEY, T. Force dynamic dimensions of rhetorical effect. In: HAMPE, B. (ed.) From perception to meaning: Image schemas in cognitive linguistics. Cognitive Linguistics Research, v. 29. Berlin e New York: Mouton De Gruyter, p. 443-475, 2005.

OLIVEIRA, C.; BOLDO, J. A cigarra surda e as formigas. Erechim, RS : Corag, 38 p. Disponível em: <https://books.google.com.br>. Acesso em: 3 abr. 2017.

PAGANO, Adriana; VASCONCELLOS, Maria Lúcia. Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. Delta, v. 19, p. 1-25, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v19nspe/03.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2017.

PALOMANES, R. Lingüística Cognitiva. In.: MARTELLOTA, M. E. (org.). Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008.

PEIXOTO, Janaína Aguiar, et al. Tradução de obras literárias para a libras: uma tradição cultural necessária na comunidade surda. In.: PROJETO PROBEX - PROGRAMA LIBRAS (LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS): ENSINO, PESQUISA E TRADUÇÃO. Paraíba, Pesquisas...Paraíba: DLCV, 2013, p. 1 - 5. Disponível em:<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Literatura-surda--Traducao-de-literatura--Material-didatico>. Acesso em: 5 jul. 2017.

PEREIRA, M. C. P. Produções Acadêmicas sobre Interpretação de Língua de Sinais: dissertações e teses como vestígios históricos. In: QUADROS, R. M. de (Org.). Cadernos de Tradução XXVI: Tradução e Interpretação de Língua de Sinais. Florianópolis: PGET/UFSC, v. 2, n. 26, 2010/2.

PIMENTA, Nelson. A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da Libras. Dissertação (Mestrado em

Estudos da Tradução). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

QUADROS, R. M. Estudos de línguas de sinais : uma entrevista com Ronice Muller de Quadros. *Revel*, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 5 jun. 2017.

QUADROS, Ronice Müller de. O 'BI' em bilinguismo na educação de surdos. In.: FERNANDES, Eulalia (org.); SILVA, Angela Carrancho da. *Surdez e bilinguismo*. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. 2 p.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2007. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=_EJvLxL7Cd0C&oi=fnd&pg=PA9&dq=L%C3%ADngua+de+Sinais+Brasileira:+Estudos+Lingu%C3%ADsticos.+&ots=vrlYXTVnVk&sig=HMwuUaFHeS7iqnHWetfwOKt-_Tc#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 14 dez. 2016.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, L. P. *Ideias para ensinar Português para alunos surdos*. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. de A. *Estudos da Língua Brasileira de Sinais I*. 1 ed., Santa Catarina: Insular, 2003. 232 p. Disponível em: http://www.insular.com.br/loja3/product_info.php/products_id/843. Acesso em: 15 jun. 2017.

RAMOS, C. R. *Língua de Sinais e Literatura: uma proposta de trabalho de tradução cultural*. 1995. Dissertação (Mestrado em Semiologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

RAMOS, C. R. *Uma leitura da Tradução de Alice no País das Maravilhas para a Língua Brasileira de Sinais*. 2000. 185 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <http://editora-arara->

azul.com.br/cadernoacademico/006_teseleila.pdf. Acesso em: 19 jan. 2016.

RIBEIRO, J. Mãos tagarelas bocas sorridentes. São Paulo: Francoeditora. Disponível em: <http://www.francoeditora.com.br>. Acesso em: 16 mar. 2017.

ROCHA, M.; BOLZAN, D.P.V.; AGUIAR, S.M. de Isaia. Formação de professores: a construção da docência e da atividade pedagógica na Educação Superior. Revista Diálogo, p. 18, 2017. Disponível em: www.periodicos.pucpr.br. Acesso em: 14 maio 2017.

RONAI, Paulo. A tradução vivida. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1976.

ROSA, Andrea da Silva. Entre a visibilidade da tradução de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete. 2009, p. 867.

ROSA, Fabiano Souto. Literatura Surda: Criação e Produção de Imagens e Textos. Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.58-64, jun. 2006. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Literatura-surda--Traducao-de-literatura--Material-didatico>. Acesso em: 3 jul. 2017.

ROSA, F.; KARNOPP, L. Patinho Surdo .Ilustrações Maristela Alano. Canoas: Ulbra, 2005, 32 p. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=fYLq968qii0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 11 jan. 2017.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima, et al. Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC; SEESP, 2004. p. 47. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lpv011.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2017.

SANTANA, J. B. M. Fronteiras Literárias: experiências e performances dos tradutores e intérpretes de libras. 2010. 111. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/94032>. Acesso em: 20 dez. 2016.

SANTANA, Jefferson Bruno Moreira. Literatura Traduzida em libras: Tradução Cultural, Adaptação Cultural ou a mesma coisa? In.: ANAIS DO SIMPÓSIO PROFISSÃO TRADUTOR 2010, 1., 2011, Santa Catarina. Anais...Santa Catarina: PROFT em Revista, Out. 2011, v. 1. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Literatura-surda--Traducao-de-literatura--Material-didatico>. Acesso em: 3 jul. 2017.

SANTOS, S. A. dos. Tradução/Interpretação de Língua de Sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010. 2013. 313 f.. Tese (Doutorado em Estudos de Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/122677>. Acesso em: 13 mar. 2017.

SANTOS, S. A. dos ; COSTA, M. P. P.; GALDINO, Thuanny Sá. Nas trilhas da tradução e interpretação de português-libras em revistas de tradução no Brasil. Cadernos de Letras da UFF Dossiê: A crise da leitura e a formação do leitor, v. 26, nº 52, p. 525- 545, 2016. Disponível em:

<http://www.cadernosdeletras.uff.br/index.php/cadernosdeletras/article/view/29/138>. Acesso em: 24 mar. 2017.

SEGALA, R. R. Tradução Intermodal e Intersemiótica/Interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais. 2010, 74 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/20023.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2016.

SHAVIT, Zohar. Poética da Literatura para Crianças. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

SKLIAR, Carlos. Idealismo y Etnocentrismo en las políticas de integración de los sordos a la escuela regular. Cadernos de Educação Especial, Santa Maria - RS, v. 10, n. 9, p. 22-36, 1997. Disponível em: <http://cienciaparaeducacao.org/>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SKLIAR, C. A localização política da educação bilíngue para surdos.1999. In.: C. Skliar (Org.), Atualidade da educação bilíngue para surdos: processos e projetos pedagógicos. Porto Alegre: Mediação.

SKLIAR, C.B. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SILVA, J. P. Demonstrações em uma narrativa sinalizada em Libras. 2014. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SILVEIRA, Carolina Hessel; KARNOOPP, Lodenir Becker. Literatura Surda: Análise Introdutória de Poemas em Libras. Nonada Letras em Revistas. v. 2, n. 21, 2013. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Literatura-surda--Traducao-de-literatura--Material-didatico>. Acesso em: 3 jul. 2017.

SILVEIRA, R. M. H.; BONIN, I. T.; SILVEIRA, C. H. Literatura Infantil do século XXI: surdez e personagens surdos. In.: KARNOOP, L. B. KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Horas). Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Editora da ULBRA, 2011, p. 191. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/158894/337039.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 3 mar. 2017.

SUTTON-SPENCE, R.; LADD, P.; RUDD, G. Analysing Sign Language Poetry. 1. ed. New York: Palgrave Macmillan, 2005. 265 p.

TASSO, Doreni Ricartes Guimarães; NANTES, Janete de Melo; SANGALLI, Marili Terezinha. Literatura Infantil na Inclusão do Surdo. In.: ANAIS DO ENCONTRO DE PEDAGOGIA: 40 ANOS FORMANDO EDUCADORES. 2005, Campo Grande. Anais...Campo Grande: CEADA, 2005, p. 1-13. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Literatura-surda--Traducao-de-literatura--Material-didatico>. Acesso em: 2 jul. 2017.

TRABALHANDO AS DIFERENÇAS E A INCLUSÃO SOCIAL. Clara, a ovelhinha que falava por sinais. Coleção: . São Paulo:Blu

editora. 2011, 18 p. Disponível em: <http://www.blueditora.com.br/>. Acesso em: 29 mar. 2017.

TRENCHÉ, M.C.B. 1995. A criança surda e a linguagem no contexto escolar. São Paulo: PUC, tese de doutoramento, 1995.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em:

http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/39624806/TRIVINOS_Augusto_N._-_Introducao_a_pesquisa_em_Ciencias_Sociais.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1500492804&Signature=wOc5LwSBNQkHrn6%2Fc3ICIjvUZjQ%3D&response-contentdisposition=inline%3B%20filename%3DTRIVINOS_Augusto_N._Introducao_a_pesqu.pdf. Acesso em: 21 dez. 2016.

TURNER, M. *The Literary Mind: The Origins of Thought and Language*. New York: Oxford. 1996.

UNESCO. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educacionais especiais: nas áreas das necessidades educativas especiais. Brasília: UNESCO, s/l, 1994, p. 11.

VENUTI, Lawrence. Escândalos da tradução: por uma ética da diferença. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002, p. 65-66.

VICTOR, T. A. et al. Relationship between amygdala responses to masked faces and mood state and treatment in major depressive disorder. *Archives of General Psychiatry*, V. 67, p. 1128–1138. 2010.

WEININGER, B.; LAREAU, Annette. Paradoxical Pathways: An Ethnographic Extension of Kohn's Findings on Class and Childrearing, *Journal of Marriage and Family*, v. 71, n. 3, p. 680 - 695, agos. 2009. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/wo11/doi/10.1111/j.1741-3737.2009.00626.x/full>. Acesso em: 15 fev. 2017.

YIN, R. K. Estudo de Caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015. Disponível: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=EtOyBQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR1&dq=Estudo+de+Caso:+planejamento+e+m%C3%A9todos&ots=k4fmsB2tA&sig=zCSi7nV0VV9oKc1UggtSSyKXA4g#v=onepage&q=Estudo%20de%20Caso%3A%20planejamento%20e%20m%C3%A9todos&f=false>. Acesso em: 12 jun. 2017.

ZELONKY, J. Nem sempre posso ouvir vocês. São Paulo: Ática, 1988. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/estantedoestudante/joy-zelonky-nem-sempre-posso-ouvir-voces-353405062>. Acesso em: 12 fev. 2017.

ZIMMER, M. C.; FINGER, I. ; SCHERER, L. C. . Do bilingüismo ao multilingüismo: intersecções entre a psicolingüística e a neurolingüística. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 6, p. 9, 2008.

7. APÊNDICE (TCLE)

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Comunicação e Expressão

Departamento de Artes e Libras

Pesquisador: Ester Vitória Basilio Orientador: Tarcísio de Arantes
Leite

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (1)

Você está sendo convidado para participar voluntariamente da pesquisa de mestrado: “As vozes do discurso narrativo em traduções de literaturas infantis do Português para a Libras”. Nesta pesquisa, pretendo documentar e analisar as escolhas tradutórias relativas às vozes narrativas em traduções da obra de literatura infantil *ViraLata*, de Michael Stephen King, do Português para a Libras (Língua brasileira de sinais).

Escolhi trabalhar com uma narrativa por ser um gênero comum a todos. Nós estamos sempre conversando uns com os outros e, durante as conversas, quase inevitavelmente, contamos histórias. . As narrativas também tem um papel fundamental na transmissão da cultura e dos valores de uma sociedade de uma geração para a outra. Escolhi trabalhar com uma literatura infantil como material de base por três motivos: primeiro, as obras de literatura infantil são textos multimodais ricos em visualidade; segundo, o texto escrito é bastante simplificado em seu vocabulário e gramática. Em terceiro lugar, a simplicidade da obra infantil vai possibilitar que os tradutores conheçam e traduzam um texto completo, o que é fundamental para que o tradutor não faça uma leitura fragmentada e perca a coerência global (a “moral”) da narrativa.

Ao consentir em participar desta pesquisa, você deverá realizar uma tradução da obra *Vira-Lata* para a libras videogravada. Será disponibilizado uma cópia do livro *Viralata* em português e, após familiarizar-se com a obra, marcaremos a gravação da tradução deste material para Libras. Para a tradução, utilizaremos o laboratório de tradução e interpretação de língua de sinais, o Intralab, localizado na sala 215 do bloco A do Centro de Comunicação e Expressão da

Universidade Federal de Santa Catarina ou, a critério do pesquisador, outro lugar que forneça a mesma estrutura e recursos de gravação. Você poderá trabalhar em sua tradução de forma individual, com privacidade, pelo período de 4 horas. Para a gravação, você terá à disposição um computador com webcam de alta resolução, iluminação e fundos com qualidade. Você precisa possuir conhecimento básico dos processos de captura e edição no software Movie Maker para realizar essa tarefa.

Os riscos envolvidos na pesquisa envolvem a possibilidade de você se sentir incomodado pelo tempo investido no estudo da tradução e em sua gravação ou constrangido pela análise que será realizada a partir de sua tradução. Tendo em vista que a análise da narrativa em Libras exige observação da expressão facial e olhar, você pode decidir se prefere que a sua própria imagem seja veiculada nas análises, ou se prefere que a pesquisadora copie e refilme as imagens relevantes para fins de produção de relatórios e apresentações.

Os documentos gerados nesta pesquisa são sigilosos e ficarão em posse exclusiva do pesquisador. No entanto, mesmo de maneira involuntária e não intencional (por exemplo, roubo de computador), o sigilo pode eventualmente ser quebrado. Caso sejam identificados e comprovados danos à sua pessoa como decorrência desta pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização. Você não receberá, nem precisará pagar, qualquer valor monetário para participar da pesquisa. No entanto, caso você tenha qualquer despesa decorrente diretamente da pesquisa (por exemplo, despesas com transporte e alimentação), o pesquisador providenciará o ressarcimento de seus custos. Não há benefício direto para você ao participar do estudo, mas as descobertas da pesquisa poderão servir como fonte de consulta para a área da tradução, especialmente para o estudo e o ensino da Libras como primeira e segunda língua. Os resultados desta pesquisa poderão ser veiculados em revistas e eventos acadêmicos, respeitadas as suas exigências em relação ao sigilo de seu nome e/ou sua imagem. Sua participação é essencial para a realização do trabalho de pesquisa, mas você tem a liberdade para se recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo. Este termo de consentimento, já autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, encontra-se impresso em duas vias originais, que deverão ser assinadas e rubricadas por você e pelo pesquisador. Guarde cuidadosamente a sua via, pois é

um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa. Em caso de dúvidas, sintase livre para entrar em contato:

Nome do pesquisador responsável: Ester Vitória Basilio

Rua Carlos Vogel, 98, Centenário – Petrópolis/RJ - CEP 25665-050

Telefone: (24) 99849-9702 / E-mail: estervbasilio@gmail.com

Nome do professor orientador: Tarcísio de Arantes Leite

Rua Maria Pires Linhares, 193, CEP 88063-280

Telefone: (48) 8454-5595 / E-mail: tdaleite@gmail.com

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa/UFSC

Reitoria II, 4º andar, Sala 401 Rua Desembargador Vitor Lima, n. 222, Trindade Telephone: 3721-6094 / Email: cep@reitoria.ufsc.br

Eu, _____, portador(a) do documento de identidade _____ fui informado(a) dos objetivos e procedimentos da pesquisa “As vozes do discurso narrativo em traduções de literaturas infantis do português para a Libras” de maneira clara e detalhada. Foi-me dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas e compreendi que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar. Nessas condições, declaro que concordo em participar e recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido.

_____, ____ de _____ de 2016.

Assinatura do(a) participante

_____ / _____

Assinatura do pesquisador/ Assinatura do orientador da pesquisa

8. ANEXOS

8.1 – TABELAS DESCRITIVAS

Tabela 18- Tabela descritiva páginas 4 e 5

Página	Imagem do Livro	Texto em Português
4		Em uma cidade, vivia um cachorro...
5		Que não era de ninguém

Texto alvo (Vídeo em Libras)

<p>1</p> <p>CIDADE</p>	<p>2</p> <p>ABRIR</p>	<p>3</p> <p>PRÉDIO</p>	<p>4</p> <p>AUTOMÓVEL-PASSAR</p>
<p>5</p> <p>ANIMAL-ANDAR (2)</p>	<p>6</p> <p>AVIÃO-PASSAR</p>	<p>7</p> <p>ANIMAL-ANDAR (2)</p>	<p>8</p> <p>SOZINHO</p>
<p>9</p> <p>ALIMENTAR</p>	<p>10</p> <p>NADA</p>	<p>11</p> <p>ESPERAR</p>	

Tabela 19- Tabela descritiva páginas 6 e 7

Texto fonte (Livro em Português)			
Página	Imagem do Livro	Texto em Português	
6		Ele precisava ser corajoso, rápido e esperto... Só para sobreviver.	
7		Ele comia qualquer coisa que encontrava.	
Texto alvo (Vídeo em Libras)			








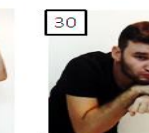




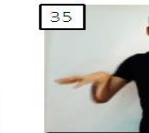


ANIMAL - BANANA



ANIMAL- ANDAR

Tabela 20- Tabela descritiva páginas 8 e 9

Texto fonte (Livro em Português)			
Página	Imagem do Livro	Texto em Português	
8		E cada noite dormia em uma lugar...Diferente.	
9		-Saia daí, vira-lata!	
Texto alvo (Vídeo em Libras)			
24	25	26	27
			
CÉU ESCURO	ANIMAL- ANDAR	ANIMAL- DEITAR	SOL NASCER
28	29	30	31
			
ANIMAL- ANDAR	CÉU ESCURO	ANIMAL-DEITAR	ANIMAL-ANDAR
32	33	34	35
			
ANIMAL-DEITAR	SOL NASCER	ANIMAL- ANDAR	LUGARS DIFERENTES

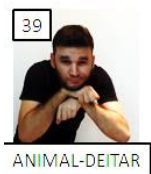
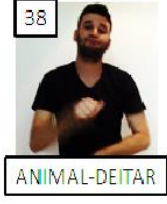


Tabela 21- Tabela descritiva páginas 10 e 11









Texto fonte (Livro em Português)							
Página	Imagem do Livro	Texto em Português					
10							
11							
Texto alvo (Vídeo em Libras)							
45		46		47		48	
ANIMAL-DEITAR		VENTAR		VENTAR FORTE		ANIMAL-ANDAR	
49		50		51			
FILA		PESSOA CHEGAR		GUARDA-CHUVAS VENTAR			

Tabela 22 - Tabela descritiva páginas 12 e 13
















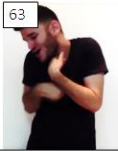





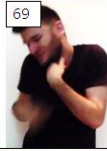



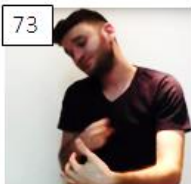
Texto fonte (Livro em Português)			
Página	Imagem do Livro	Texto em Português	
12		Certa noite, ele encontrou um abrigo.	
13			
Texto alvo (Vídeo em Libras)			
52	53	54	55
			
ANIMAL-ANDAR	PRÉDIO	PLACA	ABRIGO
56	57	58	58
			
ANIMAL-ANDAR	ESCADA	PESSOA SUBIR ESCADA	PESSOA ENTRAR
	59	60	
			
	PORTA ABRIR + PESSOA ENTRAR	ANIMAL ANDAR	

Tabela 23- Tabela descritiva páginas 14 e 15

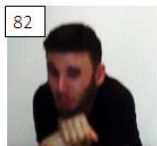
Texto fonte (Livro em Português)			
Página	Imagem do Livro	Texto em Português	
14		Lá dentro havia pessoas com frio e cansadas... como ele.	
15		Não havia espaço suficiente... nem comida para um cachorro.	
Texto alvo (Vídeo em Libras)			
61	62	63	64
			
ANIMAL-ANDAR	PESSOA-COM-FRIO	PESSOA-CUMPRIMENTAR-ANIMAL	PESSOA-COM-FRIO
65	66	67	68
			
PESSOA-CANSAR	CADEIRA-DE-RODAS	ANIMAL-CUMPRIMENTAR	ANIMAL-ANDAR
69	70	71	72
			
PESSOA-OLHAR-ANIMAL	ANIMAL-FRIO	ANIMAL-ANDAR	ANIMAL-ANDAR



MULHER-DO-
ABRIGO-COZINHAR

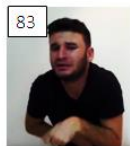
Tabela 24- Tabela descritiva páginas 16 e 17

Texto fonte (Livro em Português)			
Página	Imagem do Livro	Texto em Português	
16		Uma moça que trabalhava lá tentou botá-lo para fora. Mas o cachorro escapou e escondeu-se em um canto.	
17		- O que é que eu vou fazer com você? Ela lhe deu um biscoito... e lhe preparou uma cama.	
Texto alvo (Vídeo em Libras)			
74	75	76	77
COLOCAR-PANELA AO-LADO	PEGAR-ANIMAL-COLO	CARINHO	SEGURAR-ANIMAL
78	79	80	81
ANIMAL-PULAR	PESSOA-NEGAR	ANIMAL-ANDAR	ANIMAL-DEBAIXO-DA-MESA



82

ANIMAL-PARAR



83

ANIMAL-FOME



84

PEGAR-ANIMAL-COLO



85

CARINHO-NO-ANIMAL



86

COMO(?)



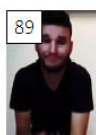
87

CARINHO-NO-ANIMAL



88

ANIMAL-COLO



89

COLOCAR ANIMAL ABAIXO



90

ESPERAR



91

CAIXA



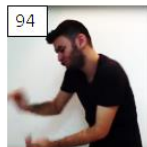
92

COBERTOR



93

PEGAR-ANIMAL



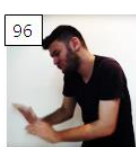
94

COLOCAR-ANIMAL-CAIXA



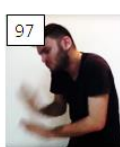
95

EMBRULHAR-ANIMAL



96

CARINHO-NO-ANIMAL



97

ESPERAR



98

ANIMAL-COM-FRIO



99

ESPERAR

Tabela 25- Tabela descritiva páginas 18 e 19

Texto fonte (Livro em Português)			
Página	Imagem do Livro	Texto em Português	
18			
19		<p>Na manhã seguinte, ela seguiu seu caminho... -Aqui não há lugar para um cão sem dono. Eu gostaria que você pudesse ficar.</p>	
Texto alvo (Vídeo em Libras)			
100	101	102	103
NUVENS	ESCURO	PRÉDIO	JANELA
104	105	106	107
ANIMAL-VER	CHUVA	BRISA	ANIMAL-COÇAR



108

OLHOS-FECHAR



109

ANIMAL-DORMIR



110

ACORDAR



111

MULHER



112

CABELO-CHANEL



113

PEGAR-ANIMAL



114

APOIAR-ANIMAL



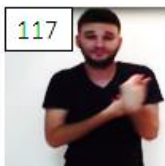
115

ABRIR -CAIXA



116

ANIMAL-PEGAR



117

APOIAR-ANIMAL



118

ABRIR-CAIXA



119

VOCÊ

120



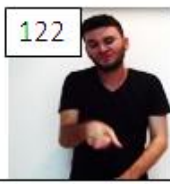
CUIDAR

121



NADA

122



VOCÊ

123



FICAR

124



NÃO-PODER

125



TUDO BEM?

126



TCHAU

127



VAI

128



TCHAU

129



ESPERAR

130



MAS

131



EU

132



QUERER

133



VOCÊ

134



SENTIR

135



IR EMBORA

Tabela 26- Tabela descritiva páginas 20 e 21

Texto fonte (Livro em Português)			
Página	Imagem do Livro	Texto em Português	
20		<p>O céu estava escuro e seu estômago, vazio. Ele procurou algo para comer e um lugar para dormir.</p>	
21		<p>- Espera! Ei, cachorro! Um voz chamou. Era a moça lá do abrigo. -Você gostaria de ir para casa comigo?</p>	
Texto alvo (Vídeo em Libras)			
136	137	138	139
CACHORRO	ANIMAL-COÇAR	ANIMAL-ANDAR	NUVENS
140	141	141	142
ESCURO	ANIMAL-FOME	ANIMAL-FOME	ANIMAL-ANDAR

143

ANIMAL-
PEGAR

144



ANIMAL-CAVAR

145



ANIMAL-COMER

146



ANIMAL-ANDAR

147



ANIMAL-PEGAR

148



ANIMAL-COMER

149



ANIMAL-ANDAR

150



VAZIO

151



ANIMAL-DEITAR

152



ANIMAL-DEITAR

153



AMANHECER

154



ANIMAL-ANDAR

155



VEÍCULO-PASSAR

156



CALÇADA

157



ANIMAL-CALÇADA-ANDAR

158



VER

159



PRÉDIO

160



VEÍCULOS-PASSAR

161



OUVIDO-LEVANTAR

162



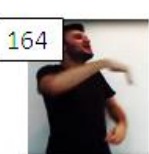
ESCUTAR

163



GRITAR

164



MULHER-CHAMAR

165

ANIMAL-
COÇAR

166

MULHER-
CHAMAR

167



ANIMAL-ANDAR

168



CHAMAR

169



ANIMAL-ANDAR

170



PEGAR-ANIMAL

171



ACARICIAR-ANIMAL

172



VOCÊ

173



QUERER

174



JUNTO

175



COMIGO

176



ANIMAL-ANDAR

177



ACARICIAR-ANIMAL

178



MULHER-ANDAR

Tabela 27- Tabela descritiva páginas 22 e 23

Texto fonte (Livro em Português)			
Página	Imagem do Livro	Texto em Português	
22		Eles saíram da cidade, e novos aromas encheram o ar.	
23		- Ele parece legal. -Oi! -Podemos ficar com ele?	
Texto alvo (Vídeo em Libras)			
179	180	181	182
CHAVE	PORTA-ABRIR	APOIAR-ANIMAL	PORTA-FECHAR
183	184	185	186
COBERTOR-PRENDER	CINTO-SEGURANÇA	AMARELO	DIRIGIR
187	188	189	190
PNEU RODAR	DIRIGIR	CABELO-VOAR	RÁPIDO



191

DIRIGIR



192

ANIMAL



193

LÍNGUA-VIBRAR



194

ANIMAL-FELIZ



195

DIRIGIR



196

CHEIRAR



197

ÁRVORES



198

VENTO



199

CACHORRO



200

VENTO



201

ANIMAL-
PARAR

202

DIRIGIR



203

FREIAR



204

DIRIGIR



205

PEGAR ANIMAL



206

ANDAR



207

APOIAR ANIMAL



208

TRÊS PESSOAS



209

PRIMEIRA



210

CABELO
REPARTIDO AO
MEIO

211



212



213



214

Tabela 28- Tabela descritiva páginas 24 e 25

Texto fonte (Livro em Português)		
Página	Imagem do Livro	Texto em Português
24		Sua nova família deu-lhe o primeiro banho de sua vida.
25		Eles desembaraçaram os nós de seu pelo. Deram-lhe comida especial... E um osso delicioso para roer.

Texto alvo (Vídeo em Libras)

ANIMAL	PELO-LISO	ESFREGAR	
CABELO-FRANJA-CHANEL	ESFREGAR	CABELO-CHANEL	
ENROLAR	OLHAR	ANIMADO	HOMEM

238	239	240	241
			
SEGURAR	ESFREGAR	ANIMAL	COÇAR
242	243	244	245
			
ANIMAL	EU	PRIMEIRA VEZ	BANHO
246	247	248	249
			
FAMÍLIA	NOVA	ANIMAL	CONVENCIDO
250	251	252	
			
ANIMAL-RECLAMAR	ESFREGAR	ANIMAL-RECLAMAR	
253	254	255	256
			
PELO-ARREPIADO	PEGAR	JOGAR	ANIMAL-COMER

257



MASTIGAR

258



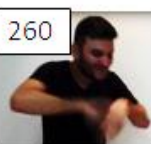
ANIMAL-COMER

259



ANIMAL-ANDAR

260



ANIMAL-CAVAR

261



ANIMAL-ANDAR

262



OSSO

Tabela 29- Tabela descritiva páginas 26 e 27

Texto fonte (Livro em Português)			
Página	Imagem do Livro	Texto em Português	
26		<p>Todos pensaram numa porção de nomes: Urso. Astro. Flecha. Radiador. Picasso. Mosca. Sigmund.</p>	
27		<p>Joca. Tuco. Bingo. Spot. Dudu. Dado. Rex!</p>	
Texto alvo (Vídeo em Libras)			
263	264	265	266
PENSAR	NOME	SINAL	PENSAR
267	268	269	270
COMO	CACHORRO	ANIMAL-ANDAR	MEU NOME
271	272	273	274
PALAVRAS	NOMES	SINAIS	QUAL
	275		
	ANIMAL-ANDAR		

Tabela 30- Tabela descritiva páginas 28 e 29





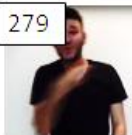









Texto fonte (Livro em Português)				
Página	Imagem do Livro	Texto em Português		
28		Mas quase sempre todos o chamavam de... Vira-Lata!		
29		Quem é o vira-lata mais sortudo do mundo?		
Texto alvo (Vídeo em Libras)				
276	277	278	279	
				
PENSAR	QUALQUER	DEIXAR	SINAL	
280	281	282	283	
				
O QUE	É	V-I-R-A-L-A-T-A	TRÊS PESSOAS ANDAR	
284	285	286	287	288
				
VER	APONTAR	CACHORRO	TER	SORTE

Tabela 31- Tabela descritiva páginas 30 e 31

Texto fonte (Livro em Português)			
Página	Imagem do Livro	Texto em Português	
30		Vira-lata é corajoso. Rápido e esperto.	
31		Ele é mansinho e leal e toda noite, quando vai dormir... Ele sabe que ali é o seu lugar.	
Texto alvo (Vídeo em Libras)			
289	290	291	292
CORAGEM	ANIMAL-ANDAR	RÁPIDO	ANIMAL-ANDAR
293	294	295	296
OBSERVAR	SER	ESPERTO	ANIMAL-ANDAR
297	298	299	300
CARINHO	UNIÃO	NOITE	SOFÁ


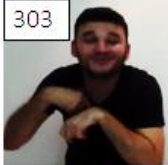




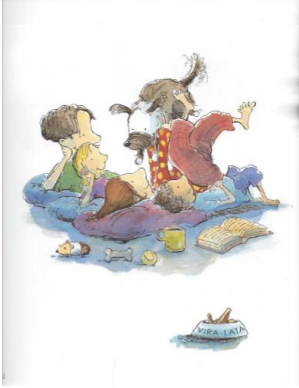










 301	 302	 303	 304
ANIMAL-ANDAR	ANIMAL-DEITAR	EU	DORMIR
 305	 306	 307	 308
SEMPRE	SEMPRE	ANIMAL-DEITAR	TRANQUILO
 309	 310	 311	
ANIMAL-DEITAR	GOSTOSO	ANIMAL-DEITAR	

Tabela 32- Tabela descritiva página 32

Texto fonte (Livro em Português)			
Página	Imagem do Livro	Texto em Português	
32			
Texto alvo (Vídeo em Libras)			
			
AMANHECER	FILA	QUATRO PESSOA	CHAMAR
			
PEGAR ANIMAL	BRINCAR	LEVANTAR ANIMAL	ANIMAL
			
ANIMAL LAMBER	FIM		